

# TORNANDO-ME DOUTOR/A:

memórias de ensino e aprendizagem



**Observatório**  
Edições

Organizadores:

**Gilson Pôrto Jr.**

**Sinomar Soares de Carvalho Silva**

**Audiodescrição:**

Capa do livro TORNANDO-ME DOUTOR/A: memórias de ensino e aprendizagem. Organizadores: Gilson Pôrto Jr. e Sinomar Soares de Carvalho Silva. Publicado sob o selo Observatório Edições. Capa retangular vertical com fundo que retrata o cérebro humano e suas conexões nervosas, em tons de amarelo e cores quentes. O topo tem o título do livro, em duas linhas, centralizado, seguido pelo subtítulo, em uma linha. No rodapé, à direita, o logotipo da Observatório Edições; e à esquerda, o nome dos organizadores Gilson Pôrto Jr. e e Sinomar Soares de Carvalho Silva. Fim da audiodescrição.

Gilson Pôrto Jr.  
Sinomar Soares de Carvalho Silva  
(Org.)

# **TORNANDO-ME DOUTOR/A: memórias de ensino e aprendizagem**

Observatório Edições  
2024

Diagramação/Projeto Gráfico: Gilson Pôrto Jr. /Sinomar Carvalho  
Arte de capa: Adriano Alves.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pelo Selo Observatório/OPAJE estão sob os direitos da Creative Commons 4.0  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T685

TORNANDO-ME DOUTOR/A: memórias de ensino e aprendizagem [recurso eletrônico] / Organização: Gilson Pôrto Jr., Sinomar Soares de Carvalho Silva. -- Palmas, TO: Observatório Edições, 2024.  
183 p.

Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-981820-5-2

1. Ensino. 2. Memória. 3. Aprendizagem. I. Pôrto Jr., Gilson. II. Silva, Sinomar Soares de Carvalho.

CDD 378.1553  
CDU 378.94  
LCC LB1028

Marcelo Diniz – Bibliotecário – CRB 2/1533. Resolução CFB 184/2017.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Observatório Edições e/ou do OPAJE/UFT. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Todos os textos foram avaliados por pares (duplo-cego).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

**REITOR**  
Prof. Dr. Luís Eduardo Bovolato

**Pró-Reitor de Graduação**  
Prof. Dr. Eduardo Cezari

**VICE-REITOR**  
Prof. Dr. Marcelo Leinerker  
Costa

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**  
Prof. Dr. Raphael Sanzio Pimenta

**Pró-Reitor de Extensão e Cultura**  
Profa. Dra. Maria Santana Ferreira dos Santos

**Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT)**

Dra. Erika da Silva Maciel  
Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior  
Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma  
Dr. José Lauro Martins  
Dr. Nelson Russo de Moraes  
Dr. Rodrigo Barbosa e Silva  
Dra. Marli Terezinha Vieira

**SELO EDITORIAL Observatório/OPAJE  
CONSELHO EDITORIAL**

**PRESIDENTE**  
Prof. Dr. José Lauro Martins

**Membros:**

**Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
(UNESP), Brasil

**Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva**  
Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

**Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista**  
Universidade de Caxias do Sul; Universidade Federal do Amazonas, Brasil

**Profa. Dra. Thais de Mendonça Jorge**  
Universidade de Brasília (UnB), Brasil

**Prof. Dr. Fagnó da Silva Soares**  
Clio & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História Oral e Memória – Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Brasil

**Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro**  
Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

**Prof. Dr. José Manuel Pelóez**  
Universidade do Minho, Portugal

**Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes**  
Universidade Estadual do Tocantins, Brasil

## Como referenciar este livro - ABNT NBR 6023

### Documento no todo

PÔRTO JR, Gilson; SILVA; Sinomar Soares de Carvalho (orgs.). **TORNANDO-ME DOUTOR/A**: memórias de ensino e aprendizagem. Palmas, TO: Observatório Edições, 2024. 183 p. ISBN 978-65-981820-5-2.

### Os capítulos

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Título do resumo. *l/r*.  
PÔRTO JR, Gilson; SILVA; Sinomar Soares de Carvalho (orgs.). **TORNANDO-ME DOUTOR/A**: memórias de ensino e aprendizagem. Palmas, TO: Observatório Edições, 2024.. p. XX-XX. ISBN 978-65-981820-5-2.

## SUMÁRIO

### **DE COMO SE CONTAM HISTÓRIAS, OU UM PREFÁCIO / 09**

Gilson Pôrto Jr. e Sinomar Soares de Carvalho Silva

### **Capítulo 1 – CAMINHOS ACADÊMICOS: uma jornada pessoal/ 13**

Alessandra Furtado De Oliveira

### **Capítulo 2 – COMO ME TORNEI PROFESSORA? Duas narrativas da mesma história / 37**

Caroline Moreira de Oliveira

### **Capítulo 3 – PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO ENXERGA E QUE NÃO VÊ / 57**

Humberto Bethoven Pessoa de Mello

### **Capítulo 4 – VALORIZANDO EXPERIÊNCIAS, RECONHECENDO EQUÍVOCOS: minha história / 75**

Alessandro Câmara de Souza

### **Capítulo 5 – CAMINHOS PERCORRIDOS: minha trajetória profissional / 97**

Aline dos Santos Ribeiro

### **Capítulo 6 – DAQUI EU VEJO A SERRA / 109**

Sinomar Soares de Carvalho Silva

### **Capítulo 7 – HISTÓRIA PINTADAS: a trajetória de um professor artista / 119**

Adriano Alves da Silva

**Capítulo 8 – ELA ACREDITOU QUE PODERIA MUDAR O MUNDO,  
ENTÃO TORNOU-SE PROFESSORA / 139**

Leiliane Domingues da Silva

**Capítulo 9 – O QUE FUI, O QUE SOU, QUEM SEREI? Respostas que  
são postas pela deriva da vida / 149**

Kelly Pereira da Silva

**Capítulo 10 – NÃO DEIXEI A VIDA ME LEVAR / 169**

Paulo Henrique Freire Bourdette Ferreira

**INDÍCE REMISSÍVO / 179**

**SOBRE OS ORGANIZADORES / 181**



## DE COMO SE CONTAM HISTÓRIAS, OU UM PREFÁCIO

---

O objetivo desta coletânea é compreender a trajetória dos autores, reconhecendo-os como responsáveis por sua historicidade. A pergunta que guiou a construção destes textos foi: Como me tornei professor/a?

As produções que compõem este livro foram desencadeadas em uma disciplina ministrada no Doutorado em Ciências, Tecnologia e Inclusão, da Universidade Federal Fluminense e busca, por meio de memoriais acadêmicos, mostrar como futuros doutores, docentes e formadores de profissionais para o mercado e para a vida, enxergam seu passado, de forma crítica, e como sua história moldou o docente em que se tornou.

Esta é uma coletânea de fronteira. Você vai encontrar ao final de alguns textos as referências, próprias de trabalhos acadêmicos. No seu interior, outros elementos como citações

diretas, indiretas, notas de rodapé, componentes obrigatórios para dar forma às produções científicas.

Mas encontrará também debates que não cabem nos objetivos, metodologia, discussão de resultados, Lattes e demais elementos do meio acadêmico. Você vai ler a história de uma mulher nascida em Angra dos Reis que com ajuda de um anjo da guarda e da disciplina e, resiliência adquiridas com a prática da ginástica rítmica, conseguiu revolucionar a identidade pedagógica de uma escola de sua cidade.

Vamos ler também a incrível história de um menino de família pobre, perseguido pela ditadura militar, que com apoio da família, das escolas por onde passou, conseguiu ajudar a implantar mais de 60 salas de recursos multifuncionais em sua cidade e no doutorado da UFF tem desenvolvido uma interessante tecnologia assistiva.

Outras histórias presentes neste livro são igualmente importantes e mostram que a construção do professor é reflexo das vivências, o que não é, por óbvio, uma descoberta. Contudo, ao ler estes textos temos a clara percepção de como o entrelaçamento entre família, alegrias, perdas, tragédias forjam os profissionais docentes.

Em um dos textos vemos a história de uma menina que seguiu a profissão da mãe, passou por alguns eventos no presente que repetiram o passado, mas assim como a mãe tornou-se professora e um encontro nas águas, literalmente, a levou a trabalhar com crianças autistas, atuando no Núcleo de Psicomotricidade Relacional no Programa de Enriquecimento de Ambiente da Associação Caminho Azul, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro.

A coletânea é composta por outras histórias inspiradoras e simbólicas de como o Brasil é um país diverso e diversas são as

possibilidades de construção da identidade docente. Você vai ler também a história de um paulista, filho de retirantes baianos, que desde cedo começou a viver de arte e hoje estuda arteterapia e inclusão; de uma mineira que se incomodou com a falta de representatividade de pessoas com deficiência nos livros didáticos de História e hoje possui uma vasta produção sobre o tema.

Mas há também na coletânea história de profissionais que não se encontraram ainda na docência, estão a buscar seus caminhos. E de forma contrária, duas histórias de mulheres que desde cedo, tendo o “brincar de escolinha” como brincadeira preferida, já se enxergavam como professoras.

Este prefácio não segue o padrão de outros prefácios da Observatório Edições. De forma proposital não nomeamos aqui os autores das obras para que você possa ir descobrindo a medida que vai lendo as histórias de como estes autores tornaram-se docentes, como um menino de Salvador que adotou o Rio de Janeiro como sua cidade, e hoje luta por melhores condições de vida para as camadas mais pobres da sociedade, aliás, ele está nesta luta desde as Diretas Já, ou a história de um menino que nasceu com baixa visão, e com o apoio da família, da religião e da fé na educação, conseguiu chegar ao doutorado e a docência.

Durante os quatro anos do doutorado lemos textos mecânicos, carregados de muitas informações em cada parágrafo. O objetivo desta coletânea é ser um alívio temporário, entre uma leitura pesada e outra, composta por boas histórias, tocantes, encorajadoras que nos farão renovar nossa fé nas pessoas, na educação e na certeza de uma sociedade mais inclusiva. Boa Leitura!

Palmas, Tocantins, outono de 2024

Os organizadores



# CAMINHOS ACADÊMICOS: uma jornada pessoal

---

Alessandra Furtado de Oliveira

*Inclusão, educação, justiça.  
Diversidade, diferenças, respeito. Convivência,  
tolerância, paz. Palavras soltas que, conectadas e  
incorporadas à nossa vida, resultam  
Num mundo melhor.  
Joseli Barros.*

## INTRODUÇÃO

Este memorial acadêmico apresenta uma reflexão sobre minha trajetória educacional e profissional, destacando as principais experiências, aprendizados e contribuições ao longo do meu percurso acadêmico. O objetivo deste trabalho é fornecer uma visão abrangente sobre minha formação, ressaltando a importância das diferentes etapas e desafios enfrentados, bem como as conquistas alcançadas no decorrer do processo. Trata de um apanhado sobre um período de estudo muito profícuo.

Os memoriais se revelaram uma amostra modesta, porém vigorosa, do que vem sendo produzido no campo da educação por pensadores de grande prestígio no meio

acadêmico e educacional brasileiro. Mais do que isso, uma real oportunidade de o autor desenvolver ideias, explicar trabalhos e conquistas, deixando-se que o próprio sujeito apresente quem ele é e que avalie, de modo crítico, sua relação com a educação. (Rego, 2014, p.783)

Ao longo dos anos tive a oportunidade de me envolver em diversos projetos e atividades que me permitiram desenvolver habilidades essenciais para a formação acadêmica. Desde os primeiros anos da graduação até a realização de pesquisas avançadas, fui capaz de explorar diferentes áreas do conhecimento e aprofundar meu entendimento sobre temas específicos relacionados à minha área de estudo.

Durante minha graduação, tive a chance de participar de projetos de pesquisa e estágios, onde adquiri conhecimentos práticos e aprimorei minha capacidade de trabalhar em equipe. Essas experiências foram fundamentais para o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, análise crítica e resolução de problemas, proporcionando uma base sólida para o prosseguimento dos meus estudos.

Após a graduação, busquei ampliar meus horizontes acadêmicos ao ingressar em um programa de mestrado. Essa etapa da minha formação permitiu-me aprofundar-me em minha área de interesse e explorar questões relevantes e atuais. A realização da minha pesquisa de mestrado proporcionou-me um valioso aprendizado sobre metodologias de pesquisa e análise de dados, além de me permitir contribuir para o conhecimento existente em meu campo de estudo. Além das atividades de pesquisa, também me dediquei ao ensino, ministrando aulas e orientando alunos em disciplinas relacionadas ao meu campo de especialização. Essa experiência permitiu-me desenvolver habilidades de comunicação

e transmitir conhecimento de forma clara e concisa, contribuindo para a formação de futuros profissionais na área.

Por fim, este memorial acadêmico também ressalta meu compromisso contínuo com o aprendizado e o aprimoramento profissional. Destaco meu interesse em continuar contribuindo para a pesquisa e o avanço do conhecimento em minha área, buscando oportunidades de participar de projetos colaborativos e eventos acadêmicos que promovam o compartilhamento de ideias e a interação com outros pesquisadores.

Em seguida vou detalhar como foram as etapas relacionadas a minha formação, bem como as instituições e atribuições que trilhei para lapidar e enriquecer os meus conhecimentos, e os que adquiri ao longo dessa trajetória acadêmica.

## **O PERÍODO QUE ANTECEDEU AO MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO – CMPDI/UFF**

Sou graduada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases (FAFIC), curso que concluí no ano de 1996, ainda em Minas Gerais. Nesse mesmo ano, concomitante a faculdade, que era cursada no turno da noite, realizava complementação no turno da manhã, das matérias para o curso de professor de 1º grau, que na época era chamado de Curso Normal.

No ano de 1999, concluí meu curso de Especialização em História do Brasil, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Durante esse curso me foi oportunizado ter aulas da disciplina de Igreja, Poder e Sociedade no Brasil.

O professor que a ministrava tinha uma série de restrições motoras e, sempre foi um grande ativista pela causa das pessoas

com deficiência. Durante seu curso sobre o papel da Igreja na sociedade brasileira, sempre destacava as atribuições assistencialistas da instituição e o lugar da pessoa com deficiência neste sistema. Foi um dos meus primeiros contatos acadêmicos com a temática.

Também em 1999, iniciei minha primeira experiência docente como professora de História, em Niterói. Num primeiro momento lecionando apenas na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA) e, posteriormente, passei a trabalhar com Ensino Médio. Durante o período que trabalhei neste colégio não havia crianças com deficiência matriculadas, o que, ao meu ver, devia-se a falta de propostas pedagógicas inclusivas e até mesmo de uma estrutura física adequada.

No ano de 2008, fui contratada como professora de História do Ensino Fundamental II e Ensino Médio em São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. E foi nele que tive minhas primeiras experiências docentes envolvendo pessoas com deficiência. Neste colégio deparei-me com um projeto pedagógico que buscava a inclusão e com profissionais especializados. Havia também uma estrutura física adequada e uma Sala de Recursos Multifuncionais onde se disponibilizam recursos pedagógicos pensados para as diversas deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Em 2011, comecei a trabalhar no município de Niterói, como professora dos níveis Fundamental II e EJA. O município de Niterói se destaca em suas políticas de inclusão na educação, o que me proporcionou a oportunidade de me aprofundar sobre as questões que dizem respeito a este universo.

Desde a década de 1980, com a promulgação da chamada Constituição Cidadã, a rede escolar municipal niteroiense mobilizou esforços no sentido de promover a inclusão de alunos com deficiência, procurando garantir os novos direitos estabelecidos. A



Fundação Municipal de Educação (FME) conta com uma Coordenação de Educação Especial, instituída especialmente para garantir a inclusão.

Nas escolas municipais também foram instaladas Salas de Recursos Multifuncionais, que têm como objetivo a adequação pedagógica por meio de um Atendimento Educacional Especializado (AEE). Desde o princípio sempre me chamou atenção a forma como todo esse trabalho era desempenhado, as formações e o desempenho de toda a equipe especializada. Em inúmeras ocasiões tivemos oportunidades de trabalhar em conjunto buscando uma maneira que permitisse o acompanhamento adequado do conteúdo programático curricular, bem como um esforço pela socialização dos alunos no contexto das turmas regulares.

Por diversas vezes desenvolvemos trabalhos em conjunto, envolvendo até mesmo outros setores da FME como a Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias, utilizando de recursos tecnológicos para promover atividades lúdicas como a produção de vídeos, o Projeto de Robótica Educacional, que também envolvia História, dentre outras atividades. Entretanto, apesar destes esforços, sempre sentia falta a representatividade de pessoas com deficiência nos livros didáticos, especialmente os de História.

Minha proposta e projeto encaminhado ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) ganhou corpo ao longo das experiências profissionais que vivenciei e das minhas conseqüentes angústias e frustrações. A educação inclusiva é um desafio diário e, apesar dos esforços históricos neste sentido ainda há muito que se caminhar. Enquanto professora sempre encontrei dificuldade para acessar informações sobre a história das pessoas com deficiência, seus movimentos políticos e personalidades destacadas. Por isso eu tinha como proposta a criação de um e-book em multiformato que poderia auxiliar o

professor de História a elaborar aulas que possibilitem a contemplar a história da pessoa com deficiência no Brasil, atrelando-a aos conteúdos curriculares regulares e aos processos históricos gerais. Este material, apesar de preconizar a História, teria aplicação multidisciplinar o que ampliaria ainda mais sua abrangência.

Entre os anos de 2018 até 2021 exerci o cargo de Diretora Adjunta, na Escola Municipal Honorina de Carvalho, função essa que me permitiu apresentar propostas concretas e planos de ação efetivos, nas salas de aula de turmas regulares ou com as equipes da Sala de Recursos Multifuncionais. Ao ingressar no Programa de Mestrado do CMPDI, pretendia ampliar meus conhecimentos e de alguma forma contribuir para a construção de uma educação de qualidade, e verdadeiramente inclusiva.

O tema central da minha proposta de pesquisa para o mestrado é a invisibilidade da pessoa com deficiência nos livros oficiais de História do Brasil. Ao longo dos anos, tenho observado uma lacuna significativa na representação e na narrativa histórica das experiências e contribuições das pessoas com deficiência em nossa sociedade. Essa ausência histórica é problemática, pois perpetua estereótipos, promove a exclusão e dificulta o avanço dos direitos e

da inclusão desses indivíduos (Silva, 2014). Por meio desta pesquisa, pretendo analisar criticamente os conteúdos dos livros oficiais de História do Brasil, identificando as razões por trás dessa invisibilidade e propondo caminhos para uma representação mais inclusiva.

A exclusão da pessoa com deficiência nos livros de História contribui para a marginalização desse grupo e para a perpetuação de uma visão limitada da diversidade humana. Essa omissão histórica reflete-se na falta de compreensão e consciência social sobre a deficiência, bem como na falta de políticas públicas e

medidas efetivas para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades. Ao investigar essa temática, buscarei analisar as razões históricas, sociais e políticas por trás dessa invisibilidade, bem como as possíveis consequências negativas para a sociedade como um todo (Clemente; Shimono, 2015).

A pesquisa proposta pretende contribuir para a construção de uma narrativa histórica mais abrangente e inclusiva, na qual a pessoa com deficiência seja reconhecida como agente ativo na história do Brasil. Por meio da análise crítica dos livros oficiais de História, buscarei identificar as lacunas existentes e propor alternativas que valorizem as contribuições e as lutas enfrentadas pelas pessoas com deficiência ao longo do tempo. Acredito que essa pesquisa pode trazer à tona histórias, experiências e conquistas que foram silenciadas, promovendo a conscientização e a valorização da diversidade humana, bem como subsidiando políticas públicas mais inclusivas e eficazes.

## **DURANTE O MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO**

Ingressar no curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, promovido pela UFF em 2021, foi de extrema importância para minha trajetória acadêmica e profissional. Esse programa ofereceu uma oportunidade única de aprofundar meus conhecimentos sobre as temáticas da diversidade e inclusão, além de proporcionar uma formação sólida e atualizada nessa área em constante evolução. O mestrado profissional me permitiu explorar questões teóricas e práticas relacionadas à inclusão de forma aprofundada, desenvolvendo habilidades de pesquisa e análise crítica que serão fundamentais para minha atuação profissional.

Durante o curso, aproveitei ao máximo as disciplinas e atividades propostas, bem como a interação com os professores e colegas de turma. Além disso, busquei contribuir ativamente para o campo da diversidade e inclusão por meio de projetos de pesquisa e intervenção. Tenho a convicção de que essa experiência no Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão me proporcionou ferramentas e conhecimentos fundamentais para enfrentar os desafios e atuar de forma efetiva na promoção de uma sociedade mais inclusiva. Ao longo do curso, busquei explorar novas perspectivas que contribuíssem para o avanço da diversidade e inclusão em nossa sociedade.

Participei do curso "Introdução a Libras", promovido pela Escola Nacional de Administração Pública. Durante o curso, tive a oportunidade de aprender sobre a Língua Brasileira de Sinais e sua importância na inclusão de pessoas com deficiência auditiva. Ao longo das aulas, pude desenvolver habilidades básicas de comunicação em Libras, bem como compreender aspectos culturais e linguísticos dessa língua. O curso proporcionou uma visão abrangente sobre a acessibilidade e a importância de promover a inclusão em diferentes contextos sociais.

Pude participar do I Workshop Ibero-Americano de Educação Inclusiva, durante os dias 14 a 16 de abril de 2021. O workshop teve como objetivo discutir práticas inclusivas na área educacional, promovendo a troca de experiências entre profissionais e pesquisadores da América Latina e da Península Ibérica. Durante o evento, pude assistir a palestras e mesas-redondas enriquecedoras, que abordaram temas como adaptação curricular, acessibilidade e políticas públicas para a inclusão. A participação no workshop ampliou minha compreensão sobre a importância da educação inclusiva e me inspirou a buscar maneiras de contribuir para essa área. No dia 15/04/2021, apresentei uma comunicação oral durante o evento. A atividade proporcionou um

espaço para compartilhar minhas pesquisas e reflexões sobre educação inclusiva com os demais participantes. Durante minha apresentação, discuti os desafios enfrentados na implementação de práticas inclusivas em escolas brasileiras, além de compartilhar estratégias e experiências bem-sucedidas. Essa oportunidade me permitiu interagir com outros pesquisadores e profissionais, recebendo feedback valioso e estabelecendo contatos importantes na área.

Ao participar desses eventos, tanto do curso "Introdução a Libras" quanto do I Workshop Ibero-Americano de Educação Inclusiva, pude enriquecer meu conhecimento e ampliar minha perspectiva sobre a inclusão e acessibilidade. A troca de experiências e o contato com especialistas na área fortaleceram minha motivação em buscar soluções efetivas para promover a inclusão de pessoas com deficiência em diferentes contextos. Além disso, a participação no workshop me permitiu compartilhar minhas próprias pesquisas e ideias, contribuindo para o avanço do campo da educação inclusiva.

Tive o privilégio de participar do 2º Congresso & Encontro Internacional Sobre o Transtorno do Espectro e Autismo, um evento online que ocorreu no período de 19/06/21 a 27/06/2021. Durante esses nove dias intensos, participei tanto como ouvinte quanto fazendo parte da Organização, e tive a oportunidade de acessar uma ampla variedade de palestras, mesas-redondas e workshops com renomados especialistas na área. O evento abordou questões cruciais relacionadas ao transtorno do espectro autista, como diagnóstico, terapias, inclusão educacional e qualidade de vida. Ao participar do congresso, pude expandir meus conhecimentos sobre o tema, atualizar-me em relação às últimas pesquisas e práticas e me conectar com uma rede de profissionais engajados na promoção da inclusão e bem-estar das pessoas com autismo.

Ao fazer parte da Organização do Evento atuei como membro da equipe e contribuí para a logística, planejamento e execução do congresso. Essa oportunidade de envolvimento direto me permitiu adquirir uma compreensão mais profunda sobre a organização de um evento de grande escala e a importância de cada detalhe na criação de uma experiência significativa para os participantes. Através dessa participação ativa, pude aprimorar minhas habilidades de coordenação, comunicação e trabalho em equipe, ao mesmo tempo em que fortaleci minha rede de contatos com profissionais dedicados à causa do autismo.

Ainda no ano de 2021, participei da formação intitulada "O uso de tecnologias e metodologias ativas para uma escola inclusiva", promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Nova Friburgo, por meio do Canal do Youtube, que foi realizado no dia 30/09/21. Durante a formação, pude explorar o potencial das tecnologias e metodologias ativas na construção de uma escola inclusiva e participativa. O conteúdo abordou estratégias pedagógicas inovadoras, ferramentas digitais e práticas inclusivas que promovem a aprendizagem significativa dos estudantes. Essa formação foi extremamente relevante, pois me atualizou sobre as tendências educacionais contemporâneas e ampliou meu repertório de recursos e abordagens para promover a inclusão na sala de aula.

Outro evento significativo em que participei foi o IV Congresso Amazônico de Educação a Distância – Aprendizagens Amazônicas: Culturas e Diversidade. Nesse congresso, tive a oportunidade de participar como ouvinte e também na modalidade de Relato de Experiências Inovadoras, absorvendo conhecimentos valiosos sobre as peculiaridades da educação a distância na região amazônica. Durante o evento, tive acesso a palestras e mesas-redondas que exploraram a temática da aprendizagem na região amazônica, levando em consideração a diversidade cultural e a

realidade sociopolítica local, e as práticas pedagógicas inovadoras que promovem uma aprendizagem significativa. Através dos relatos de experiências, pude compartilhar minha prática pedagógica, destacando a importância da valorização das culturas regionais compartilhando minha prática pedagógica e contribuindo para a discussão sobre o tema.

No evento de abertura tive a oportunidade de assistir a uma palestra sobre acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência por meio da tecnologia. Durante o Mês Nacional da Ciência e Tecnologia 2021, ministrei uma palestra sobre o uso de tecnologias assistivas e metodologias ativas para uma escola inclusiva. Foi uma experiência muito enriquecedora para meus conhecimentos sobre a aplicação prática dessas ferramentas rumo a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva e acessível.

Ao longo desses eventos, participei de diversas oficinas e workshops que abordaram diferentes temáticas, como bibliometria e indicadores científicos, o uso da plataforma Wonderwall, introdução paleográfica à pesquisa e ao ensino de história, e o uso do Google Forms gamificado. Essas atividades proporcionaram uma aprendizagem prática e aprofundaram meu conhecimento em áreas específicas. Também ministrei uma palestra sobre o uso de tecnologias assistivas e metodologias ativas para uma escola inclusiva.

Outro evento que participei foi o V Colóquio de Educação Escolar e a 36ª Semana de Pedagogia. Além disso, tive a oportunidade de apresentar um relato de experiência. Essa apresentação foi uma oportunidade de compartilhar minha vivência e reflexões sobre práticas pedagógicas inovadoras. Através do relato, pude destacar o impacto positivo dessas práticas no processo de ensino-aprendizagem, bem como suas contribuições para a formação integral dos estudantes. Essa participação no colóquio foi um momento importante para a disseminação do

conhecimento e a troca de experiências com outros profissionais da área da educação.

Poder participar desses eventos foi fundamental para minha formação e aprimoramento profissional. Essas experiências nos proporcionam ambientes de aprendizagem enriquecedores, e nos permite conhecer novas abordagens pedagógicas, trocar experiências com outros profissionais e fortalecendo dessa forma nosso compromisso com a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade.

No geral, essas participações em congressos, colóquios, palestras e oficinas me proporcionaram um ambiente de aprendizado enriquecedor, permitindo-me ampliar meus conhecimentos, compartilhar minhas experiências e estabelecer conexões com profissionais da área da educação. Durante o ano de 2021, tive a oportunidade de participar de diversos eventos acadêmicos que enriqueceram minha formação e ampliaram meu conhecimento na área da educação. Um desses eventos foi o I Congresso Luso-brasileiro de Divulgação Científica e Resiliência Universitária, promovido pelo Laboratório de Audiovisual Científico (Lab Ciências) da Universidade Federal Fluminense. Realizado de forma online, o evento abordou temas relevantes relacionados à divulgação científica e à resiliência no contexto universitário. Durante os quatro dias de evento, tive a oportunidade de participar de palestras, mesas-redondas e apresentações de trabalhos.

Outro evento que participei foi o III Colóquio Nacional de Educação Escolar, organizado pela UNIR (Universidade Federal de Rondônia). O colóquio, realizado de forma online, teve como objetivo discutir os desafios e as perspectivas da educação escolar no contexto atual. Durante os três dias de evento, tive a oportunidade de participar de diversas atividades, como palestras, rodas de conversa e conferências. O colóquio proporcionou um espaço de reflexão e troca de experiências entre os participantes,



contribuindo para o aprimoramento das práticas educacionais e o fortalecimento do debate sobre os dilemas e as demandas da educação escolar.

Durante o III Colóquio Nacional de Educação Escolar, participei de uma conferência intitulada "A educação e a educação popular: memórias do passado e dilemas do presente", que abordou a importância da educação popular e suas interfaces com a educação formal. Essa conferência proporcionou uma reflexão crítica sobre os desafios enfrentados pela educação e a relevância de práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social. Além disso, participei de rodas de conversa sobre ética e pesquisa em educação, onde pude compartilhar experiências e discutir questões éticas relacionadas à pesquisa na área educacional. Também participei de rodas de conversas sobre educação escolar e diversidade, onde foram abordados temas como inclusão, equidade e valorização da diversidade na escola, e sobre saúde mental, educação escolar e pandemia, e também sobre a resolução 02 e curricularização da extensão.

Essas atividades proporcionaram um espaço de discussão e reflexão sobre os desafios enfrentados durante a pandemia e a importância da saúde mental no contexto educacional. Ao participar dessas rodas de conversa, pude compartilhar experiências e ouvir diferentes perspectivas, enriquecendo meu conhecimento e contribuindo para a busca de soluções e estratégias que promovam o bem-estar dos estudantes e profissionais da educação. Essas atividades foram enriquecedoras, proporcionando um espaço de diálogo e reflexão sobre temas relevantes da educação.

Minha participação nesses eventos contribuiu para meu desenvolvimento acadêmico e profissional, ampliando meu repertório teórico e proporcionando o contato com diferentes perspectivas e práticas educacionais. Essas experiências certamente

influenciarão minha trajetória acadêmica, alimentando minha curiosidade intelectual e inspirando futuras pesquisas e ações no campo da educação. Estou grata pelas oportunidades proporcionadas por esses eventos e aguardo ansiosa por futuras participações em eventos similares, que certamente contribuirão para minha formação contínua e meu engajamento. Além disso, participei de uma conferência intitulada "Universidade pública: fundamentos e desafios", que trouxe reflexões sobre a importância da universidade pública e os desafios enfrentados atualmente. Essa conferência foi uma oportunidade de compreender a relevância da educação superior pública e os dilemas que permeiam sua existência, contribuindo para uma visão mais ampla e crítica sobre o papel da universidade na sociedade.

No âmbito das oficinas e minicursos, destaco a participação na oficina "Aprendendo a criar um protocolo para leitura e compreensão de texto" e no minicurso "Ler em inglês na pós-graduação. E agora? Estratégias de leitura instrumental para o letramento científico". Essas atividades foram enriquecedoras, proporcionando técnicas e ferramentas para aprimorar minhas habilidades de leitura e compreensão de textos acadêmicos, especialmente no contexto da pós-graduação. Também, participei de um minicurso que abordou estratégias de acolhimento de crianças em período de luto durante a pandemia. Essa temática sensível e importante trouxe reflexões sobre como lidar com o luto no ambiente escolar, buscando estratégias e abordagens adequadas para apoiar as crianças nesse processo.

No mesmo Colóquio tive a oportunidade de submeter um trabalho, que foi aceito e pude apresentar na modalidade de "Relato de Experiência", intitulado "Beleza da terra, para a beleza da pele", em parceria com Bárbara Cristina Nóvoa e Silva Gonçalves e Ruth Maria Mariani Braz. Esse trabalho foi apresentado na modalidade online e contribuiu para a discussão sobre práticas

pedagógicas e formação de professores, tendo como base a temática da valorização da terra e as possibilidades de extrair dela produtos que possam contribuir para a beleza sem grandes custos.

Ainda durante o ano de 2021, participei como tutora no Curso de Extensão: Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia-COVID-19, e dessa forma pude contribuir com a formação de profissionais da educação, atuando como mediadora e facilitadora de aprendizagem. Essa experiência, realizada em parceria com o Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - CMPDI/UFF e o Ministério da Educação, foi fundamental para ampliar meus conhecimentos sobre estratégias e recursos para promover a inclusão educacional em tempos de pandemia. Pude compartilhar informações, experiências e práticas que visavam apoiar estudantes com necessidades educacionais especiais.

Ainda no Curso de Extensão: Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia-COVID-19, tive a oportunidade de atuar como oficinaira em duas atividades durante o mesmo curso de extensão. Na oficina "Tecnologia Assistiva: um fazer inclusivo na escola", pude abordar a importância das tecnologias assistivas como ferramentas de inclusão no ambiente escolar. Já na oficina "A importância da Psicomotricidade na Alfabetização através das Metodologias Ativas", explorei a relevância da psicomotricidade no processo de alfabetização, destacando a importância das metodologias ativas nesse contexto.

Ambas as experiências permitiram compartilhar conhecimentos e práticas que visavam fortalecer a inclusão e o desenvolvimento dos estudantes. Durante o I Seminário Internacional de Pensamento Computacional para Inclusão, evento promovido pelo grupo de estudos do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - CMPDI e pelo Programa de Pós-graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão - PGCTIN,

ambos da Universidade Federal Fluminense/UFF, com o apoio do CEDERJ, tive a responsabilidade de coordenar as atividades de cerimonial, garantindo o bom andamento das apresentações e proporcionando um ambiente acolhedor e inclusivo para todos os participantes.

Também participei como membro da comissão organizadora do mesmo seminário, contribuindo para o planejamento e organização do evento. Essa experiência permitiu-me vivenciar os bastidores de um grande evento acadêmico, bem como desenvolver habilidades de gestão e trabalho em equipe. Durante esse evento apresentei dois trabalhos, "O uso do Desenho Universal como facilitador de um trabalho interdisciplinar na escola: O lixo que vira luxo" e "Planejando o uso do desenho universal como facilitador de uma educação realmente inclusiva".

Essas apresentações proporcionaram um espaço de compartilhamento de experiências e reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas e o papel do desenho universal no contexto educacional. Também participei do 1º Seminário Brasileiro sobre Avaliação Biopsicossocial da Deficiência, realizado em Brasília/DF. E nesse seminário, aprofundi meus conhecimentos sobre avaliação biopsicossocial e seu papel na promoção da inclusão de pessoas com deficiência.

Pude integrar a comissão científica do I Congresso das Tensões às Inovações: Novos Olhares para as práticas da Educação Básica, promovido pela Escola de Inclusão da Universidade Federal Fluminense/UFF. Onde participei do processo de seleção de trabalhos e contribuí para a organização do evento, que teve como objetivo promover a discussão e o compartilhamento de práticas inovadoras na educação básica. Por fim, tive a oportunidade de realizar uma apresentação no II Encontro Acessibilidade e Inclusão na Arte e no Patrimônio, realizado pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa/Portugal. A apresentação, intitulada

"Ressignificando e (in)cluindo: uma visão do Colégio Cataguases sob a ótica da inclusão, a partir do desenho universal de aprendizagem", permitiu compartilhar as experiências vivenciadas no Colégio Cataguases, destacando a importância do desenho universal de aprendizagem como uma abordagem inclusiva e acessível para todos os estudantes.

Todo esse período e experiências foram extremamente enriquecedoras, proporcionando aprendizado, troca de conhecimentos e contribuições para a promoção de uma educação mais inclusiva e acessível. Ao longo do meu percurso, tive a oportunidade de contribuir na produção de diversos artigos e resumos, abordando temas relevantes relacionados à educação inclusiva, tecnologia e pesquisa. Alguns desses trabalhos foram publicados em periódicos científicos renomados e apresentados em eventos acadêmicos de destaque. A seguir, apresento os artigos e eventos nos quais tive participação:

- "Bases biológicas da surdez" foi publicado na revista *Research, Society and Development*, volume 10, número 10, com o identificador e16101018656. O artigo aborda aspectos relacionados às bases biológicas da surdez, contribuindo para a compreensão dessa condição.

- "Relato de pesquisa sobre a inclusão de uma aluna com diagnóstico da síndrome rara de Dandy-Walker" foi publicado na revista *Research, Society and Development*, volume 10, número 12, com o identificador e248101220431. Esse trabalho relata uma pesquisa que investigou a inclusão de uma aluna com essa síndrome específica, oferecendo insights e reflexões importantes sobre o tema.

- "Relato de experiência sobre a prevenção da dengue com crianças vulneráveis utilizando a EaD e sustentabilidade" foi submetido no evento I Congresso Amazônico de Educação a Distância. O trabalho foi desenvolvido em coautoria com Alessandra Furtado de Oliveira,

Roberta Carvalho de Souza, Sergio Crespo Coelho da Silva Pinto e Ruth Maria Mariani Braz.

- "Olhares distintos: a mulher com impedimento auditivo no cinema" foi submetido à revista Trama Interdisciplinar e publicado na edição de julho a dezembro de 2021. O trabalho, de autoria de Alessandra Furtado de Oliveira, Maria Cristina Barbosa Mendes, Ruth Maria Mariani Braz, Elaine Leite e Sérgio Crespo, discute a experiência da mulher com deficiência auditiva no contexto cinematográfico.

- "A experiência de um discente com impedimento visual em visita virtual ao Museu Casa de Portinari", na revista Humanidades & Inovações, v.8, n.60. O artigo foi desenvolvido em coautoria com Elaine Alves Leite, Michele Jóia da Silva, Ilma Rodrigues de Souza Fausto e Ruth Maria Mariani Braz.

- "Ressignificando e (in)cluindo: uma visão do Colégio Cataguases sob a ótica da inclusão, a partir do desenho universal de aprendizagem" no II Encontro Acessibilidade e Inclusão na Arte e no Património, realizado pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa/Portugal.

O trabalho foi desenvolvido em coautoria com Ruth Maria Mariani Braz e Jacqueline de Faria Barros, e foi apresentado no Painel III - Experiências multissensoriais em museus. Tive a oportunidade de apresentar um banner no VI ENJIE - Encontro Nacional de Jovens Investigadores em Educação, realizado pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, em Portugal, nos dias 04 e 05 de fevereiro de 2022. Através dessa apresentação, pude compartilhar minhas pesquisas e contribuições no campo da educação, interagir com outros jovens investigadores e enriquecer meu conhecimento por meio das discussões e trocas de experiências ocorridas durante o evento permitindo-me ampliar meu networking e fortalecer minha atuação na área da educação.

A defesa bem-sucedida da minha dissertação de mestrado com o título "A História que a História não conta" representa uma conquista significativa na minha jornada acadêmica. Nesta pesquisa, foquei em explorar a invisibilidade de personagens com deficiência na história oficial do Brasil. Durante anos, essas figuras importantes foram negligenciadas e suas contribuições subestimadas. Por meio de uma análise crítica e minuciosa, meu trabalho se dedicou a resgatar essas histórias ocultas e a recontar a narrativa histórica do Brasil com uma perspectiva mais inclusiva.

A dissertação de mestrado destacou personagens com deficiência que foram excluídos ou invisibilizados da história oficial do Brasil. Por meio de extensa pesquisa, busquei trazer à tona as realizações e as lutas desses indivíduos, que muitas vezes enfrentaram barreiras físicas e sociais para alcançar seus objetivos. Ao revelar essas narrativas esquecidas, procurei desconstruir estereótipos e ampliar o entendimento sobre a diversidade humana, contribuindo para uma história mais justa e abrangente.

Além da defesa da dissertação, desenvolvi um produto complementar intitulado "A Menina e o Vento", um livro em multiformato que se baseou na história real de uma criança que não nasceu com deficiência, ela se tornou uma pessoa surda. O livro, por meio de uma narrativa envolvente, ilustrações cuidadosas e elementos interativos, oferece ao leitor uma experiência imersiva e emocionante. "A Menina e o Vento" busca sensibilizar o público para a importância da inclusão e promover uma visão mais ampla e respeitosa da pessoa com deficiência.

A elaboração do livro em multiformato foi um processo desafiador e gratificante. consegui criar uma obra que combina texto, imagens e elementos interativos de forma coesa e atraente. A recepção positiva do livro pela banca examinadora e revisores reforçou a relevância e a qualidade do produto, aumentando a expectativa quanto ao seu potencial de impacto e alcance.

O êxito na defesa da dissertação de mestrado e na criação de "A Menina e o Vento" representam um importante passo rumo à visibilidade e ao reconhecimento dos personagens com deficiência na história do Brasil. Espero que essa pesquisa e o livro possam inspirar outras pessoas a explorar e valorizar a diversidade histórica, incentivando mudanças significativas em nossa compreensão do passado. Meu compromisso é continuar promovendo a inclusão e o resgate de narrativas marginalizadas, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Concomitantemente ao meu mestrado, busquei ampliar minha formação acadêmica ao realizar três disciplinas como aluna especial no doutorado, enriquecendo ainda mais minha bagagem de conhecimentos. Defendi minha dissertação em agosto de 2022 e em outubro do mesmo ano participei do processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn) – Doutorado Acadêmico, e fui aceita. Foi quando teve início uma nova fase acadêmica.

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS, TECNOLOGIAS E INCLUSÃO (PGCTIN) – DOUTORADO ACADÊMICO**

Com grande alegria, ao receber a notícia de que fui aceita neste programa, representou um novo capítulo em minha jornada acadêmica e uma oportunidade de expandir ainda mais minhas pesquisas e contribuições para o campo da inclusão e das ciências.

Estou entusiasmada com os desafios que estão por vir, ciente de que essa nova etapa exigirá dedicação, comprometimento e constante busca pelo conhecimento. Tenho plena convicção de que essa experiência no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e profissional.



Sinto-me grata pelas oportunidades que a vida acadêmica tem me proporcionado e pela possibilidade de seguir contribuindo para a promoção de uma educação mais inclusiva e igualitária. Com o apoio de professores, colegas e mentores, estou confiante de que poderei desempenhar um papel significativo na construção de uma sociedade mais inclusiva, em que a diversidade seja valorizada e as tecnologias sejam aliadas na busca por uma educação para todos.

Durante o período em que estou concluindo as disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão, obtive resultados significativos que contribuem para a minha formação e para o avanço do campo acadêmico. Uma das conquistas relevantes foi a publicação do artigo intitulado "Educação inclusiva e a meta 4 do PNE: a análise comparativa no município de Itaperuna-RJ", no periódico "Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades". Essa pesquisa trouxe contribuições relevantes para a compreensão da educação inclusiva e sua relação com as metas do Plano Nacional de Educação, tendo como enfoque o contexto específico do município de Itaperuna-RJ.

Além disso, tive a satisfação de ter outro artigo aceito para apresentação e futura publicação na 3ª Conferência de Linguagem e Comunicação Acessíveis, que será realizada de 3 a 7 de julho. Essa conferência, organizada pela Federação Nacional de Cooperativas de Solidariedade Social (FENACERCI) e pelo Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID) da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Politécnic de Leiria, proporcionará um ambiente propício para o compartilhamento de conhecimentos e discussões relevantes acerca de linguagem e comunicação acessíveis. Tive ainda um artigo aceito para a publicação de um livro intitulado: "Educação Inclusiva: Investigações sobre avanços e desafios", publicado pela

Observatório Edições, selo do Opaje Universidade Federal do Tocantins.

E além das publicações, concluí com sucesso o curso "Introdução à Educação Especial, Educação Inclusiva e Direitos Humanos", oferecido pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Essa capacitação enriqueceu minha compreensão sobre os fundamentos e práticas da educação especial e da educação inclusiva, bem como sobre a importância dos direitos humanos nesse contexto.

Sinto-me motivada e entusiasmada com essas conquistas e com a oportunidade de contribuir cada vez mais para o campo da inclusão, através da produção de conhecimento e da participação em eventos acadêmicos relevantes. Agradeço a todos que têm me apoiado nessa jornada e estou comprometida em prosseguir com empenho e dedicação, buscando novos desafios e contribuições no campo da ciência, tecnologia e inclusão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em consideração final, penso que meu memorial acadêmico representou uma jornada de descobertas, desafios e conquistas. Espero que meu memorial acadêmico seja um ponto de partida para futuras reflexões e iniciativas que ampliem a representatividade e a igualdade de oportunidades para todos.

Ao concluir meu memorial acadêmico, percebo que minhas pesquisas e minhas produções foram fundamentais para meu crescimento como profissional e pessoa. Por meio do estudo aprofundado, pude compreender as complexidades e as barreiras enfrentadas pela pessoa com deficiência e busquei contribuir para uma visão mais abrangente e inclusiva da nossa história coletiva.

Ao compartilhar meu trabalho acadêmico e promover a conscientização sobre as questões que envolvem a pessoa com deficiência, espero ter influenciado positivamente a partir de meus trabalhos e sobre a forma como a história é contada e percebida. Esta jornada de pesquisa me inspira a continuar buscando a igualdade e a valorização de todas as vozes na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

## REFERÊNCIAS

CLEMENTE, Carlos A.; SHIMONO, Sumiko O. Trabalho de pessoas com deficiência e lei de cotas: invisibilidade, resistência e qualidade da inclusão. São Paulo: **Edição dos Autores**, 2015.

SILVA, Priscilla Menezes da. A invisibilidade da diferença: a questão da exclusão dos deficientes do mercado de trabalho. **Amazon's Research and Environmental Law**, v. 2, n. 3, 2014.

REGO, Teresa Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, p. 779-800, 2014.



## COMO ME TORNEI PROFESSORA? Duas narrativas da mesma história

---

Caroline Moreira de Oliveira

*"Nós, seres humanos, somos feitos de histórias. Tudo o que sabemos e transmitimos é história, é construção social. Pensar nos perigos de uma história única vai bem mais além, portanto, de apenas ouvir os dois lados da história."  
Chimamanda Ngozi Adichie*

Há muitas versões para contar a mesma história e esse ponto difere substancialmente mediante o contexto e o interlocutor. Se um analista me perguntasse como me tornei professora, responderia que a minha angústia e minha falta me trouxeram até aqui.

Se eu estivesse prestando um concurso para professor, responderia a mesma questão seguindo meu percurso no Lattes, de forma polida, ressaltando os pontos de ápice e certamente encobrindo minhas faltas e angústias, tão essenciais ao percurso de subjetivação que me levaram ao doutoramento.

Diante das sugestões de textos de base para a construção da autobiografia, trago excertos que apresentam o memorial enquanto um manuscrito, atividade discursiva facilitadora do processo de subjetivação, respaldando a escolha narrativa de minha trajetória acadêmica, cujo estilo de escrita se aproxima da crônica.

“O memorial é uma atividade discursiva por meio da (e na) qual se dá a conjunção de múltiplos processos – o trabalho da recordação, a emergência da subjetividade e a constituição de posicionamentos identitários” (Silva, p. 620, 2010).

O memorial, portanto, pode se caracterizar, como as entrevistas, os testemunhos, as memórias, os manuscritos, os cadernos de notas ou de viagem, as correspondências e os papéis avulsos, entendidos como peça de um puzzle que apresenta partes da interioridade, do pensamento e da vivência de seu autor em uma multiplicidade de aspectos, desde os profissionais, como docente, pesquisador, gestor e agente de extensão, até os pessoais, como nas relações cotidianas (Silva, p.51, 2016).

Recebemos aval para expressar nossa criatividade nesse exercício de escrita autobiográfica, assim, tomei a decisão política, posto que não há neutralidade, de contar duas versões de uma mesma história, na primeira narrativa: associação livre, escrita imaginando um interlocutor analista, com maior enfoque nas relações cotidianas e na segunda: uma escrita mais conservadora, que caberia no protocolo de uma autobiografia publicável no âmbito acadêmico formal.

E por falar em psicanalista, por que não começar falando da minha mãe? Também psicóloga de orientação psicanalítica, mas seu traço principal não era a Psicologia, mas a sua motivação, seu desejo, sua empolgação, de quem encontrou algo tão precioso que transpirava teorias freudianas pela casa, a ponto de meu irmão e eu crescermos interpretando e sendo interpretados, porque tudo era motivo para interpretação! Curiosidade investigativa típica dos anos iniciais de quem está se aprofundando no “mundo psi”. Ela contagiou todos, inclusive o meu pai, médico, que a acompanhava nos cursos e seminários e se apaixonou novamente por essa “outra mulher” que descobria a sua potência ao adentrar o mundo dos estudos.

Eu, enquanto menina observadora e extremamente sensível, sabia que ela agarrava aquela oportunidade ao retomar os estudos, passando por muita angústia, sintomas de somatização e dor física.

A angústia que me fez buscar os estudos é diferente da dor que eu percebia na minha mãe, eu tive oportunidade de estudar, me especializar, sabia que precisava de mais conhecimento, por querer ser uma profissional mais eficiente nos âmbitos aos quais me propunha atuar. Minha mãe sentia dor e tristeza por ter sido privada desse espaço, pois segundo seus pais, mulheres que se casam não precisariam estudar e se vão trabalhar seria por alguma falta financeira em casa e esse não era o caso.

Ela se casou aos 19 anos, com meu pai ainda em processo de formação em Medicina, enquanto ele terminava a residência eu e meu irmão chegamos. Meu pai a advertiu que não poderíamos continuar em Curitiba (PR), pois no interior teriam melhores oportunidades de carreira para ele. Foi uma choradeira só, nos mudamos para uma pequena cidade no noroeste do Paraná chamada Umuarama, minha mãe teve seríssimos problemas de adaptação, dores na coluna de não conseguir levantar da cama, chegou a pedir para a minha avó cuidar de mim e do meu irmão se

algo acontecesse com ela. As somatizações foram uma crescente até que um ginecologista a encaminhou a uma psicanalista alegando que: “Assim seu esposo não consegue trabalhar” (SIC).

E esse foi o percurso de uma longa jornada na Psicologia, aquela mulher aparentemente frágil visitou e revisitou sua história, certamente escreveu, reescreveu sua autobiografia a partir da fala e depois de muitas ressignificações se tornou professora! Não só de Letras, como também de Psicologia, sua verdadeira paixão.

Eu sei que deveria responder como me tornei professora, mas a verdade é que tudo começa com a história da minha mãe, então é por lá que começamos. Continue comigo, leitor!

Posto que o processo de escrita implica na presença de outro com quem se dialoga, para este memorial presumi dialogar com o Professor Gilson<sup>1</sup> que eu construí no meu imaginário, pautado em fatos da realidade.

“Um dos fundamentos da linguagem é a possibilidade da comunicação, processo que implica a presença do outro. Seja ele concreto, imaginário ou apenas possível, é quem nos orienta ao falar ou escrever” (Câmara, p. 31, 2012).

Enquanto escrevo, penso em associação livre como faria em processo de análise, me imagino deitada no divã, relembro, rememoro, escrevo e certamente elaboro.

A biografia, enquanto relato, é o resultado de memórias (ou mesmo esquecimentos) coletivas, individuais e sociais, constantemente negociadas e processadas, e que se corporificam valendo-se de relações particulares com o tempo e o espaço, não simplesmente como atos

---

<sup>1</sup> Professor Dr. Gilson Pôrto Júnior que ministrou a disciplina no PGCTin/UFF que teve como produto final a escrita deste memorial.



de resgate, mas de reconstrução do passado baseado em referenciais atuais (Silva, p.72, 2015).

Voltamos a autobiografia, o relato sobre a trajetória da minha mãe e suas ressonâncias em mim. Depois da Psicologia, minha mãe parou de somatizar, se recuperou emocionalmente e após um longo processo de análise, foi cursar Letras, no segundo ano deste curso, concomitantemente, cursou Psicologia e a partir da minha perspectiva ela era a melhor! Oradora de turma, representante dos dois cursos, como eu admirava a potência de sua voz, a maneira como cativava seus alunos, o quanto tinha êxito em suas notas enquanto aluna. Foi uma evolução e tanto, minha mãe saiu de um processo depressivo ao ápice de sua performance acadêmica e enquanto terapeuta, tinha a agenda cheia.

A verdade é que a partir do momento que ela começou a estudar nós tínhamos muito pouco de sua atenção. Mas meu pai chegou junto! Foi um combinado que os dois fizeram, ele disse: "Eu cuido deles para que você estude" (SIC). E ele o fez com maestria também, os dois são neuróticos obsessivos da melhor categoria e quando fecham um combinado: está fechado!

Eu e meu irmão crescemos nesse contexto, meu irmão foi para Medicina, seguindo a identificação paterna e eu fui para a Psicologia e eu nem sei dizer se foi a abordagem propriamente dita que me fisgou, mas o que o processo de análise fez com a minha mãe, uma mulher aparentemente frágil descobriu o esplendor de sua potência sendo professora, esse traço ficou inscrito em mim e eu confesso que não sabia muito bem o que fazer com isso.

Meu timbre de voz é baixo, sempre me julguei mais tímida e me sentia mais confortável ao me expressar a partir da escrita. Foi em algum momento depois do mestrado que uma chave virou e

tenho me apropriado desse desejo articulado à docência de uma forma mais autêntica, não mais enquanto reprodução da minha mãe, mas de um percurso próprio, que também envolveu mudanças de cidade, interrupção durante a maternidade e retomada.

Agora que falei sobre as marcas da minha mãe em mim, vamos ao que eu pude fazer daquilo que ficou inscrito do Outro, sim! O grande Outro, com "o" maiúsculo, o Outro Primordial, fundante, que o Lacan inaugura ao falar do processo de alienação, tão essencial a constituição psíquica e a posterior separação. Vamos falar dos dois! Alienação, separação e aquele momento mais confortável, em que você é Outro de alguém também, hoje minha mãe é a avó do meu filho e em alguns momentos é simplesmente outro também, não mais aquele Outro do pedestal que eu precisei colocar enquanto criança, mas passou a ser também uma amiga, parceira, maior incentivadora, com quem eu posso contar.

É claro que eu fui estudar Psicanálise e foram alguns anos de percurso. Antes de ingressar em Psicologia eu emprestava livros da minha mãe e achava que estudar Psicologia era praticamente uma diversão, uma aventura de autoconhecimento para um dia se tornar apto a poder ajudar também. Digamos que na prática nem sempre é tão divertido assim lidar com o sofrimento e a angústia do outro, colocar-se no lugar de objeto, sem mencionar que profissionalmente nem tudo flui da maneira e com a velocidade idealizada quando nos propomos a fazer qualquer coisa. Que bom que a idealização existe! Do contrário, não faríamos nada.

Nesse processo de idealização e o posterior deparar com a realidade, sempre acreditei que o caminho era a apropriação de conteúdo, a prática precisaria necessariamente passar pela teoria. Antes de concluir a graduação iniciei os cursos de formação na abordagem psicanalítica, foram anos de formação no Espaço A, 3

anos de formação no PASSOS da Associação Psicanalítica de Curitiba, especialização em Psicologia Clínica: abordagem psicanalítica na PUCPR e ainda assim, faltava! E sempre vai faltar, pois as teorias não se bastam.

Essa falta me levou a outra especialização com duração de mais três anos, a Psicomotricidade Relacional, intervenção mais centrada no corpo do que na fala. Essa abordagem me fisionomou justamente pela articulação teórica às características próprias de cada psicomotricista relacional, utilizamos no setting nossos registros corporais e nesse aspecto, o analista não ocupa lugar de objeto, muito embora a questão central se articule ao desejo do paciente.

Paralelo ao meu trabalho na clínica, atuei em uma sala de recursos para crianças com deficiências e transtornos do neurodesenvolvimento na escola, mais especificamente na educação infantil, neste espaço a professora de Ballet realizava uma atividade de expressão corporal que me encantou, percebi possibilidades de vias de acesso, que na clínica tradicional não se davam com tamanha naturalidade, acredito que o inconsciente aparece com mais facilidade, quando o consciente está menos advertido e se diverte. Nessa abordagem o corpo é convidado para se expressar livremente, por meio dos objetos e da interação com o outro.

Silvia Rodrigues, a professora de Ballet, comentou que a Psicomotricidade Relacional, criada na década de 60 por André Lapierre e Aucouturier, tem embasamento nos constructos teóricos psicanalíticos e que os autores criaram uma teoria e forma de atuação própria.

Fiquei ambivalente se seguiria a carreira acadêmica, estudando mais de Psicanálise ou se partiria para outra pós-graduação. Após a realização de um Módulo Introdutório de teoria e prática em Psicomotricidade Relacional, abandonei (por hora) a

ideia do Mestrado e aguardei o início da Especialização, foram alguns meses de espera, nesse meio tempo conheci a Anne Lapierre, filha de um dos criadores da abordagem psicomotora relacional, fiquei encantada. Comparava que era como conhecer Ana Freud, filha do criador de uma teoria tão importante.

Depois que a formação se iniciou, vivenciei um período divisor de águas, fui criando um outro corpo de terapeuta e a minha sala tradicional foi ficando pequena, de repente eu não cabia mais em meu espaço tradicional com divã, precisava expandir com as crianças, aprendi recursos tão úteis, sentia que eram mais eficientes, especialmente com os pequenos, assim, a minha atuação em Psicanálise ficou restrita aos adolescentes e adultos.

Fui convidada a atuar no CIAR (Centro Internacional de Análise Relacional), espaço de formação em Psicomotricidade Relacional, onde fiz a minha especialização, levei as crianças da clínica psicanalítica para o atendimento no espaço psicomotor relacional, de fato mais espaçoso, em vários aspectos. Cabiam todos os materiais clássicos da Psicomotricidade Relacional e o principal: cabia um outro corpo de terapeuta, que foi se constituindo ao longo desta formação, se lapidando, para fazer a leitura de conteúdos manifestos, latentes e intervir quando necessário, mas sobretudo, compor com o outro de forma genuína e autêntica, entrando em conexão por meio dos afetos e nesse momento de profunda sintonia, os inconscientes entram em ressonância, há uma comunicação de outra ordem, chamada analógica ou infraverbal por Lapierre e Aucouturier (2004).

O título do meu TCC em Psicomotricidade Relacional articulou a teoria lacaniana e a abordagem psicomotora relacional. Esses dois percursos encontram um ponto de convergência: O Real, Simbólico e o Imaginário na prática psicomotora relacional.

Esses anos de formação foram intensos e extenuantes, os convites para participar mais efetivamente na Instituição de Ensino

de Formação em Psicomotricidade Relacional chegaram, para atuar com adolescentes, para ser supervisora, para orientar TCC, para das aulas Introdutórias de Psicomotricidade Relacional, dar entrevistas, muitas entrevistas. Tudo era extremamente demandante, mas como considerava uma honra, sempre aceitava, mesmo com frio na barriga. Eu sustentava esse lugar, fazia semblante como dizem os analistas, não sem ansiedade. Quantas vezes eu me perguntava se merecia ocupar esse espaço que me colocavam, por outro lado, argumentava comigo mesma que houve um percurso para ser reconhecida e validada entre os pares. Hoje eu localizo claramente esse desejo de protagonismo, permitindo que chegassem convites referentes a área da docência, supervisão, terapeuta de adolescentes na área psicomotora relacional, algo que não é ofertado a todos que se formam em Psicomotricidade Relacional, pois exige um percurso maior para atuar além da infância.

A vida profissional em Curitiba estava fluindo, na clínica de Psicanálise eu tinha conseguido me credenciar enquanto pessoa física em três convênios, tinha a agenda cheia. Atuava no CIAR com as crianças e finalmente, estava com a situação profissional e financeira organizada, era só manter a engrenagem rodando, se não fosse a necessidade de mudança para Santos (SP), em detrimento do trabalho do meu esposo.

Nos mudamos para a baixada santista quando meu filho tinha 7 meses de idade. Aproveitei a maternidade intensamente, neste período deixei de exercer a profissão de terapeuta para ser mãe em tempo integral. Esporadicamente realizava orientações de trabalho de conclusão de curso, mas de forma muito discreta. Quando Lucas completou 2 anos de idade nos mudamos para Niterói (RJ), novamente em função do trabalho do meu esposo e foi um novo processo de adaptação.

Vivi a ambivalência entre ter outro filho ou voltar a trabalhar, mas onde? Quem sou eu em Niterói? Como recomeçar?

Lembrei muito do espaço conquistado “e perdido”, sofria de verdade, assim como minha mãe ao se mudar para Umuarama, recordo-me de justificar o meu choro ao meu filho de 4 anos na época, que eu estava chorando por não ter trabalho. E ele dizia: “Mãe, faça tudo que você pode e consegue para ter um trabalho” (SIC). Meu esposo e o Lucas me apoiaram nessa retomada, foram muitas visitas a clínicas, reabertura de alvará, elaboração de projetos de mestrado, a escolha da Instituição, entrada em grupo de estudos, escolha de possível linha teórica e de orientador.

Fiz disciplina isolada em Psicanálise, participei de grupo de estudos com uma professora bastante irreverente, que dava aula de Motivação e Processos Afetivos. A Ana simplesmente me encantou, não só a mim, ela é uma encantadora de alunos, pois é uma docente com luz própria, senti algo novo ali, percebi a possibilidade de conectar a Psicomotricidade Relacional, que me era tão cara com os autores que Ana Claudia Monteiro trabalhava, mas para isso eu teria que abandonar minha zona de conforto: a Psicanálise.

Foi uma escolha trilhar novos caminhos, aprendi sobre a importância da renovação do processo de escrita, a possibilidade de criar uma nova história, descartando folhas, reciclando ideias e ressignificando teorias. A partir do desapego de teorias, como a Psicanálise, produzi uma narrativa tendo como aliada a prática psicomotora relacional (trabalho de campo) embasada na teoria de André Lapierre, conceitos das teóricas feministas e a inspiração do pensamento filosófico de Michel Serres.

Minha orientadora de mestrado, acolheu minha proposta, deu liberdade para propor um campo de pesquisa e produzir uma escrita “encarnada”. Apresentou textos inspiradores, validou uma narrativa permeada pelos afetos, possibilitando a escrita de uma dissertação acessível, fluída e envolvente. Me convidou para ser

banca de TCC de graduandos em Psicologia e para palestrar em eventos que tem como tema autismo e pesquisa.

E por falar em autismo, foi esse tema que me levou à Diana, minha orientadora de Doutorado. A necessidade de aprofundar conhecimentos sobre o TEA, me levou a disciplina Tópicos Especiais sobre Autismo, ministrada por Diana Negrão Cavalcanti (Instituto de Biologia - UFF), Viviane Lione (Faculdade de Farmácia - UFRJ) e o Dr. Caio Abujadi (Associação Caminho Azul) professor convidado.

Esse encontro foi outro divisor de águas! E por falar em água, conheci Diana na piscina, não nos cruzamos pela primeira vez nos percursos acadêmicos, foi a professora Nancy de natação que nos apresentou, por saber que pesquisávamos temas em comum. Fiz algumas disciplinas acompanhando a Diana, fui convidada a realizar oficina no SAUFF (Simpósio de Autismo da UFF), a falar no II Congresso sobre o Transtorno do Espectro do Autismo e para atuar na Associação Caminho Azul em meio a pandemia e esse convite, literalmente abriu um mundo de possibilidades, muito trabalho e responsabilidades.

Dois anos após esse convite, atuo no Núcleo de Psicomotricidade Relacional no Programa de Enriquecimento de Ambiente da Associação Caminho Azul, um dos campos da minha pesquisa, que pretende avaliar a Psicomotricidade Relacional enquanto abordagem de intervenção ao TEA.

Em maio deste ano (2022), eu e o Paulo Henrique, também doutorando no PGCTIn, ministramos uma aula, parte do exercício de Estágio Docência, na disciplina Autismo e Escola, discorri sobre os aspectos terapêuticos e a Psicomotricidade Relacional em um contexto transdisciplinar e Paulo Henrique sobre os aspectos motores.

Como abril é o mês de conscientização do Autismo, a Professora Viviane participou da aula pelo celular, pois estava palestrando no Rio de Janeiro e a Professora Diana estava a caminho de Nova Friburgo, para outra palestra. Eu fiquei responsável por abrir a sala virtual, admitir os alunos, organizar a logística das apresentações e naquele momento me senti um pouco professora, esse lugar de “sujeito suposto saber” que a gente nunca se sente pertencente de fato.

Voltamos a pergunta: “Como me tornei professora?” Me tornei professora? Sim. Me tornei professora! Afinal de contas, sou mestre, doutoranda em Ciências, Tecnologia e Inclusão. O percurso à docência passa pela psicóloga, psicanalista, psicomotricista relacional que sabe que o verdadeiro saber não é do sujeito, tão pouco do professor, mas nos cabe, seja enquanto analista ou professor, fazer circular o desejo e o conhecimento. Não somos detentores do saber enquanto professores, mas temos responsabilidade quanto aquilo que produzimos e transmitimos, assim como o analista tem uma ética com os sujeitos que acompanha no setting terapêutico. Ética e responsabilidade me acompanham na clínica e docência. Agora vamos à narrativa formal, que caberia no Lattes.

## **CAROLINE MOREIRA DE OLIVEIRA**

Doutoranda em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn), Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Psicomotricidade Relacional pelo Centro Internacional de Análise Relacional (CIAR). Pós-graduada em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Graduação em Psicologia (PUCPR). Integrante do grupo de estudos sobre autismo da Universidade Federal Fluminense



(NEPA). Atuação na área de Psicologia Clínica e Psicomotricidade Relacional no âmbito clínico, educacional e no Programa de Enriquecimento de Ambiente da Associação Caminho Azul.

Sou Psicóloga, formada em Psicologia (2005), especializada em Psicologia Clínica: abordagem psicanalítica (2007) e Psicomotricidade Relacional (2012). A partir da graduação atuei no Centro de Reabilitação de Curitiba na área de Psicologia Infantil.

O trabalho na clínica com crianças seguindo o viés psicanalítico despertou o interesse pelo estudo do infans e sua constituição psíquica, as estruturas clínicas e as possibilidades de intervenção precoce. O tema de minha primeira especialização foi o lugar do cuidador na estruturação do sujeito, cujo artigo foi publicado na Revista Estilos da Clínica da USP com o seguinte título: *Dois casos e uma questão: qual é o lugar do cuidador na subjetivação da criança?*

Desde o ingresso no curso de Psicologia (2000), a escolha teórica inicial se deu pela Psicanálise, enfoque norteador para os atendimentos clínicos. Como continuidade na formação, cursamos o PASSOS – formação na Associação Psicanalítica de Curitiba, tendo como produto da conclusão de formação o artigo: *O romance familiar da criança e a escuta analítica*.

Paralelo ao trabalho na clínica, atuei em um programa de atendimento a crianças atípicas em uma escola inclusiva. A natureza deste trabalho nos instigou a buscar modos de intervir diferenciados e esse percurso nos levou à especialização em Psicomotricidade Relacional (2012).

Considero os fundamentos psicanalíticos essenciais para a compreensão do sujeito, contudo, ao me deparar com crianças cujas necessidades eram mais específicas na escola inclusiva senti a necessidade de ampliar as técnicas de intervenção. O trabalho junto às crianças atípicas me levou a buscar a especialização em

Psicomotricidade Relacional, modo de intervenção que tem como objetivo a transposição de dificuldades por meio da expressão de sentimentos e elaboração de conflitos por meio do brincar.

Esta abordagem propicia o favorecimento de importantes registros corporais por meio da relação que se dá através do corpo do adulto que brinca em contato com o corpo da criança. O trabalho de conclusão de curso desta especialização em Psicomotricidade Relacional teve como título: *O Real, Simbólico e o Imaginário na clínica psicomotora relacional*.

A partir dessa formação o posicionamento na clínica foi fortemente influenciado por esta metodologia que se utiliza da linguagem simbólica do corpo como forma de intervenção. Como consequência, a atuação no âmbito psicomotor relacional era atravessada pelo olhar psicanalítico, desde a realização do diagnóstico diferencial à análise das intervenções.

Em 2017, tive a oportunidade de acompanhar um grupo de estudos na UFF, coordenado pela Professora Ana Claudia Monteiro, espaço onde me apresentaram autores do campo da filosofia e dos estudos sobre o corpo na pesquisa sobre os dispositivos afetivos a partir das oficinas de produção sensível de corpos-sujeitos.

Esse encontro ocasionou uma abertura de horizontes teóricos, que contribuiu para agregar elementos à prática psicomotora relacional tanto no âmbito clínico quanto educacional. Destaco como ponto de intercessão preponderante entre o viés da abordagem psicomotora relacional e os referenciais teóricos estudados no grupo dos dispositivos afetivos coordenado pela professora Ana Claudia Monteiro: o questionamento da comunicação verbal como forma prevalente de intervenção.

Articulo a dissertação de mestrado a dimensão política na medida em que não é neutra e propõe-se a criar realidades a partir da utilização da metodologia psicomotora relacional em interface

com referenciais teóricos que contemplam o estudo do corpo, seus processos afetivos e a subjetivação na contemporaneidade.

A dissertação intitulada: *INCLUSÃO E DIVERSIDADE: Desdobramentos da Psicomotricidade Relacional no Âmbito Educacional (2020)*, apresentou reflexões a partir do campo de pesquisa evidenciando o autismo enquanto uma condição diversa e propôs a Psicomotricidade Relacional no âmbito educacional enquanto dispositivo afetivo e proposta inclusiva.

Nesta etapa da pesquisa não tive a pretensão de trabalhar questões genéticas e biológicas, mas as considerei enquanto fator preponderante. Em 2021, já atuando em um contexto transdisciplinar junto a Associação Caminho Azul, ampliei os estudos neste campo da ciência, o ingresso no NEPA (Núcleo de Estudos sobre o Autismo), favoreceu o acesso ao arcabouço neurobiológico, ampliando a compreensão sobre o TEA (Transtorno do Espectro do Autismo).

Em 2021, proponho enquanto projeto de pesquisa o estabelecimento de interlocuções teórico-práticas entre o arcabouço neurocientífico e o trabalho de campo da Psicomotricidade Relacional aplicada à sujeitos dentro do Transtorno do Espectro do Autismo em três contextos: intervenção presencial clássica disciplinar, intervenção presencial clássica transdisciplinar e intervenção online no programa transdisciplinar de enriquecimento de ambiente.

O projeto aprovado abrange aspectos transdisciplinares do Transtorno do Espectro do Autismo e se vincula a linha de pesquisa 1 do PGCTIn – Práticas educativas, desenvolvimento e análise de materiais nas interfaces das ciências, tecnologias e inclusão. Está sendo orientado por Dra. Diana Negrão Cavalcanti e coorientado por Dra. Kamila Castro Grokoski, será desenvolvido na Associação Caminho Azul, Instituto Priorit e Universidade Federal Fluminense. Como resultado da pesquisa elaboraremos uma escala psicomotora

relacional de atendimento ao autismo, objetivando avaliar os potenciais efeitos do estímulo psicomotor relacional de maneira qualitativa e quantitativa. Os resultados poderão ampliar as opções de tratamento disponíveis para sujeitos com diagnóstico de TEA.

## A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO MEIO ACADÊMICO

Após a conclusão de mestrado recebi convites para apresentações que me permitiram divulgar a pesquisa que retrata a Psicomotricidade Relacional no âmbito educacional enquanto ferramenta inclusiva. Esse movimento é relevante para a validação da Psicomotricidade Relacional no meio acadêmico, posto que há escassez de pesquisas sobre essa abordagem tanto no âmbito clínico quanto educacional.

Neste movimento de transmissão e compartilhamento do conteúdo pesquisado, citamos participação na IV Mesa Partilhada 'O que pode a Psicomotricidade antes, durante e no "novo normal!'"? (2020).

Publicação de capítulos de livros: *Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia (2020)*; *Interloquções sobre a corporeidade e a Psicomotricidade Relacional (2021)*.

Participação enquanto palestrante no Colóquio Autismo na Universidade: múltiplas perspectivas e ações. Interloquções sobre o enriquecimento de ambiente para famílias com sujeitos dentro do Transtorno do Espectro do Autismo e a Psicomotricidade Relacional por meio online em um contexto transdisciplinar (2022).

Participação enquanto palestrante no 2º Congresso & Encontro Internacional Sobre O Transtorno do Espectro do Autismo. A Psicomotricidade Relacional e a Musicoterapia

proporcionando desenvolvimento para indivíduos com o TEA (2021).

Participação enquanto palestrante I Colóquio de Psicomotricidade Relacional Infância e Adolescência em foco: Vivências, demandas e questionamentos atuais. Interloquções sobre os afetos na Abordagem Psicomotora Relacional e o Transtorno do Espectro Autista (2021).

Esse evento gerou a publicação de um livro, com artigos dos diversos palestrantes convidados, intitulado: I Colóquio de Psicomotricidade Relacional: infância e adolescência em foco! Vivências, demandas e questionamentos atuais.

Participação enquanto palestrante IV congresso Labirinto de autismo: além das fronteiras. Inclusão e diversidade: Desdobramentos da Psicomotricidade Relacional no Âmbito Educacional (2020).

Atuação na organização do 2º Congresso & Encontro Internacional sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (2021).

Confirmei presença no I Fórum Potiguar de Psicomotricidade Relacional que acontecerá em Natal (RN) em julho deste ano (2022), onde apresentarei meu projeto de pesquisa de doutorado e meu compromisso em avaliar a prática psicomotora relacional desta vez no âmbito clínico, aplicada à diferentes contextos de intervenção para pacientes do transtorno do espectro autista, buscando evidências que possibilitem a validação dessa abordagem de intervenção no meio científico.

## **A PRÁTICA DO ENSINO**

Oriento trabalhos de conclusão de curso de especialização em Psicomotricidade Relacional no Centro Internacional de Análise

Relacional. Eventualmente sou convidada para dar aula nos módulos de formação teórica no CIAR, momento em que convido alunos a compor o Núcleo de Psicomotricidade Relacional na Associação Caminho Azul, assim como o NEPA, Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Autismo.

Tive bom professores, que me incentivaram e motivaram a contactar com o próprio desejo no exercício da Psicologia, Psicanálise e Psicomotricidade Relacional. Enquanto professora, vislumbro construir uma prática de ensino que possibilite a percepção de que contactamos com o conhecimento, nos apropriamos dele com o nosso arcabouço teórico, nossas vivências, afetos e sobretudo, com um corpo que interpreta, se apropriar e se subjetiva a partir do processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA, S. O memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica do Ensino Superior no Brasil. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, 2012.

LAPIERRE, A.; AUCOUTURIER, B. Fantasmas Corporais e Prática Psicomotora. São Paulo: **Editora Manole**, 1984.

SILVA, W. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. São Paulo, **Unesp**, v. 11, n. 1, p. 71-95, janeiro-junho, 2015.

\_\_\_\_. Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento. **Métis: história & cultura** – v. 15, n. 30, p. 44-67, jul./dez. 2016.

SILVA, J. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 601-624, jul./dez. 2010.





## PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO ENXERGA E QUE NÃO VÊ

---

HUMBERTO BETHOVEN PESSOA DE MELLO

*Mesmo todos da minha família morando no morro, foram perseguidos e fugiram para o município de São Gonçalo-RJ, indo residir na Rua Siqueira Campos, no bairro denominado barro vermelho, onde diversos sindicalistas se refugiaram. Minha trajetória como pessoa é fruto deste pequeno relato social, político e econômico.*

Este currículo comentado propõe a história de uma trajetória de vida refletida nas conjunturas sociais, políticas e econômicas neste país. Os fatos aqui narrados visam especialmente colocar em questão o caminhar das razões de minha formação como ser humano que certamente influenciou na minha formação profissional. A escolha pela educação e meu engajamento na educação especial está neste contexto histórico individual e familiar.

Assim sendo, a minha evolução como indivíduo na sociedade certamente é reflexo da mesma. O filósofo Jean-Jacques

Rousseau (1712 – 1778) suíço, contratualista e social da corrente iluminista escreveu no seu livro “Do contrato social ou princípios do direito político”, Rousseau descreve: “O homem nasce bom, porém a sociedade o corrompe” (Rousseau, 2018). Portanto, descrevo um memorial compendiado propondo uma breve abordagem histórica, sociológica e contratual de minha trajetória, trazendo para discussão aspecto objetivo, subjetivos, quantitativo e qualitativo do processo histórico de minha vida que contribuíram na formação de meu caráter pessoal e da minha vida acadêmica, ou seja, de minhas escolhas quanto a minha carreira profissional.

De acordo com Ferrarotti (2010), a “vida’ social” é como uma fatia de nossas trajetórias narradas de forma autobiográficas recolhidas diretamente do discurso numa “linguagem informal”, ou seja, num português popular, para poderem entender a conjuntura e trajetória histórica do sujeito como auto pesquisado.

A proposta é a narrativa do ponto de vista sociológico, político, econômico e histórico de vida de uma autobiografia de Humberto Bethoven Pessoa de Mello, matriculado no curso de Doutorado no programa de Pós Graduação em Ciência, Tecnologia e Inclusão – PGCTIn, da Universidade Federal Fluminense- UFF- Niterói-Rio de Janeiro.

Nascido no dia 14 de julho de 1963, na cidade de Niterói no antigo Estado do Rio de Janeiro. Período político um pouco confuso em nosso país, principalmente para aqueles familiares que tinham raízes nas bases sindicais como cais do porto ou no sindicato de metalúrgicos.

Meio ao golpe militar ou “revolução”, minha família que residia no bairro de Vaz Lobo, denominada “morro da Serrinha” reduto de trabalhadores do Cais do Porto, onde meus bisavós Laudelina Pinto da Fonseca, parteira e rezadeira católica com certa inclinação ao umbandismo e Paulino Giglio (Vendedor de jornais), em suas horas de lazer participavam de rodas de jongo e sambas

de terreiro, onde contribuíram na formação da Escola de Samba Império Serrano.

Meu avô Lydio da Fonseca (nome soviético), metalúrgico, casa-se com minha avó Claudia Georgete Pinto da Fonseca uma mulher simples que não sabia ler e escrever mais com uma sabedoria política incrível. Tiveram sete filhos, uma das filhas Roselene Pinto da Fonseca, casou-se com o metalúrgico Evaldo pessoa de Mello, líder sindical.

Mesmo todos da minha família morando no morro, foram perseguidos e fugiram para o município de São Gonçalo-RJ, indo residir na Rua Siqueira Campos, no bairro denominado barro vermelho, onde diversos sindicalistas se refugiaram. Minha trajetória como pessoa é fruto deste pequeno relato social, político e econômico. Éramos pobres e fugitivos, meu pai nunca conheci, pois, os porões da ditadura sumiram com ele, minha mãe ficou sem norte, meu avô Lydio passou a ser perseguido pelos agentes do Departamento de Ordem Política e Social - DOPS.

Por conseguinte, minhas tias foram obrigadas devido à conjuntura política, caminhar precocemente para o trabalho informal sem nenhuma oportunidade de estudo.

Não tenho recordações de minha infância. Contudo, tenho grandes recordações de minha trajetória educacional. A mesma começou em barraco onde havia uma professora, alfabetizadora de crianças que não tinham acesso à escola pública. Minha avó Claudia Georgete, tentava matricular-me numa escola pública mais quando era exigidos documentos como, certidão de nascimento ou a carteira de trabalho de meu pai, era recusada a vaga.

Entretanto, temos sempre um anjo que nos socorre, graças a uma professora chamada Elisete Rangel, conhecedora do sofrimento de nossa família, entreviu e assumiu a responsabilidade de minha guarda e conseguiu efetuar minha matrícula na escola

Estadual Paulino Pinheiro Baptista, no Bairro denominado Barro Vermelho.

Entreí para escola no ano de 1971, na chamada 1.<sup>a</sup> série, detalhe, não havia classe de alfabetização. Por conseguinte, já sabia ler escrever graças à escola do “barracão”, contudo, não havia nesta época uma política educacional de progressão ou nivelamento. Assim, a estudante avançada na leitura e escrita não podia lograr outra série.

Minha avó Cláudia Georgete mesmo não sabendo ler, era uma líder nata, sempre esteve à frente da organização de nossa família e na ajuda a outras famílias perseguidas. Havia uma feira popular todas as quintas-feiras na rua onde residíamos, eu acordava as 5 horas da manhã e trocava o café com os feirantes em troca de alimentos a chamada “xepa” que era dividida com as famílias perseguidas pelo regime.

Meu ensino fundamental foi todo ele realizado na Escola Estadual Paulino Pinheiro Baptista (1.<sup>a</sup> ao 8.<sup>o</sup> ano). Para entrar no antigo 2<sup>o</sup> grau, hoje ensino médio, tínhamos que realizar uma “prova de seleção”, pois não havia vaga escolar para todos.

Hoje o Art. 205 da constituição de 1988, garante o acesso à educação como direito de todos, enquanto, a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n<sup>o</sup> 9.394/96, em seu Art. 4.<sup>o</sup> descreve o dever do Estado na garantia o seu acesso à matrícula e permanência em todos os níveis de sua modalidade.

Foi uma segunda peleja o ensino médio. Sendo aprovado na chamada prova de seleção, deveria efetuar a matrícula até o dia 31 de janeiro de 1978 na Escola Estadual Conselheiro Macedo Soares, localizada no bairro Venda da Cruz no município de Niterói. Contudo, as dificuldades financeiras eram gigantes, não tinha sequer o dinheiro de passagem para ir realizar a matrícula na referida unidade escolar.

Outro detalhe, que minha mãe estava internada por problemas mentais, devido ao sumiço de meu pai e minha avó tinha que cuidar de todos, e meu avô estava desempregado. Entretanto, fui realizar um serviço de carregador de sacolas na feira, para ganhar uns trocados para realizar minha matrícula.

Logo que consegui chegar à escola, fui até a secretaria do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares com apenas a certidão de nascimento e o protocolo de histórico escolar do ensino fundamental e com o resultado da aprovação divulgado no chamado jornal do "Sport", percebi estar ficando famoso, pois meu nome saiu num jornal.

Portanto, solicitei à secretaria que precisava falar com director, professor Renato. A intensão do meu pedido era para solicitar-lhe a isenção da taxa de matrícula, que era de Cr\$ 35,00 (trinta e cinco cruzeiros), pois não tinha esse valor, passei a manhã toda e parte da tarde para falar com referido diretor. Quando tive a oportunidade de expor ao diretor da unidade escolar com a cabeça baixa, identifiquei-me, e solicitei a isenção. O diretor respondeu: "estou te aguardando desde o primeiro dia da matrícula".

A equipe da direção, rapidamente foi convocada, a secretaria colheu meus documentos e efetuou a matricular escolar. O serviço de orientação escolar (SOE) relatou que fui uns dos primeiros colocados do concurso, assim, teria certa ajuda financeira da caixa escolar para compra de livros e inclusive em passagens para frequentar a escola. Não esqueço isso pelo resto de minha vida, foi o marco histórico no meu processo educacional, como diz o ditado popular, "agarrei com unhas e dentes" e percebi que as portas estavam se abrindo para entrar na universidade.

Encorajei minha avó, a entrar no MOBRAL, e passei a frequentar juntos a paróquia Nossa Senhora de Fátima, onde as aulas eram noturnas, como foi emocionante ver minha avó assinar seu nome e a dar os primeiros passos para leitura.

O serviço militar sempre foi obrigatório, todos os homens inclusive as pessoas com deficiência, são obrigadas a alistar-se. Neste sentido, supus que devido à trajetória de minha família tinha certeza de “sobrar”. Contudo, fui escolhido para servir, naquele dado momento o mundo cáira, fiquei tonto, arrasado, fiz de tudo para ser dispensado.

Entretanto, um jovem com 18 anos com ensino médio completo, com curso de datilografia era uma raridade no ano de 1982. De forma forçada tive que apresentar-me no 1.º Batalhão de Comunicações Divisionário. Mas sempre aparece um anjo e fui designado para trabalhar como secretário da minha companhia, datilografava as escalas, passei a organizar os arquivos e fui indicado para curso de cabo, também não queria. Eu era rebelde, mas não podia expressar minha rebeldia.

Fui matriculado no curso de cabo qualificação militar 074, rádio operador e no final do mesmo fiquei em 2.º lugar e fui promovido em nove meses. Quando recebi meu primeiro soldo minha mente vislumbrou: tenho que ajudar minha família.

Assim sendo, passei cinco anos trabalhando para o exército brasileiro, uma certa contradição ideológica? Por incrível que pareça foi na caserna que começa o despertar pedagógico, com isso, sempre era solicitado a preparar materiais pedagógicos (transparências e outras) para sargentos e oficiais ministrassem suas aulas.

Devido à arma Comunicação ser nova nas fileiras do exército, as tecnologias de comunicação, tinha uma necessidade estratégica preparar militares para controlar nossas fronteiras. Fui convidado para ir para fronteira, pois garantia a estabilidade. Contudo, não aceitei, tinha a meta de fazer faculdade de História.

No ano de 1985, passei para curso de graduação em História para Faculdade de Humanidades Pedro II. Solicitei minha

dispensa militar em 1987. Obtive minha Licenciatura em História em 21 de janeiro de 1989. Aqui começa minha trajetória educacional.

Após a constituição de 1988, as garantias de acesso e permanência na escola em todos os níveis possibilitaram principalmente, o poder público a realizar concursos em todas as disciplinas, pois a carência de professores com licenciatura plena era enorme. As disciplinas de Moral e Cívica, e Organização Social e política do Brasil, devido à abertura política e a nova constituição encontrava-se no CTI da educação.

Contudo, se ampliava as cargas horárias de Humanas e a história estava neste contexto. Passei em dois concursos em 1990, para o Município de São Gonçalo e Itaboraí, ambos, localizado no Rio de Janeiro. No ano de 1997, fiz um terceiro concurso, para atuar como regente em História no Governo do Estado.

Neste período de 1990 até o ano de 2000, foi à década de amadurecimento educacional, não só da minha carreira, como da educação brasileira, com aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei Darcy Ribeiro.

No contexto internacional, chegava tímido o debate com relação à declaração de Salamanca-1994, trazia no seu bojo a educação inclusiva como a possibilidade de alicerçar a ideia de "educação para todos". Por conseguinte, um intercâmbio, educacional da Universidade de Havana-Cuba, com a Universidade Estácio de Sá em 1994, proporcionou-me a realizar a Pós-graduação em psicopedagogia. Contudo, passei a conhecer mais o pensamento educacional e afetivo que os cubanos traziam em sua bagagem de conhecimento.

Foi neste curso que conheci pela primeira vez autores, com a monografia intitulada: Sistema individual de matrículas — SIM, a

ideia central era a racionalização das vagas escolares, pois os responsáveis realizavam diversas inscrições para um mesmo candidato.

Utilizando a computação da época, um computador 486 e uma impressora matricial, faríamos o cruzamento dos dados por nome do estudante. Tudo isso, na base territorial do município de São Gonçalo, traçando um plano único de matrículas para atender os pais em ambas as redes, da secretária municipal de São Gonçalo e as escolas estaduais sediadas no município. No período de 1994 – 1997, fui designado a coordenar toda a matrícula do Sistema Educacional de nosso município que segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE estimava uma população de quase 750 mil habitantes (IBGE, 1995).

O debate pela matrícula dos estudantes com deficiência na rede regular de ensino foi intenso em 1994. Não havia nenhuma perspectiva que garantia em nossa rede em proporcionar novas matrículas para pessoa com deficiência. Entretanto, com alta demanda de pais a procura de novas vagas, demandei em números (estatísticas) ao Secretário de Educação a necessidade de ampliar a oferta nas classes especiais do ensino fundamental 1.

Embasado no referencial teórico da Declaração de Salamanca-1994, que apontava o direito da educação para todos; na Constituição de 1988 no seu artigo 208 que trata da pessoa com deficiência e sobretudo, alicerçado nas leituras de Paulo Freire, Vygotsky, Lúria, Leontiev, Sakharov, conseguimos convencer o governo a implantar novas classes especiais.

A estrutura física para atender as pessoas com deficiência de toda rede (estadual e municipal) no ensino fundamental eram em classes especiais e a parte pedagógica eram classes multisseriadas, além de conter uma APAE, conveniada com a Secretaria Municipal de Educação.



Isto posto, conseguimos abrir mais 5 escolas com classes especiais, sobre o sistema pedagógico citado, confesso que não tinha nenhum conhecimento ou ideia o que era educação especial, minha angústia era de atender os pais e contrariar os diretores que não queriam abrir as classes especiais.

Contudo, no ano de 1997, através do voto popular fui eleito para compor o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), denominados “conselheiros” tutelares que visava a garantir os direitos fundamentais da criança e do adolescente a partir do estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Assim, todos os conselheiros passaram a ter diversas capacitações a nível federal e estadual sobre os direitos da criança na escola e outras garantias individuais. Foi então que comecei a olhar com maior carinho as crianças com deficiência e passei a fomentar através de dados estatísticos o Ministério Público e ao executivo municipal a falta de estrutura em saúde, educação para as crianças e adolescentes do Município de São Gonçalo.

Contudo, o nascimento do meu segundo filho, Felipe Alexandre, traz no seu nascedouro, diversas complicações, tanto neurológica, como na área da visão. Foi agora que tudo desabou. Vieram diversas perguntas de meus familiares, eu não tinha nenhuma resposta.

Este acometimento familiar no ano de 2001 acelerou e mudou minha rotina, a minha vida, as respostas estavam agora nas orações e nos pareceres de diversos médicos. A válvula intercraniana, colocada no meu filho devido à hidrocefalia, não afetou o seu cognitivo, mais trouxe uma paralisia parcial nas pernas e nas mãos e uma cegueira denominada cortical.

Começamos desde cedo a procurar médicos para tratar sua visão, todos diziam que Felipe Alexandre era cego total. Fui

indicado, com quatro meses a procurar o Instituto Benjamin Constant, na Urca, Rio de Janeiro. Assim sendo, fomos recebidos pela equipe multidisciplinar de excelência, com fisioterapeutas, professores, psicólogos e um médico especialista na área da deficiência visual.

Fizemos a nossa parte como família, proporcionamos todo suporte necessário a ele. Tudo que os fisioterapeutas faziam nas sessões, nós replicávamos em casa. O exame oftalmológico realizado na USP trouxe surpresas, meu filho tinha um resquício de visão no olho direito. O olho esquerdo estava totalmente comprometido.

Assim sendo, passamos a realizar estimulação precoce no Instituto Benjamin Constant-IBC, três vezes por semana, morávamos a quase 30 KM de distância. Comecei a observar, as estimulações, a ler sobre assunto e sobre deficiência visual. Meu filho, da estimulação foi para o jardim de infância, depois para alfabetização e não parou mais de estudar concluindo o ensino fundamental no ano de 2018.

### Imagem 1 - Colação de Grau. Auditório do IBC



Fonte: arquivo pessoal (2017).

Sua trajetória no ensino médio foi no Colégio Pedro II, realizou o ENEM, e passando para UNIRIO (curso de Letras). Durante a formação educacional do meu filho no Instituto Benjamin Constant-IBC, participei ativamente da Associação de Pais do Instituto Benjamin Constant, inclusive atuei com os demais pais de forma política para evitar o fechamento desta instituição. Aproveitei e realizei diversos cursos na área da deficiência visual, pois havia a necessidade de estudar com meu filho o sistema Braille, Soroban, entre outras.

Contudo, foi em 2010 que vislumbrei minha nova trajetória educacional ao realizar minha especialização na área da deficiência visual no Instituto Benjamin Constant-IBC ao realizar o curso de 565 horas. Este curso era de horário integral, com 25 vagas para todo o Brasil.

Comecei a trilhar novos horizontes como professor alfabetizador de crianças com deficiência visual no meu município de São Gonçalo e de Itaboraí-RJ. Assim sendo, comecei a ser convidado para realizar diversas capacitações nesta área do conhecimento para professores e participar de simpósios e conferências.

Por conseguinte, entre os anos de 2011 e 2013 aceitei o convite do Município de Itaboraí para coordenar e implantar um polo de formação de professores e no atendimento para alunos na área da deficiência Visual. Esse programa procurou atender ao art. 208 da Constituição, em garantir a universalização do atendimento especializado de educandos e sua inserção nas classes comuns de ensino regular (Brasil, 1988).

Trilhando esta trajetória de conhecedor das bases legais da educação e como pai de uma criança com deficiência tive a oportunidade no ano 2013 em coordenar a educação especial do Município de São Gonçalo. Ao longo de desta militância como Coordenador, observei as barreiras internas na estrutura da secretaria educação com relação à educação especial. Os denominados "capacitista".

Mesmo assim, deixamos um legado muito interessante, conseguimos implantar entre 2013 a 2016, mais de 60 salas de recursos multifuncionais-SRM. Desenvolvemos uma educação especial na perspectiva da educação inclusiva contratando e fazendo concursos e diversas capacitações.

Criamos a segunda clínica escola para autista do Estado do Rio de Janeiro, a classe bilíngue e o Cento Municipal de Tecnologia Assistiva (CMTA), este centro tem como característica a produção de material especializado na área da deficiência visual com produção específica. Ex.: mapas táteis de São Gonçalo, concepção do cérebro, entre outros, bem como a formação de professores

conforme estabelece a meta 4 do Plano Nacional de Educação PNE em vigência (Cordão, 2013).

Conforme Galvão (2012), "as Tecnologias de Informação e Comunicação mudaram definitivamente as formas da humanidade se relacionar com saber, com ensinar e aprender". Hoje, as TICs influenciam não só no caráter social, mas também nos aspectos de educação, econômicos, culturais e políticos.

Portanto, trilhando este pensamento obtive Interesse pelo Curso de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão – CMPDI 2016 na linha de produção de material especializado. Por conseguinte, após o ingresso, vislumbrei a hipótese em **produzir mapa tátil-sonoro didático para o ensino de estudantes com impedimento visual**.

A concepção da Caixa Tátil-Sonora (CaTS) surgiu pela observação de um estudante DV com baixa visão severa (meu filho) do Instituto Benjamin Constant-IBC, que não conseguia entender o espaço explorado durante uma aula na disciplina de Geografia (Mello, 2018).

Assim, brotou a idealização de um instrumento educacional de Tecnologia Assistiva-TA, que agrupasse em uma única ferramenta pedagógica a exploração de duas funções sensoriais, o tátil e audição. Assim sendo criando mais uma possibilidade em recurso pedagógico para melhor compreensão espacial da Geografia.

A partir dessa premissa, fiz o primeiro contato com a Dr<sup>a</sup> Ruth Nogueira, então responsável pelo Laboratório de Cartografia Escolar LaBTATE da UFSC, onde deu o primeiro "norte" para realização de minha pesquisa.

Devido à aposentadoria, Dr<sup>a</sup> Ruth Nogueira do LaBTATE, a Dr<sup>a</sup> Rosemy da Silva Nascimento, assumiu a função de coordenadora do LaBTATE-UFSC, abraçou a ideia da produção do

primeiro *mapa tátil-sonoro escolar* do Brasil, utilizando toda a padronização cartográfica elaborada neste laboratório de pesquisa.

As disciplinas do Mestrado de Diversidade e Inclusão realizadas entre 2016 e 2017, foram fundamentais para estruturar minha linha de pensamento durante o processo de pesquisa.

Contudo, a disciplina Desenvolvimento Humano, Criatividade e Inovação, sobre a responsabilidade da Professora Doutora Cristina Maria de Carvalho Delou, despertou novos horizontes relativo à Inovação e Tecnologia, e percebi que minha pesquisa poderia ir além da narrativa teórica, tinha a possibilidade ser um produto de tecnologia assistiva desenvolvida no ceio desta universidade.

Portanto, meu orientador sugeriu como tema *biomas brasileiros confeccionado* no LaBTATE-UFSC, e toda parte teórica e tecnológica desenvolvida na Universidade Federal Fluminense-UFF. Durante o processo de defesa da dissertação fomos convidados a apresentar a CaTS na Agência de Inovação da Universidade Federal Fluminense (AGIR/UFF).

Assim sendo, houve um processo de patente da Caixa Tátil Sonora- CaTS, que teve sua fase de busca de anterioridade impeditiva para um futuro depósito. A busca foi realizada pelo escritório de negócios Patent Technician Gruenbaum, Possinhas & Teixeira, Nossa Ref.: 801.16, Data do Depósito 13/11/2019 e 25/05/2021 Data da Publicação Nacional.

O que é a Caixa Tátil Sonora-CaTS? A ideia central da CaTS é funcionar como uma ferramenta didática de TA de baixo custo, resistente e de fácil locomoção no ambiente escolar. Como suporte pedagógico ao professor, a CaTS explora simultaneamente os sentidos tátil e sonoro, por isso, poderá ser utilizada em qualquer disciplina do ensino básico ou superior. Como se percebe, essa ferramenta proporciona um alcance sócio pedagógico ao assegurar

a acessibilidade. É um elemento motivador que amplia o processo ensino aprendizagem do aluno DV que se mostra entediado nas aulas orais, extremamente cansativas.

A Caixa Tátil Sonora-CaTS foi apresentada a Diretoria de Acessibilidade, Mobilidade, Inclusão e Apoio a Pessoas com Deficiência. A diretoria em tela está ligada a Secretaria de Modalidades Especializadas da Educação (SEMESP). O pesquisador ressaltou a grande importância de incentivar a pesquisa e propôs um grande congresso com a finalidade de padronização da cartografia escolar no Brasil.

Presuma-se que a CaTS desperte novas pesquisas e que áreas de neurociências, neurologia, neurolinguística e outras áreas paralelas como bioquímica e fisiologia do sistema nervoso desenvolvam mais pesquisas que demonstrem as interações entre as funções sensoriais do tato e da audição e seus efeitos somáticos na aprendizagem. Quanto ao produto educacional CaTS, acreditamos que pode ser aperfeiçoado.

Isto posto, propus na Pós-graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn), a oportunidade de lapidar de forma metodológica a CaTS como ferramenta didática para estudantes com impedimento visual.

## REFERÊNCIAS

BRASIL,1988. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292p.Disponível em: . Acesso em: 1 Mar. 2017.

\_\_\_\_\_,1996. Constituição; BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, v. 134, n. 248, 1996.

\_\_\_\_, 2011. DECRETO Nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011. EMENTA: dispõe **sobre a educação especial**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2011/dec/decreto-7611-17-novembro-2011-611788-normape.html>. Acesso: 5 mai. 2022.

CORDÃO, Francisco Aparecido. Plano Nacional de Educação (PNE. **Revista de EDUCAÇÃO do Cogeime**, v. 22, n. 42, p. 11-27, 2013.

DE SALAMANCA, Declaração. linha de ação sobre necessidades educativas especiais. **Brasília: Corde**, 1994.

FEDERAL, Governo. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei federal**, v. 8, 1990.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais**. Tradução Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passeggi. – Natal, RN: EDUFRN, 2010.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. Tecnologia Assistiva: favorecendo o desenvolvimento e a aprendizagem em contextos educacionais inclusivos. **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas. Marília/SP: Cultura Acadêmica**, p. 65-92, 2012.

IBGE, Censo. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. 1995.

MELLO, HBP de. **Produção e validação da Caixa Tátil-Sonora como ferramenta educacional de Tecnologia Assistiva para alunos**



**deficientes visuais. 2018.161 f.** 2018. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) Universidade Federal Fluminense.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as Ciências e as Artes.** São Paulo: Edipro, 2018. 80 p.



## VALORIZANDO EXPERIÊNCIAS, RECONHECENDO EQUÍVOCOS: minha história

---

Alessandro Câmara de Souza

*Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar.  
Carlos Drummond de Andrade*

### INTRODUÇÃO: COMO FORAM AS BASES PARA EU ME TORNAR PROFESSOR

Falar sobre nós mesmos é uma missão muito complicada por diversas razões, que vão desde a escolha dos fatos principais até a maneira como esses fatos são descritos.

Nesse memorial decidi me deixar à vontade para relatar os fatos importantes da minha vida, não reprimindo as emoções, valorizando as experiências, reconhecendo os equívocos cometidos por mim e, fundamentalmente, procurando deixar uma mensagem para o leitor desse texto, para que ele veja na minha história não

um exemplo de superação, mas a concepção de que vale muito a pena lutar e persistir em busca dos objetivos traçados.

Além disso, procuro mostrar que temos que ter objetivos na vida, senão cada obstáculo será encarado como barreiras intransponíveis: 'Quando não sabemos onde queremos ir, temos a tendência de reclamar de tudo que vemos pela frente'. Assim, deixamos de reconhecer o quanto determinados fatos são fundamentais para nossa evolução.

A questão norteadora desse memorial é "como eu me tornei professor?" Contudo, outras indagações perpassam pela minha mente ao escrever. Que acontecimentos e pessoas foram marcantes para eu me tornar aquilo que sou hoje, tanto como pessoa, quanto como profissional e pai de família?

Então, convido o leitor a viajar comigo de volta durante 50 anos para conhecer meus limites, possibilidades, erros, acertos e outros aspectos que serão revelados ao longo desse 'túnel do tempo' e que serviram para moldar minha personalidade, meu caráter e meu perfil profissional.

Para tanto, dividirei essa narrativa em 3 períodos de 10 anos e 1 de 20 anos, pois assim facilita o entendimento da minha caminhada. Vamos lá?

## **CAPÍTULO I: A ORIGEM E A INFÂNCIA**

Era um dia qualquer, no primeiro semestre do ano de 1972, na cidade de Volta Redonda, interior do estado do Rio de Janeiro e a senhora Therezinha, dona de casa e mãe de 4 filhos, passava roupas à noite enquanto esperava seu marido, o senhor Salomão, chegar do trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional, onde atuava como soldador, quando sentiu algo mexendo dentro de sua barriga.

Como ela teria médico no dia seguinte, não se preocupou tanto, mas resolveu contar para seu marido que disse: “Deve ser uma ‘lombriga’”. Na época, a presença desse tipo de verme era bastante comum nos intestinos de boa parte da população brasileira e havia até mesmo uma campanha de combate a essa verminose.

No dia seguinte, quase no final da consulta, a senhora Therezinha se lembrou de relatar o fato ocorrido na noite anterior para o médico que, ao examiná-la disse: “A senhora está grávida! Se meu diagnóstico estiver errado, eu rasgo o meu diploma”.

O médico não rasgou seu diploma e a família Souza ganhou mais um integrante, o segundo menino e o quinto filho. Ocorre que, Dona Therezinha era gordinha e seu ciclo menstrual era irregular; tinha meses que ele não vinha e, para regularizá-lo, ela tomava chás que, de acordo com o conhecimento comum na época, serviam para ativar o ciclo menstrual.

Em resumo: não era lombriga, era um bebê que a senhora Therezinha estava esperando há cinco meses, sem saber. Porém, o bebê em gestação tinha sofrido os reflexos dos chás que eram abortivos e de quebra, a senhora Therezinha teve contato, quando não sabia da gravidez, com uma cunhada que estava com rubéola. Ela mesma teve um problema de pele que não teve um diagnóstico conclusivo para essa doença.

Note que, quando o ciclo menstrual se estabelecia, durante os 5 meses anteriores a descoberta de que ela estava grávida, na verdade, ela estava quase expelindo o bebê, ou seja, quase tendo um aborto espontâneo. A primeira vitória desse feto ‘herói da resistência’ se concretizou no dia 30 de agosto de 1972, às 7 horas da manhã, quando finalmente ele veio ao mundo e recebeu o nome de Alessandro.

Aqui abro vários parênteses, pois tenho muito orgulho dessa história que estou contando e devo explicar que, por ser de família religiosa, minha mãe jamais faria conscientemente qualquer coisa que prejudicasse sua gravidez, mesmo que não planejada.

O último filho do casal Salomão e Therezinha, o bebê Alessandro, parecia estar bem até o momento em que, com alguns meses, meu pai, olhando fixamente para meus olhos, identificou uma coloração estranha. Decidiram então levar-me ao oftalmologista que diagnosticou uma catarata congênita nos meus dois olhos.

Eu não pude operar de imediato, pois minha saúde era frágil e, sempre que a cirurgia era marcada, eu ficava doente. Assim, eu só sofri a intervenção cirúrgica, indispensável no meu caso, tardiamente com 3 anos e 4 meses e, posteriormente, com 3 anos e 10 meses.

Dentro do possível e das condições existentes na época, a intervenção cirúrgica deu resultado, pois eu fiquei com visão subnormal ou, como se denomina atualmente, com baixa visão, significando que eu tinha cerca de 5 a 10%.

Eu fui uma criança alegre, falante e inteligente. Dentro do possível, eu brincava com meus irmãos, primos e poucos amigos. Eu gostava muito de jogar futebol, brincar de pique pega, jogar futebol de botão, dentre outras brincadeiras infantis. Grande parte das vezes eu brincava sozinho com uma bola e me imaginava num estádio e narrava as jogadas para mim mesmo, enquanto eu corria de um lado para outro atrás da bola. Eu detestava ser considerado café com leite nos piques, pois eu corria de um lado para o outro sem que alguém me pegasse e sem eu poder pegar ninguém, pois café com leite é neutro nessa brincadeira.

Um aspecto marcante de minha infância era gostar de ouvir futebol pelo rádio e a paixão pelo Vasco da Gama. O rádio me fazia

companhia não somente com o futebol, mas noticiários políticos, música e demais entretenimentos ajudavam a preencher meu tempo nessa fase da vida.

Há quase 50 anos atrás, ter um filho com alguma deficiência era como se algo tivesse dado errado e, meus pais, apesar de toda religiosidade, tinham esse sentimento. Será que ele poderá estudar? Onde? Como?

Minha mãe se sentia culpada, mas culpada de que? A deficiência visual ou o problema visual como se costumava dizer na época, era um obstáculo para que esse sujeito fosse 'alguém na vida' e pudesse ter sua autonomia e dar conta de sua própria vida.

Por diversas vezes, eu ouvia minha mãe dizer que iria fazer tudo por mim, pois ela desejava que eu fosse 'alguém na vida'. Esse 'fazer tudo' impediu que eu aprendesse uma série de coisas e, juntando com minha preguiça de filho superprotegido, fez com que eu me acomodasse, sendo esse um aspecto ruim da minha infância e que se refletiria mais tarde quando eu necessitasse de maior autonomia.

Enquanto isso, meus pais, entre erros e acertos nesse lidar com um filho com deficiência que veio para a terra sem 'um manual' de como se cria alguém que 'sofria da vista', como era chamada também quem tinha deficiência visual, faziam tudo que estava ao alcance deles para educar-me e conciliar suas vidas e a criação dos cinco filhos.

Lembro-me que eu era, de certa forma, o 'queridinho' dos meus pais, o que me impediu de levar várias broncas e de ser considerado culpado pelas besteiras que eu fazia.

O exemplo de honestidade e de religiosidade foi marcante dos meus pais para conosco e, com cerca de 4 anos de idade, eu comecei a frequentar a escola de evangelização de um centro

espírita em Volta Redonda. Essa orientação religiosa foi fundamental para forjar meu caráter e minha visão sobre a vida.

O espiritismo foi a base através da qual eu me reconheci como pessoa, entendi as dificuldades e me aceitei com minha deficiência visual, me enxergando muito mais como pessoa do que como alguém que tinha 'problema nas vistas'.

Eu já estava com sete anos de idade e nada de estudo. Meus pais não sabiam como fariam para que eu estudasse em Volta Redonda, onde eu morava, nem tinham coragem suficiente para me mandarem para o Rio de Janeiro a fim de que eu fosse estudar no Instituto Benjamin Constant.

Foi então que a vida resolveu dar uma forcinha. Minha irmã Adriana comentou essa situação com sua professora, senhora Zila, e ela disse que era professora de uma classe especial numa escola municipal de Volta Redonda e que nessa classe estudavam diversos alunos com diferentes tipos de deficiências e que teria vaga para mim.

Assim, em março de 1979, eu realizava meu sonho de ir para a escola e estudar igualzinho aos meus irmãos, iniciando-se a minha vida acadêmica, dando um pouco de esperança aos meus pais de que eu 'seria alguém' no futuro.

A Escola Municipal Paraíba atendia alunos desde a primeira série até a quarta série, conforme denominação da época e que hoje representaria do primeiro ao quinto ano de escolaridade.

Minha primeira turma nessa escola era uma classe especial. Nela, a professora Zila tinha cerca de 12 alunos com as mais variadas situações. Eu tinha baixa visão, outros alunos e alunas apresentavam distorção série-idade em razão da dificuldade de aprendizagem e a conseqüente repetência, outros estudantes possuíam deficiência mental, que se denomina atualmente como deficiência intelectual, dentre outros casos.



Nessa escola eu me adaptei de maneira muito positiva, e apresentei uma grande desinibição e gosto por participar dos eventos existentes no calendário letivo.

Como exemplo, eu me lembro de uma atividade em que declamei um poema para minha professora num evento na escola com a participação de minha mãe. Ao me assistir, minha mãe, segundo os comentários das outras regentes, 'abriu a boca a chorar'. Embora estivessem comentando baixinho entre elas, eu ouvi que minha mãe havia chorado na minha apresentação e eu fiquei me sentindo triste e sem entender o porquê de eu tê-la feito chorar. Hoje entendo que foi por emoção, mas quando eu cheguei em casa, eu não tive coragem de perguntá-la o porquê do seu choro na minha apresentação.

Eu me alfabetizei nessa classe especial e, no ano seguinte, eu fui inserido numa turma comum, sendo eu a única criança que tinha alguma deficiência.

Nem sempre as condições da sala de aula, da iluminação e do ambiente me favoreceram, muito pelo contrário. Em um dia de chuva em que a sala de aula estava muito escura porque também algumas lâmpadas estavam queimadas, eu fui obrigado a prender o espirro para que minha mão não saísse da linha, pois a iluminação era tão precária que eu teria grande dificuldade para encontrar-me novamente onde eu havia parado de escrever na folha do caderno.

A Escola Municipal Paraíba era pintada de azul escuro, tinha o chão pintado com vermelhão, as carteiras eram de dois lugares e pretas, o quadro era literalmente negro e os vidros das janelas das salas eram feito de plástico verde. Foram nessas condições de ambiente físico que eu consegui estudar nos meus primeiros anos letivos.

Na época, não havia sala de recursos, atendimento educacional especializado, professor de apoio, preparo dos professores para educar uma pessoa com deficiência visual, nem mesmo os recursos tecnológicos tão avançados. Vale salientar, que as poucas alternativas existentes e que tiveram ao alcance dos meus pais me foram proporcionadas.

Tudo foi feito com muito improviso, amor e raça. Improviso porque, como venho descrevendo ao longo desse memorial, eu vim ao mundo sem um manual de como deveriam ser as adaptações para meu caso, além de nenhum preparo dos professores, os quais sempre encontraram alguma solução ou soluções para as dificuldades do dia-a-dia.

O amor residia nas iniciativas de minha família ao ler os textos para mim, escurecer as linhas dos meus cadernos para que eu pudesse escrever, tirar as dúvidas das matérias que eu não conseguia entender em sala de aula e 'decifrar' minha escrita que, em razão da baixa visão, parecia mais uma psicografia, tal a dificuldade de se compreender minha letra.

O amor também estava presente nas atitudes dos meus colegas, que sentavam perto de mim para ditar o que estava escrito no quadro, que não me deixavam de lado nas brincadeiras e que, porque não dizer, compartilhavam os momentos em que eu fiquei de castigo, por ter feito alguma bagunça na escola.

Eu era um estudante participativo e não fazia muita bagunça. Eu era azarado mesmo: quando eu resolvia fazer algo de errado, minhas professoras logo descobriam e assim, não por vontade, mas por ser azarado, tive que ser um aluno comportado.

O amor esteve presente também nas condutas profissionais das professoras Zila, Maria Bonifácio e Ismênia. Apesar de todos os obstáculos, elas fizeram o melhor que puderam para dar conta do desafio de ensinar uma pessoa com deficiência visual.

As barreiras que não puderam ser removidas na escola foram enfrentadas com muita raça e determinação, o que me proporcionou completar os ciclos de minha vida escolar, fazendo com que eu considere que eu fui muito feliz nesse período de minha vida.

## **CAPÍTULO II: DOS 10 AOS 20 – O SONHO VAI MORRER?**

A vida continuava relativamente tranquila, meu rendimento escolar era bastante satisfatório e minha saúde ocular seguia estável e sem sustos, exceto nos momentos em que, jogando de goleiro, eu levava boladas no rosto e tinha que ir ao médico debelar os probleminhas que isso tudo causava.

Eu terminei o quinto ano aos 13 anos de idade. Vale salientar, que tal situação foi em decorrência do fato de eu ter entrado tardiamente na escola e de eu ter sido obrigado a fazer duas vezes o primeiro ano, pois na primeira vez que eu fui à escola, por ter ficado em uma classe especial, isso não contou como requisito para meu adiantamento de série na época. Em resumo: eu fui alfabetizado na classe especial, mas esse ano letivo não contou para minha vida acadêmica.

Um fator a se destacar era em relação a quem me levaria para a escola. Normalmente, meus irmãos tinham essa tarefa. Contudo, vendo meus amigos indo e voltando da escola, sozinhos, eu reivindiquei tal privilégio.

Não aguentando mais a perturbação por autonomia, meus pais decidiram me mandar para a escola sozinho, mas uma das minhas irmãs tinha que me vigiar. Contudo, isso não deu certo: mesmo com o pouco de visão que tinha, eu consegui perceber que alguém me seguia e mandei minha irmã de volta para a casa. Lá chegando, frustrada por não ter conseguido cumprir seu objetivo,

ela contou para minha mãe e, a partir desse dia, eu passei a ir sozinho para a escola.

Terminada a quarta série e vencida a primeira barreira escolar, surgia o segundo desafio: onde eu iria continuar meus estudos? Fui matriculado então na Escola Estadual Santos Dumont, onde fiz até a sétima série ou oitavo ano, sempre com amor, imprevisto e muita raça dos professores, colegas, de meus irmãos e de mim mesmo.

Com 14 anos, a relativa tranquilidade daria lugar a angústia, preocupações e a mais dúvidas. Num exame semestral de rotina, a oftalmologista identificou que havia se desenvolvido em meus olhos, o glaucoma. Tal doença eleva a pressão ocular do indivíduo, fazendo com que o mesmo perca a visão. No meu caso, a pressão do olho direito estava em 47, enquanto a do olho esquerdo era de 40 e, de acordo com os padrões da oftalmologia, o normal seria no máximo de 20.

Com o uso da medicação adequada, a pressão ocular ficou sob controle durante cerca de 1 ano para depois se descontrolar definitivamente, diminuindo rapidamente minha visão que já era bastante reduzida.

Eu acabava de completar 16 anos e tive que me submeter a uma cirurgia no olho esquerdo para tentar estancar o problema. Se desse errado, tanto eu poderia perder o pouco de visão que eu tinha, quanto ela se manter, mas a pressão do olho não se reduzir significativamente. Não deixei de enxergar desse olho operado, mas a pressão ocular continuava fora de controle, além das dores alucinantes nos olhos, quase todos os dias.

Paralelamente a isso, em Volta Redonda, inaugurava a Unidade Educacional do Deficiente Visual, atual Escola Municipal Especializada Doutor Hilton Rocha. Apesar de ter o nome de especializada, ela não é e nem foi criada como uma escola especial,

mas um local de apoio para os estudantes com deficiência visual que estudassem em salas comuns da rede de ensino da cidade.

Ao ser matriculado e frequentar essa instituição de ensino, eu me vi em contato com outras pessoas iguais a mim. Eu pude me reconhecer nos outros. Foi a primeira vez que eu tive contato com outras pessoas com deficiência, o que foi algo esplêndido para minha constituição como sujeito de minha própria história.

Vale destacar, que a inclusão deve ser sempre o objetivo nosso em todos os setores da vida social. Contudo, não se pode desprezar o contato e a convivência com os iguais a nós, pois é com eles que nós aprendemos, na interação, os limites, possibilidades, bem como a troca, tão valiosa para a nossa autonomia.

Naquele momento, eu me senti em grupo realmente e pude compartilhar meus sonhos, limites e possibilidades com meus 'iguais'. Era o 'nada sobre nós, sem nós', se materializando em minha vida. Era como se eu tivesse vivido todo esse tempo meio que sozinho, apesar de todo o afeto dispensado com a minha pessoa e que foi destacado em vários pontos desse memorial. Eu vivi rodeado de pessoas 'normais', mas me sentia isolado e deixei de me sentir assim, quando eu conheci os meus pares de luta.

Ressalto aqui, que essas reflexões não têm o intuito de celebrar a segregação, mas de refletir sobre esse conceito, pois eu vivi 16 anos entre pessoas ditas normais, porém segregado em mim mesmo com minha própria deficiência, sem as trocas de experiências com outros atores com cegueira ou baixa visão.

O ano de 1989 chegou e com ele várias decisões em minha vida precisariam ser tomadas, pois no início de janeiro eu voltei ao médico que tinha feito a cirurgia em mim a fim de avaliar o resultado da intervenção anterior e marcar o procedimento no olho

direito que perdia a visão rapidamente devido ao glaucoma descontrolado.

Descobrimos, decepcionados, que o procedimento do olho esquerdo não havia atingido os objetivos e então, eu decidi que eu não tentaria mexer no olho direito pois, além do risco de ser mal sucedida como no olho esquerdo, o olho direito poderia perder abruptamente o pouco de percepção visual que ainda restava.

Eu decidi então focar no meu preparo para enfrentar a cegueira que se fazia eminente, através da troca de escola regular para outra, a fim de conciliar os horários com a aprendizagem do sistema Braille, orientação e mobilidade, aprendizagem do Soroban e outros aspectos necessários para a vida enquanto pessoa cega que eu me tornaria mais adiante.

Assim, em 1989, eu vivenciei, não com esse nome, o chamado Atendimento Educacional Especializado que viria a ser implantado décadas depois no Brasil. Pela manhã, eu estudava numa escola de apoio, enquanto à tarde, eu frequentava, ainda com mais dificuldades, o colégio dito regular.

A minha estada no Colégio Estadual Barão de Mauá, durante um ano, foi marcada pela progressiva perda de visão, fortes dores no olho, quase que diárias, grande atenção dos professores para comigo e, mais uma vez, excelente receptividade dos colegas de classe que se revezavam em me auxiliar.

Mais uma vez em minha vida escolar, estiveram presentes o amor, a raça e o improviso. Os professores não sabiam lidar com um aluno que enfrentava um quadro caótico de perda de visão e mais uma vez improvisaram e tiveram sucesso em seus objetivos para comigo, já que eu consegui terminar o chamado primeiro grau.

Como exemplo desse amor e improviso por parte dos professores, lembro-me da minha última prova de matemática em

que a professora deixou todos os estudantes terminarem e, sozinha comigo na sala de aula, ela traçou o plano cartesiano no quadro e eu fui dando as respostas ali na lousa. Essa situação levou a professora a se utilizar de todo o quadro-negro para que eu conseguisse enxergar.

Aqui eu abro um parêntese: Vejam que a falta de preparo dos professores não foi um empecilho para que eles pudessem atender às minhas necessidades. O diálogo constante entre a escola e minha família, minha postura ativa no sentido de orientá-los e a atitude não omissa deles fizeram com que eu conseguisse vencer mais essa etapa da minha vida escolar.

Contudo, eu não tinha controle de todas as variáveis contidas na decisão de dedicar-me apenas a terminar o chamado primeiro grau e aprender as noções que eram necessárias para eu me adaptar à nova condição de cegueira. As sucessivas greves do magistério estadual e municipal de Volta Redonda, a perda de visão acelerada, a saúde precária em razão das fortes dores nos olhos, o despreparo dos professores da escola de apoio, fruto do trabalho recente que eles começavam a desenvolver, dentre outros fatores, fizeram com que eu terminasse 1989 com parte dos objetivos alcançados, uma vez que eu pude concluir o ensino fundamental, mas ainda despreparado para atuar na nova condição de pessoa cega.

Sem me dar conta desse despreparo, eu pedi aos meus pais que me mandassem para Juiz de Fora, a fim de que eu continuasse meus estudos. Nesse sentido, em fevereiro de 1990 eu me mudava sozinho para aquele município e iniciava assim mais um capítulo de minha trajetória, ou seja, a vida fora de casa e longe dos meus familiares.

Eu morei, durante algum tempo, na Associação de Cegos de Juiz de Fora, famosa pelo jargão: “Em Juiz de Fora, cego não pede esmola.” O objetivo era que eu aproveitasse a experiência da

Associação em lidar com as pessoas cegas, a fim de que eu continuasse meu processo de reabilitação e meus estudos em uma escola regular que era particular, pois os colégios estaduais de lá, não atendiam ao público que chegava ao chamado segundo grau.

A estada em Juiz de Fora durou pouco. O despreparo emocional para viver longe dos meus familiares, o descontrole da pressão ocular, que chegou num determinado momento a 97 quando o normal seria 20, a ausência de base escolar para enfrentar o segundo grau em um colégio particular, o fato de eu não estar reabilitado para viver nessa nova condição, e a instituição que funcionava de maneira apenas asilar, fizeram com que, 80 dias depois, eu voltasse para a casa dos meus pais.

A sensação de derrota era muito grande e, do final de abril até o início de agosto de 1990, na casa de meus pais, eu vivenciava o fracasso de minha primeira tentativa de autonomia.

Eu estava cego, com dor nos olhos, quase todos os dias, sem estudar, sem me reabilitar, enfim, numa situação lamentável e que eu quis evitar, sem sucesso, quando eu tomei a decisão de não fazer a cirurgia no ano anterior.

Fracasso, derrota, medo do que viria pela frente e de ter meus sonhos inviabilizados em razão da tal cegueira que eu resolvera ingenuamente enfrentar de peito aberto, sem as armas necessárias, e a postura atônita dos meus pais que não sabiam o que fazer para que eu continuasse meus estudos, deram o tom desses meses em que eu fiquei quase sem fazer nada, exceto pelas aulas de orientação e mobilidade que eu tinha na escola de apoio.

Um dia, já sufocado por tudo, eu tive uma conversa dura com meus pais cobrando que eles se movimentassem para arrumar algum local para que eu pudesse ir completar meus estudos. De posse de um gravador, eu fui bastante duro com meus pais e registrei a conversa. Contudo, eu não percebi, mas durante a tal



gravação, o botão pause do gravador estava acionado e eu fiquei sem o registro da conversa.

Eu não tinha condições de me atentar para o fato de que meus pais viviam também esse luto, pois fizeram de tudo para que a cegueira fosse evitada, sem sucesso, e que eles queriam encontrar um caminho que impedisse novos dissabores na minha vida.

Não dá para ‘fazer omelete sem quebrar ovos’ e, no meu caso, a maneira contundente com que eu conversei com meus pais serviu para mobilizá-los e, no dia 06 de agosto de 1990 eu dava entrada no Instituto Benjamin Constant para que eu fizesse reabilitação a fim de que eu, quando voltasse para a escola regular, estivesse mais preparado para os desafios que estariam por vir. Além disso, eu fui morar na casa da tia do meu cunhado, cerca de uma hora e meia de ônibus de distância do Instituto.

O ano de 1990 caminhava para seu término e algumas dúvidas teriam que ser resolvidas: Onde eu estudaria no ano seguinte? O que eu faria de ‘segundo grau’? Tendo em vista que meus irmãos já trabalhavam, eu resolvi fazer o curso de formação de professores, o antigo normal, pois eu sairia com um diploma técnico que me permitiria trabalhar.

Foi assim que, no ano seguinte, eu comecei a estudar no Colégio Ignácio Azevedo Amaral, onde estudei até 1993.

### **CAPÍTULO III: DOS 20 AOS 30 – TEMPO DE ENCAMINHAMENTOS E DEFINIÇÕES**

A vida caminhava bem, eu fazia o curso de formação de professores, consegui outro local para morar: a Associação Fluminense de Amparo aos Cegos, em Niterói, além de me adaptar no eixo Rio Niterói, também fazendo novos amigos.

Durante o ensino médio, eu tive contato com uma disciplina pela qual me apaixonei: era a Sociologia; e decidi fazer vestibular para o curso de Ciências Sociais. Sendo assim, após muito estudar, mesmo não tendo feito pré-vestibular, no ano em que terminei o segundo grau, eu fui aprovado para Universidade Federal Fluminense.

Quando estava fazendo o curso normal, algumas dúvidas me assombravam: como poderei dar aulas para crianças que enxergam mesmo eu sendo cego? Que recursos utilizar? Como controlar as turmas sob minha responsabilidade? De que maneira eu poderia dar aulas sem escrever na lousa? E os diários? O que fazer para acompanhar a escrita das crianças?

No terceiro ano do curso normal, minha professora de didática nos incentivou a pesquisar algum assunto de nosso interesse e que tivesse alguma relação com nossa futura formação. Assim, eu entrevistei vários professores cegos que atuavam no ensino regular, dando aulas para crianças que enxergavam.

Pude concluir que, os que lecionavam de primeira à quarta série precisavam de ajuda de alguma pessoa que não fosse deficiente visual para desenvolver suas atividades e que, o controle de turma dependia muito da capacidade de negociação e da autoridade do professor.

Já os que davam aulas de quinta a oitava séries naquela época, tinham maior autonomia para desenvolver suas atividades, devido a maior maturidade das crianças. Ambos precisavam de auxílio no preenchimento dos diários e para a correção dos exercícios dos alunos.

O ano de 1993 terminava e eu aguardava os resultados dos exames vestibulares, pois acabara de concluir o curso de formação de professores, quando eu fiquei sabendo do concurso para o magistério municipal de Niterói. Fui aprovado nesse concurso e

com isso, se realizava uma parte do que eu havia planejado, ou seja, começar a trabalhar em paralelo aos meus estudos.

Como o município não tinha (e ainda não tem) classes ou escolas especiais, eu fui uma espécie de professor de sala de recursos para alunos com cegueira e baixa visão da rede. Eu transcrevia para o sistema Braille os exercícios que as crianças precisavam fazer, lia para os regentes as produções escritas dos alunos cegos, ensinava Soroban para eles e orientava os professores sobre a melhor forma de lecionar para os alunos com deficiência nas turmas regulares.

Em 1994, eu comecei a cursar Ciências Sociais na UFF e, no final do curso, eu fui aprovado para lecionar Sociologia num colégio estadual e para o curso de mestrado em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense.

Era 1998 e eu já era mestrando e começava minha experiência como professor regente de Sociologia no ensino médio. No ano seguinte, eu comecei a dar aulas de História para crianças da antiga sétima série em uma escola municipal.

Sou obrigado, nesse momento, a fazer algumas reflexões sobre minha atuação como regente, pois eu me esqueci de uma das conclusões lá daquele trabalho de pesquisa que era a necessidade de dialogar e negociar com os estudantes.

Um colega de profissão fez a seguinte observação: "A profissão de professor é muito ingrata: quando a gente é novo, temos disposição, mas não temos experiência. Quando nós estamos maduros, temos a experiência, mas não temos disposição".

Pois bem, eu entrei para trabalhar nessas turmas, cheio de vontade. Contudo, os estudantes queriam me testar e eu, sendo um professor cego, que era uma novidade para eles, não conseguia interagir, negociar e trabalhar de forma harmônica com eles. Confundindo autoridade com autoritarismo, fui para o confronto,

esquecendo-me do principal: de aprender com eles para melhor ensiná-los.

Os momentos em sala de aula que deveriam ser tão ricos para nós todos, de certa forma, foram desperdiçados em razão de meu destempero e arrogância.

Enquanto eu ficava achando que os alunos sem deficiência queriam se aproveitar de minha cegueira para me enganar, não percebia que os outros professores, mesmo sem serem cegos, enfrentavam as mesmas dificuldades. O diferencial que eu tinha era que eu não conseguia identificar os bagunceiros para puni-los.

Certo dia, enquanto eu ministrava minha aula na turma mais bagunceira da escola, um estudante, o mais bagunceiro dos bagunceiros, me pediu para pular a janela da sala para pegar sua caneta que tinha caído do lado de fora da janela. Eu o autorizei, com a condição dele me avisar quando voltasse para a sala. Assim foi feito: ele pulou a janela, pegou a caneta, pulou a janela de volta, me avisou e continuou fazendo sua bagunça habitual.

Se ele tivesse a intenção de me enganar, não teria me avisado e sim, pularia a janela de qualquer maneira faria as coisas sem me informar. Que lamentável! Eu perdi várias oportunidades de crescer muito mais como professor e ser humano.

Felizmente, nem tudo está perdido! Ao sair às ruas, meus ex-alunos, ao me encontrarem, fazem questão de falar comigo e eu percebo em suas vozes a felicidade de me reencontrar e de exporem seus progressos na vida, além de quererem saber se eu estou bem.

Uma de minhas amigas, ao comentar essa situação, me deu certo alento ao dizer que eles só vinham falar comigo porque eles tinham vontade, pois como eu não vejo nada, também não os veria. É, nem tudo foi perdido! Agora é corrigir os erros, lutar para não repeti-los e continuar a caminhada.

Em minhas aulas, com os poucos recursos que tinha em mãos, eu utilizava o recurso de ditar os textos para os alunos, trazia cópia dos mesmos para que alguém escrevesse no quadro para mim, passava trabalhos em grupo, usava o livro didático, passava vídeos e fazia debates com os estudantes.

Em relação às atividades escritas, eu tinha pessoas que liam para mim e que eram remuneradas para isso, além de voluntários que me ajudavam no preenchimento dos diários escolares, correção das atividades e preparação das aulas. Com o avanço da tecnologia, as possibilidades foram diversificando, bem como a forma de avaliar o desempenho dos alunos.

Ao terminar o mestrado com uma dissertação sobre Tancredo Neves e a transição democrática brasileira, eu tentei e não fui aprovado, no processo seletivo para o doutorado em história na UFF.

#### **CAPÍTULO IV: DOS 30 AOS 50 – NOVOS FOCOS, NOVAS PERSPECTIVAS**

O ano era 2002, e eu tinha emprego estável, morava sozinho, tinha terminado o mestrado e fui transferido para trabalhar na Coordenação Municipal de Educação Especial de Niterói. Tudo seguia, mas faltavam algumas coisas que eu gostaria de realizar. Apesar de morar sozinho, eu não tinha casa própria, não fora aprovado para cursar um doutorado e eu não havia constituído família ainda.

Com a morte repentina de uma namorada e o convite para lecionar no Colégio Pedro II através de um contrato de 2 anos, eu foquei no projeto: Tudo pela casa própria, conseguindo realizar esse meu sonho no final do ano de 2003.

Também no final de 2003, eu comecei a namorar a pessoa que, em 2006 viria a ser minha esposa, realizando mais uma parte dos meus objetivos.

Em 2009, mais uma vitória: Minha filha nasceu. Ao fazer teste do olhinho, foi identificada uma catarata nos dois olhos e o glaucoma que a deixou com baixa visão.

Eu via a história se repetir, de certa forma, pois enquanto minha esposa e eu nos preparávamos para fazer fertilização, ela engravidou. Contudo, ela tinha acabado de tomar a vacina contra rubéola e o recomendável era ela ter ficado 3 meses sem engravidar o que não aconteceu.

O sonho de uma família estável ganhou uma novidade, pois em 2016, com sete anos de idade, meu afilhado passou a morar conosco e com isso, obtivemos a guarda compartilhada dele.

Minha vida profissional seguia um bom caminho. No município, eu atuava na Coordenação de Educação Especial, acompanhando, avaliando e encaminhando alunos com deficiências que estudavam nas escolas municipais. Além disso, eu dava aulas de Sociologia em um colégio estadual e, em 2004 eu atingia mais um objetivo em minha vida que era o de ser professor do ensino superior, pois fui convidado para dar aulas para o curso de Pedagogia numa instituição privada em São Gonçalo, onde lecionei até 2021.

Em 2009, eu recebi o convite para atuar na Secretaria Municipal de Acessibilidade e cidadania de Niterói e auxiliei na elaboração, implantação e avaliação das políticas públicas nessa área. Atuei nesse órgão público até 2015, quando eu passei a trabalhar na Escola Municipal Paulo Freire como professor de sala de recursos e continuo até hoje.

Paralelamente a isso tudo, eu fui apresentado ao mundo da audiodescrição. Fiz vários cursos e hoje sou também consultor nessa área.

Porém, faltava ainda alguma coisa, o doutorado. Quando eu era graduando, eu sonhava em ser professor universitário e, para isso, eu planejava me graduar em Ciências Sociais, fazer mestrado em Ciência Política e doutorado em Educação, o que, no meu entender, contribuiria para alargar meus horizontes profissionais e minha visão de mundo.

Ano passado, ao completar 50 anos, eu ganhei um presente da vida: minha aprovação no programa em Ciência, Tecnologia e Inclusão da Universidade Federal Fluminense para cursar o doutorado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao concluir essa escrita, bem como ao revisitar minha trajetória, observo com grande satisfação que a cegueira não me paralisou, muito pelo contrário, ela me colocou em contato com meus sonhos e me obrigou a agir em busca dos mesmos, ainda que numa condição mais desfavorável que a anterior.

Não venero a cegueira, nem a amaldiçoio, ela é uma, dentre muitas situações e condições possíveis no universo humano. O importante é sabermos, ou buscar sabermos como se faz a melhor limonada possível com os limões que temos disponíveis.

Lutar, saber aproveitar as oportunidades, valorizar os recursos que temos é algo muito importante, mas temos que ter foco, pois “quando não sabemos onde queremos ir, reclamamos de tudo que vemos pela frente”. Eu ainda completo: quando estamos focados, as barreiras deixam de ser obstáculos, se transformando em escadas, pelas quais subimos para conquistarmos nossas

vitórias. É dessa maneira que procurei e ainda procuro agir em diversos setores da minha vida.



## CAMINHOS PERCORRIDOS: minha trajetória profissional

---

Aline dos Santos Ribeiro

*O professor medíocre conta. O bom professor explica. O professor superior demonstra. O grande professor inspira.*  
William Arthur Ward

Posso dizer que minha vontade de ser professora começou na infância. As vezes me pego pensando nas brincadeiras de quando era criança e uma das que vem na memória é a brincadeira de escolinha que era recorrente seja com meu irmão mais novo, primos, colegas e até mesmo sozinha na qual as bonecas e bichinhos de pelúcia passavam de filhos para alunos.

Quando completei o ensino fundamental, precisei escolher a escola que eu queria estudar no ensino médio, como não sabia ao certo se seria aprovada em uma universidade pública, pensei que eu tinha que fazer o ensino médio em uma escola que

ofertasse o ensino profissionalizante para que eu pudesse sair com o diploma de alguma profissão, para que fosse mais fácil conseguir um emprego e assim, pagar a mensalidade de uma universidade.

Sendo assim, ao escolher a formação que fosse além da geral, escolhi fazer a formação de professores justamente por gostar da escola, de ensinar, (sempre tive muita paciência) e ser professora e foi mais uma vez que as brincadeiras de criança vieram à tona. Terminei o último ano do ensino fundamental em 2004 e em 2005 ingressei no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho- IEPIC, localizado na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

Na época a formação de professores durava quatro anos de ensino médio, o primeiro ano contava com a formação geral, com todas as disciplinas do currículo do ensino médio e não focava muito na formação de professores, tanto que muitos alunos que ingressaram no instituto se quisessem desistir da carreira do magistério tinham até o primeiro ano para desistir, uma vez que a partir do segundo, o ensino seria voltado para a formação de professores e caso continuassem, acabariam se formando em algo que não queria, além disso, teriam tempo hábil para ingressar em uma escola de formação geral e ter uma preparação melhor para o vestibular.

Algumas vezes fui questionada e me questionei se de fato queria isso para mim, para a minha formação e se não queria sair do IEPIC, principalmente quando vi meus amigos deixando a escola e se encaminhando para a formação geral, o fato de ter que ficar mais um ano no ensino médio pesou bastante não pelo atraso a completar meus estudos pois fui um ano adiantada no ensino fundamental e claro, sempre quando se falava na profissão professor, o apontamento era sempre o mesmo: desvalorização da profissão e conseqüentemente salário baixo. Ainda assim, mesmo depois de todos os questionamentos, continuei firme no meu

propósito e dei segmento a minha formação continuando no instituto.

A cada ano que passava mais certa estava de que fiz minha melhor escolha. Disciplinas como história da educação, filosofia da educação, psicologia da educação, abordagem psicosociolinguística do processo de alfabetização foram muito importantes no meu processo de ensino e aprendizagem e do meu querer ser professora. Até os estágios apesar de serem cansativos e desafiadores foram ótimos no meu processo prático de aprendizagem.

Porém, o que posso dizer que o que foi a “virada de chave” na escolha da minha carreira foi a disciplina que tive no terceiro ano de curso normal chamada Conhecimentos Didáticos Pedagógicos em Educação Especial- CDPEE, o nome da professora da disciplina era Márcia Netto que contribuiu ainda mais para que eu gostasse de estudar sobre o assunto, suas aulas eram apaixonantes.

Esta disciplina, como o nome sugere, trata da educação voltada para o público-alvo da educação especial (os alunos com deficiência). Cada aula tratava de uma deficiência em específico, a aula era cercada de debates, a professora nos apresentou autores e profissionais que contribuíram com a educação especial dentre eles: Freinet, Maria Montessori, Pestalozzi, Helena Antipoff, Louis Braille, Binet, Anne Sullivan, Hellen Keller e entre outros. Além disso, debatíamos notícias, reportagens, víamos filmes que abordavam a temática e o meu interesse pelo assunto crescia a cada dia. Também tive meu primeiro contato com LIBRAS e Braille, o interesse era tanto que até a sala de recursos do IEPIC passei a visitar com frequência para observar o trabalho da professora da sala de recursos multifuncional.

Com esta disciplina tive que fazer um estágio de observação de uma semana em uma escola/instituição especializada ou alguma

escola regular que tivesse alunos com deficiência em sala de aula. Optei por fazer em uma escola estadual de educação especial<sup>2</sup> próxima da minha residência e desde então, não me restou dúvidas, queria atuar como professora e trabalhar em prol da educação especial/inclusiva e sendo assim, comecei a me preparar para prestar vestibular para Pedagogia.

O curso normal foi maravilhoso, mas como era dado ênfase as disciplinas pedagógicas, não fui preparada no ensino médio para prestar vestibular, inclusive as disciplinas de física, química e biologia foram retiradas do currículo escolar no primeiro ano da formação. Então, no quarto ano ingressei no pré-vestibular pois era a única forma que eu via a possibilidade de passar em pedagogia para alguma universidade pública.

Felizmente não estava errada, terminei o ensino médio em 2008 e logo no primeiro semestre de 2009 ingressei na Universidade Federal Fluminense no curso de Pedagogia, depois de ter sido aprovada na UFF, UERJ e conseguido 50% de bolsa em uma faculdade particular através do ENEM, no entanto optei pela UFF por ser mais próxima a minha casa e ser uma instituição federal. Não foi fácil principalmente por ter que começar do zero nas disciplinas de física, química e biologia, mas eu consegui.

Nesse mesmo ano, comecei o meu primeiro emprego, era professora de uma turminha de Educação Infantil (Jardim I) e foi desafiador conciliar trabalho e estudo, antes disso eu dava aulas de reforço escolar e atuei também como amiga da escola na Escola Estadual Menezes Vieira, onde concluí o segundo segmento do ensino fundamental, porém não era nada fixo.

---

<sup>2</sup> O nome da escola é Escola Estadual de Educação Especial Professor Álvaro Caetano de Oliveira- EEPACO, localizada no bairro do Barreto/Niterói.

Trabalhar com Educação Infantil era desafiador, mas era prazeroso demais, embora não tivesse nenhum aluno com deficiência, fui a primeira professora de muitos daqueles alunos que não tinham feito o maternal, foi comigo que eles aprenderam as vogais, os números, treinavam coordenação motora, pude trabalhar com os pequenos a socialização, fazíamos brincadeiras com cunho pedagógico, tinham as cantigas de roda, enfim, além de uma responsabilidade que eu tive que foi o desfalque de muitos deles, enfim, era maravilhoso, e apesar dos desafios diários, recordo-me com muito carinho e gratidão de cada momento ali vivido, alguns daqueles alunos eu tenho contato até hoje assim como de seus familiares. É gratificante demais saber que marquei a vida deles assim como eles marcaram a minha.

Minha permanência nesta pequena escola durou apenas neste ano<sup>3</sup>, e em 2010, busquei novos rumos para minha carreira profissional, foi quando a UFF abriu edital para as bolsas de assistência social e divulgação científica.

Dentre os projetos que estavam sendo divulgados e que estavam precisando de bolsistas, encontrei o projeto de extensão Escola de Inclusão<sup>4</sup> que na época era coordenado pela professora Dra. Cristina Delou.

O projeto funcionava com oficinas no período das férias e agenda acadêmica da UFF, a princípio as oficinas ofertadas eram de LIBRAS, Braille e Materiais Didáticos Acessíveis, apesar de gostar dos três assuntos, meu coração batia mais forte pelo Braille.

---

<sup>3</sup> Nome da escola: Jardim Escola Mirabilândia- escola de pequeno porte localizada no bairro do Barreto em Niterói, que encerrou suas atividades em 2012, apesar de ser meu primeiro emprego fixo de segunda a sexta-feira, não era em regime CLT.

<sup>4</sup> Escola de inclusão: labs-steam (uff.br)

Me sentia como quando estava no processo de alfabetização ainda criança, todo lugar que eu passava e via o Braille (elevador, maquetes em locais culturais, embalagens de produtos...) queria ler o que estava escrito e passar a mão sobre os pontinhos.

Depois que passei pela experiência em ser discente das oficinas da Escola de Inclusão, comecei a ajudar na comissão organizadora e nas demais funções do projeto.

Até que em 2011, a convite da professora Cristina, assumi a minha primeira turma na oficina de Braille, o que nem preciso exprimir meu sentimento com relação a mais etapa na vida que estava começando.

**Imagem 1** - Oficina de Braille – Escola de Inclusão / FEUFF



**Fonte:** arquivo pessoal (2024)

Minha passagem enquanto bolsista na Escola de Inclusão durou dois anos, porém, continuei comoicineira em Braille até 2019 de forma voluntária, sem dúvidas o Sistema Braille é uma das minhas paixões.

A Escola de Inclusão era um sucesso, os alunos saíam do curso com cada vez mais sede e vontade de aprender, a procura por uma formação continuada era tão grande que em 2013 foi aprovado o Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão- CMPDI.

Eu, porém, estava terminando a faculdade de pedagogia, a minha paixão pelo Braille fez com que eu escrevesse minha monografia de graduação baseada no tema sob a orientação da professora Cristina Delou. Minha colação de grau aconteceu em 03 de dezembro de 2013 e a partir daí, era oficialmente pedagoga.

**Imagem 2** - Colação do curso de pedagogia em 03/12/2013- FEUFF



**Fonte:** arquivo pessoal (2024)

Voltando um ano da minha história ainda na faculdade de pedagogia, comecei a procurar um estágio para que eu tivesse outras experiências profissionais em meu currículo além de ser bolsista, e através de uma amiga, soube de uma vaga de estágio em uma escola particular de grande porte em Niterói, e assim, dei início a uma trajetória na Escola Geração Fórum Cultural.

Comecei como estagiária da turma do quarto ano, embora a função fosse basicamente auxiliar a professora e a turma, uma “missão especial” me foi confiada, a de ser mediadora de um aluno em questão desta turma que foi diagnosticado autista, na hora quando a professora me falou, várias coisas me passaram pela cabeça, comecei pensando no curso normal, a professora Márcia Netto falou sobre autismo, mas no meu tempo de normalista não se falava tanto em autismo, pois o mesmo só passou a ser considerado deficiência no Brasil em 2012 com a Lei de número 12.764 de 27 de dezembro de 2012, também conhecida como Lei Berenice Piana, uma mulher, mãe de um menino autista e ativista na causa.

Ou seja, no ano em que comecei como mediadora de um aluno com este diagnóstico é que se começou a se pensar e a se abordar mais o assunto e, no final deste ano, depois de muita luta sobretudo desta mulher, cria-se uma lei que passa a reconhecer a pessoa autista como pessoa com deficiência. Mais tarde ao se criar a Lei Brasileira de Inclusão (13.146 de 06 de julho de 2015), a pessoa autista também estava incluída no público-alvo da pessoa com deficiência.

Recorri a professora Cristina Delou que me ajudou, me orientou enquanto psicóloga, professora e pesquisadora para trabalhar com esse menino. O trabalho fluiu, aos poucos fui ganhando a confiança da professora regente, da direção e coordenação da escola, dos pais e principalmente do aluno e, no ano seguinte o acompanhei juntamente com sua turma para o quinto ano. Neste mesmo ano, passei de estagiária para auxiliar de desenvolvimento infantil nesta escola.

Foi um ano também de desafios, mas com muita determinação e foco vencemos (eu e ele), este aluno começou a fazer acompanhamento com a psicóloga frequentemente, inclusive ela esteve na escola querendo me conhecer e até por incentivo



dela, comecei a fazer acompanhamento de mediação deste aluno também em casa.

A preocupação dos pais do menino sobre sua ida para o sexto ano era frequente e a escola na época perguntou da minha disponibilidade para acompanhar esse menino no sexto ano e então, comecei a trabalhar na escola de manhã fazendo o acompanhamento deste aluno e a tarde me foi confiado outro aluno com o diagnóstico de autismo para o quinto ano, passei então de auxiliar de desenvolvimento infantil para auxiliar de ensino.

As funções basicamente eram as mesmas, mas devido ao tempo de casa, me foi dada esta promoção. Um ano mais tarde com a demanda deste público-alvo aumentando, me tornei professora especializada, acompanhei esse meu primeiro aluno desta escola do quarto até o sétimo ano, depois veio o segundo, terceiro aluno, cheguei a mediar uma aluna com dislexia e déficit de atenção.

Minha trajetória no Colégio Geração Fórum Cultural foi até o ano de 2017. Sobre a trajetória acadêmica, depois que me formei em pedagogia em 2013, tirei uma pausa no ano seguinte e em 2015 ingressei no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão- CMPDI.

Sob a orientação da professora Cristina Delou, o tema da minha pesquisa foi: Adaptação Curricular para Alunos com Autismo Brando/ Síndrome de Asperger, algo que eu fazia e discutia muito no meu trabalho na escola e que pela necessidade de fazer cada vez mais um trabalho melhor e satisfatório aos meus alunos e por se tratar de um mestrado profissional, resolvi alinhar minha pesquisa a prática do que eu estava vivendo naquele momento profissionalmente, assim como o sistema Braille, falar sobre autismo é uma paixão para mim.

Foram dois anos de muita pesquisa, estudo e mais uma vez me vi professora, quando ministrei um curso de adaptação curricular para alunos autistas a professores do ensino regular que tinha/m aluno/os autista/s em sala de aula. Focamos sobretudo no Plano de Ensino Individualizado-PEI para este público-alvo.

O curso contou com a parceria da Prefeitura de Itaboraí, Rio de Janeiro, sobretudo de uma amiga do mestrado que é professora e autista, e na época atuava como coordenadora da Clínica Escola do Autista do município.

### **Imagem 3** - Curso de Adaptação Curricular



**Fonte:** a autora (2024)

Em 12 de julho de 2017, defendi a minha dissertação e me tornei mestre em Diversidade e Inclusão.

#### Imagem 4 - Defesa de dissertação de mestrado



**Fonte:** arquivo pessoal (2024)

Em 2018 já com o título de mestre e já não mais atuando na escola Fórum Cultural, aconteceu outra “virada de chave” na minha vida, fui selecionada para trabalhar como Coordenadora Pedagógica em um projeto novo da minha cidade. Pertencente a então Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia, em 26 de março deste mesmo ano começo a minha jornada frente a Plataforma<sup>5</sup> Urbana Digital da Engenhoca.

Trata-se de um equipamento público com o objetivo de ampliar a dimensão educacional de forma lúdica por meio da tecnologia a população através de várias atividades como a promoção de eventos culturais, cursos livres e gratuitos na área da tecnologia, simuladores virtuais, atividades com jogos e galerias

---

<sup>5</sup> <https://plataformadigital.niteroi.br/>

interativas com informações diversas e entre outras possibilidades que se abrem através da cultura *maker*.

Atuar no projeto é algo totalmente novo para mim, uma vez que minha experiência era majoritariamente em sala de aula, no entanto, não deixei de ensinar. Enquanto coordenadora pedagógica ajudei na formação dos professores sobretudo na área da tecnologia assistiva, também ministrei capacitação para demais funcionários da Secretaria e fazia apresentações fora também.

Em 2020, com o início da pandemia, não deixei de estudar e me qualificar profissionalmente, concluí meu curso de LIBRAS iniciado em 2019 na Associação de Pais e Amigos dos Deficientes de Audição (APADA Niterói). Também fiz um curso de Audiodescrição e Ledor (em formato EAD) para ampliar meu leque profissional. Atualmente trabalho com audiodescrição e sou ledora em concursos públicos, continuo trabalhando em prol da causa do autismo, ministrando palestras, fazendo *lives* etc. Sigo também fazendo acompanhamento de aluno de forma domiciliar.

Em 2021 tentei pela primeira vez o doutorado e fui aprovada no PGCTin sob a orientação do professor Dr. Luiz Antônio Botelho Andrade, o foco da minha pesquisa será como se dá o processo de acessibilidade em escolas e espaços culturais da minha cidade, que tipos de tecnologias assistivas são utilizadas e para que público-alvo são destinadas. Pretendo focar na audiodescrição.

Atualmente estou como diretora do projeto Plataforma e pretendo trabalhar cada vez mais com e pela inclusão da pessoa com deficiência e espero que a minha pesquisa, assim como todo o processo de doutoramento, contribua cada vez mais com a minha prática profissional e melhorando a vida das pessoas, embora não esteja mais em sala de aula, meu processo de ensino e aprendizagem tanto como professora quanto como aluna continua cada vez mais vivo em mim. Nunca me vi e não me vejo atuando em outra área que não seja a do ensino.

## DAQUI EU VEJO A SERRA

---

SINOMAR SOARES DE CARVALHO SILVA

*“Entender direito as pessoas não é uma coisa própria da vida, nem um pouco.”  
Philip Roth*

### DAQUI EU VEJO A SERRA

Hoje é sexta-feira, 13 de maio de 2022, 14:09hs. Escrevo este memorial no terceiro andar de um prédio na região sul de Palmas, capital do Tocantins. Da janela avisto, à direita, a Serra do Lajeado, que margeia toda a cidade. Apesar de estar no terceiro andar, alguns prédios me impedem de ver a totalidade da Serra do Lajeado, mas consigo enxergar, por exemplo, seu cume, seus contornos, algumas clareiras e a sombra que algumas nuvens lhe conferem. Vejo que a serra começa bem elevada, depois um conjunto de quatro prédios estão impedindo a visão e depois deles a Serra do Lajeado já está mais baixa, vem mais um conjunto de prédios, e ela já está levemente elevada, novamente. Depois mais prédios; e acaba minha janela.

Mesmo que eu me esforce, que force a visão, não consigo ver a característica das árvores do Cerrado que compõem a Serra do Lajeado, não vejo seus caules tortuosos, suas cascas duras, suas folhas cobertas de pelos. Nem com um poderoso binóculo conseguiria ver daqui um murici, um faveiro ou um araticum, mas certamente diversos exemplares deles estão lá.

Minha janela está aberta, faz 33 graus agora e um sol forte invade meu quarto, cobrindo metade da cama, formando uma figura geométrica que eu não sei nomear. Me levanto um pouco, ando pelo quarto, me esgueiro entre a cama e a parede e olhpara a esquerda da minha janela. Ao longe vejo o lago de Palmas, no Rio Tocantins, extenso e criado pela necessidade de energia do homem. Estamos no outono, mas noCerrado as estações são apenas formalidades da Geografia, no céu há algumas nuvens, aquelas mesmas que fazem sombra na Serra do Lajeado.

Continuo em pé na minha janela, recebendo sol, mas não inspiração. Na Alexa, Radiohead canta Paranoid Android, a letra diz que "eu posso ser um paranoico, mas não um androide". A música termina e começa "Let Down", que fala sobre desapontamentos e sobre criar asas e voar. É minha favorita, sinto um arrepio, me sento novamente em frente ao notebook, e vou escrever.

A minha direita, na cabeceira da cama há quatro livros, dois deles são biografias, uma de Kafka e outra do ex-presidente Barack Obama. Em minha mesa de estudos, aolado do notebook está meu currículo lattes impresso e eu penso que posso ser paranoico, mas não um androide para escrever este memorial apenas pelo listar das minhas produções.

Olho novamente para a Serra do Lajeado, ela está igualzinha estava ontem, e antes de ontem. Como seria se eu pudesse voltar no tempo e enxergá-la há 30 anos? Sutilmente

ela foi sendo moldada desde a criação de Palmas, antes os ciclistas e suas roupas coloridas não subiam para se exercitar e postar o pôr do sol. Os prédios que hoje me impendem de vê-la não existiam, da minha janela eu não tenho a serra toda, eu tenho o que os prédios me permitem ver. Uma vida não seria capaz de dar conta de ver estas mudanças, sutis, diárias.

Quando penso em revisitar minha trajetória acadêmica nesse memorial, a mesma sensação me abate. O que há de memorável para ser lembrado, que constituiu minha identidade de pesquisador? Será que consigo voltar ao passado e me descobrir como pesquisador? Ou os prédios que fui construindo, por meio de relações, decisões corretas e equivocadas, vão me impedir de enxergar o que me tornei? Será que eu vou te entregar, leitor, toda a minha serra? Todo o meu lago? Será que a leitura desse texto pode ser como um binóculo poderoso que fará você enxergar todas as árvores que me compõem? Será que o que eu vou te entregar é uma espécie de personagem de Philip Roth? Cheio de falhas e lutas, com medo de morrer para a academia, vaidoso, e que se depara com situações no doutorado que demonstram suas limitações?

Me parece um absurdo, e não no sentido de estar fora das regras da academia - o memorial acadêmico é fundamental para muitas seleções para o cargo de docente - mas no sentido filosófico, aquele que Camus (2010) tanto percorreu em sua obra, ou seja, querer dar sentido a uma vida, e aqui é a acadêmica, que não tem sentido, fazer uma retrospectiva e dar significado a decisões que à época foram tomadas não pela academia, mas talvez pela sobrevivência. Trilhar um caminho ao passado como se todas aquelas decisões e obras fossem construídas com um único propósito, quando a verdade é que não foram (REGO, 2014).

Portanto, este caráter absurdo de um memorial é um dos riscos de sua escrita, mas concordando com Kafka (2011), a partir de certo ponto, não é mais possível retornar e este é o ponto que devemos buscar, para mim não há mais retorno, minha vida é a academia, é o que faço com mais prazer e a escrita deste memorial está sendo um prazer, espero que para você a leitura também o seja.

## COMO UM INSETO GUIADO PELA LUZ ELÉTRICA

Desde a última palavra que escrevi mais de uma hora se passou. Ainda tenho muitas páginas pela frente e pouco mais de uma hora de sol. Daqui a pouco vou ligar a luz e fechar a janela para que os insetos não inundem o quarto. Fica escuro lá fora e eles usam a luz para se guiar e voltar ao seu habitat, a sua casa. Eles deveriam se guiar pela lua, mas a luz elétrica é mais forte, os confundindo. Eu usei o Jornalismo pra me guiar. Sempre acreditei que o Jornalismo e suas competências eram meu habitat natural, minha casa, o lugar da minha eterna habitação.

Entre no curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em 2005, na Universidade Federal do Tocantins - UFT, muito antes das alterações promovidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais em 2013. Uma delas, corretamente, alterou a nomenclatura do curso para Jornalismo (Silva, 2021).

Durante nove semestres me orgulhei da minha graduação, mas não do meu desempenho mediano em quase todas as disciplinas. A falta de estrutura da universidade fundiu-se perfeitamente com minha falta de estrutura. Mas me saí bem, até acima da média, em quase todas as disciplinas que exigiam escrita.

Num teste de escrita em campo, na produção de uma matéria, fui selecionado para fazer estágio na assessoria de



comunicação da Universidade Estadual do Tocantins – Unitins. Mas como a bolsa tinha um valor muito abaixo das minhas necessidades, resolvi escolher um estágio na operadora de telefonia Brasil Telecom. Nesse momento não me guiei pela lua para chegar ao meu habitat, mas pela luz elétrica, mais forte. Acabei me envolvendo cada vez mais com demandas que não eram relacionadas com minha graduação e me afastando do campo.

Fui chegando cada vez mais perto das demandas da Brasil Telecom, cada vez mais próximo da luz elétrica. Meu padrão de voo começou a mudar. A graduação continuava prazerosa, mas fiquei desorientado pela luz forte e quente e acabei morrendo para a academia. Não participei de pesquisa e não estive em projetos de extensão, mas estive em um casamento fracassado que acabou logo após minha formatura. Produzi, ao final do curso, uma interessante (palavras minhas) monografia de graduação que conseguiu demonstrar que em um determinado portal de notícias do Tocantins via-se pouquíssimas notícias negativas de seu maior anunciante, que nos demais veículos era constantemente noticiado com fatos negativos (Silva, 2009).

## **LÁ ATRÁS TEM UMA SERRA, LINDA...**

Já é noite, a janela está fechada e pouquíssimos insetos conseguiram entrar. Eles estão lá, hipnotizados pela luz, alguns já vejo no chão, caídos, mortos. Depois preciso varrer o quarto e retirá-los. O trânsito da avenida ao lado é intenso, as pessoas estão indo para suas casas. Agora já não é mais possível ver a Serra do Lajeado, apenas as luzes dos prédios ligadas, num acender e apagar que vai durar quase a noite toda. São muitos apartamentos, não saberia precisar quantos, mas eles me dizem

que atrás deles há uma serra, linda, verde, composta das mais belas árvores que já vi.

Após terminar o curso de Jornalismo, continuei na Brasil Telecom, que depois foi vendida e passou a se chamar Oi. Durante oito anos prestei serviço para esta empresa. Em 2011 conheci minha esposa, que me deu dois filhos lindos, por quem meu amor é maior que estes prédios. Ela me mostra todos os dias que por mais escuro que o dia ou a noite possam ser, lá atrás, há uma serra, linda, verde, composta das mais belas árvores que já vi.

Está muito escuro, mas eu sei onde estou, eu sei quem eu sou, eu ainda sei que o Jornalismo é o meu lugar, minha casa. Sabendo disso, resolvi fazer o concurso para um cargo administrativo na UFT, em 2014. Fui aprovado. Estava de volta a academia, ainda que longe da pesquisa.

Em 2016, buscando retomar a relação morta com a academia, submeti um projeto para seleção no Mestrado em Comunicação e Sociedade da UFT, fui aprovado. Concluí o mestrado em 18 meses e neste prazo consegui resgatar toda a vontade de pesquisar que não realizei na graduação, publicando alguns trabalhos sobre formação em Jornalismo. Na construção da dissertação no mestrado, eu e meu orientador, o professor Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior, percebemos uma lacuna sobre o tema na região norte do Brasil.

Participei, durante o mestrado, de uma série de eventos debatendo o tema. Em alguns apresentei meus primeiros achados e impressões, em outros apenas ouvi. Em diversos senti a necessidade de estar mais conectado com a área e os debates da Educação. Para preencher essa lacuna, fiz uma disciplina no Mestrado em Educação da UFT, sobre formação docente. Um tempo rico, de leituras interessantes sobre a área e suas dificuldades formativas.

Assim, aprofundi ainda mais as leituras sobre o assunto e sobre a área da Educação e produzi uma dissertação que começa com um resgate, necessário, sobre o ensino de Jornalismo no Brasil, sua relação epistemológica com a Comunicação e apontamentos históricos sobre a construção do curso. Ainda no primeiro capítulo, realizei um estudo sobre a formação em outros países, notadamente no continente europeu e as mudanças no ensino trazidas com o Processo de Bolonha.

No Capítulo II aprofundi os estudos sobre o ensino de Jornalismo na região amazônica, no norte do Brasil. Fiz um tópico sobre a produção docente, suas publicações, redes de coautoria, revistas em que publicam. Deste tópico nasceu um artigo submetido à Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós, que organiza um prestigiado evento todos os anos. O artigo foi aprovado e apresentado, em junho de 2018, em Belo Horizonte, no Grupo de Trabalho de Epistemologia da Comunicação (SILVA; PÔRTO JÚNIOR, 2018).

Nos capítulos seguintes realizei um estudo sobre os Projetos Pedagógicos de Curso - PPC para analisar quais as alterações promovidas nos cursos estavam aderentes ao que demandavam as novas diretrizes curriculares, alteradas em 2013. Após a análise foi possível concluir que os cursos e suas coordenações já vinham promovendo mudanças na formação e as diretrizes apenas aceleraram o processo. Os novos PPC foram construídos com base na busca por uma maior prática em detrimento das teorias, tornando o curso mais atrativo e desde o começo focado no fazer Jornalismo.

## ESSA É MINHA SERRA

Desde a última palavra que escrevi se passaram quase vinte horas, é tarde de sábado, 14 de maio, 14:30hs. Hoje o sol quase não apareceu por essas bandas do Cerrado. Uma neblina leve se faz presente, mas eu ainda vejo a Serra do Lajeado. Tem dias que a neblina se exaspera e cobre toda a serra, hoje não, hoje há apenas um rumor de neblina, uma lembrança de que mesmo durante o dia a serra pode ir embora da minha visão.

Quando terminei o mestrado fiquei com essa lembrança, que aquele meu eu pesquisador, afeito à academia e suas discussões e debates poderia ir embora, sumir por dias ou anos, sob uma neblina profissional qualquer. Continuei com alguns projetos em parceria com meu orientador e digerindo, ainda, a escrita da dissertação e suas angústias.

Depois de dois anos da defesa da dissertação, fui aprovado no Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão PGCTIn, da Universidade Federal Fluminense – UFF. Ainda sob orientação do Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior, vamos expandir minha pesquisa sobre formação em Jornalismo, agora também estudando a União Europeia, mas não sobre os aspectos da construção dos projetos pedagógicos, mas focados em que Tecnologias Educacionais estão sendo utilizadas para ligar a teoria dos livros com a prática do mercado.

Sempre me interessei em saber como os jornalistas são formados, desde a graduação analisei o percurso que meus colegas faziam e nunca entendi bem o porquê. Agora eu entendo, essa é minha serra, é para onde eu olho diariamente.

Quando recebi a demanda para escrever este texto a pergunta que deveria guiar era: como me tornei professor? Os escritos então deveriam versar sobre a formação da identidade docente. Eu não me tornei docente, ainda. Coloco

tranquilamente esse advérbio (ainda), porque sei que minha experiência com o tema de formação e os debates e textos que escrevi e que irei escrever no doutorado podem ajudar muito nas políticas de formação em Jornalismo e na própria formação em sala de aula.

Já é noite, ainda sábado, 14 de maio, 23:00hs. Está escuro e a maioria das luzes dos prédios estão desligadas, ainda ouço um pássaro, retardatário, e poucos carros passam na avenida. Não vejo, por óbvio, a serra, mas sei que ela está lá, como sei que minha carreira está apenas a começar e mesmo que possa parecer estar tarde, mesmo que eu possa ser um retardatário como este pássaro, que eu possa ser um bom companheiro para futuros alunos, como ele agora é retardatário e meu companheiro me ajudando a finalizar este texto!

## REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Best Seller, Rio de Janeiro, 140p.

KAFKA, Franz. **Franz Kafka – Essencial**. Penguin Classics – Companhia das Letras, São Paulo, 296p.

PORTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças. **Processo de Bolonha: história, formação e ensino na União Europeia**. Porto Alegre: Fi, 2017. 429 p.

REGO, T. C. **Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.19, n. 58. jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/NfYJVdy8bX7bcZxx65HMtxp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mai. 2022.

SILVA, Sinomar Soares de Carvalho. **Formação em Comunicação Social/Jornalismo na região norte: um estudo sobre as alterações nas universidades federais a partir de 2013** / Sinomar Soares de Carvalho Silva – Palmas, TO: Editora EdUFT, 2021.

SILVA, Sinomar Soares de Carvalho. **A presença dos releases da assessoria de imprensa da Rede Celtins no portal Cléber Toledo**. 69f. Monografia (Graduação) - Comunicação Social – Jornalismo. Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2009.

SILVA, S. S. C.; PORTO JUNIOR, F. G. L. R. . **PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOCENTE: Um panorama sobre a área de Comunicação nas universidades federais da região norte**. In: Compós, 2018, Belo Horizonte. Anais 2018 - XXVII COMPÓS: BELO HORIZONTE/MG, 2018.

## HISTÓRIA PINTADAS: a trajetória de um professor artista

---

Adriano Alves da Silva

*"Na interseção da arte e da educação, Adriano Alves pinta sua jornada, revelando como cada traço de tinta e cada palavra lecionada podem construir pontes entre culturas, épocas e corações. Este memorial serve não apenas como um testemunho de vida, mas como um manifesto sobre o poder transformador da arte e do conhecimento compartilhado."*

*Adriano Alves*

### INTRODUÇÃO

Este memorial acadêmico tem como objetivo revelar minha trajetória pessoal e profissional, situando-me em um contexto histórico-cultural e destacando minha subjetividade específica. Ao compartilhar minhas experiências e reflexões, busco ir além do indivíduo e inserir-me nas coletividades a que pertencço. Compreendo que a narrativa não é apenas um ato de resgate, mas também de reconstrução do passado, revelando diferentes processos de subjetivação.

Ao longo deste memorial, explorarei momentos marcantes da minha jornada, desde minha incursão no universo do graffiti e da música até meu envolvimento com a docência e a

pesquisa acadêmica. Cada experiência contribuiu para minha formação como artista, professor e pesquisador, moldando minha visão de mundo e meu propósito de contribuir para a conscientização social e a inclusão.

Convido você a embarcar nessa jornada comigo, na qual exploraremos os limites da subjetivação no discurso historiográfico, a relação entre arte, educação e tecnologia, e as possibilidades de transformação por meio da Imersodisrupção Artística (IDA). Vamos desvendar como o passado se entrelaça com o presente, e como minha história pessoal dialoga com as coletividades em que estive inserido.

## TRAJETÓRIA DE VIDA

Nasci durante aquela garoa da manhã do dia 10 de julho de 1973 na zona sul de São Paulo, cresci nas periferias. Estava cercado de gente muito lutadora. Pegava ônibus e metrô lotado todos os dias para estudar e trabalhar, me orgulhava disso, afinal acordar cedo e disputar uma grande fila era digno, pois não estava sozinho havia outros lutadores também. Me esforçava em absorver o máximo de informação, para mim era como aprender rápido e mais. Gostava de ler, de ver, de ouvir e sentir o que aquele lugar frenético tinha a oferecer. Tinha a ciência de que informação e vivência sempre foram ganhos e isso borbulha em São Paulo.

Meus pais, imigrantes do interior da Bahia, sofreram muito para nos criar em um ambiente hostil para nordestinos. Mesmo assim, faziam questão de oferecer para os filhos o melhor que podiam. Sofríamos *bullying* constantemente e isso era muito comum nesta época, coisas como, "...Que baianada é essa? Só podia ser coisa de baiano!" Aliás, naquela época todo nordestino era baiano.



Aos 5 anos de idade, segundo relatos da minha mãe, com o uso de uma caixa de giz de cêra, pintei as quatro paredes da sala da minha casa. Quando ela chegou do seu trabalho me pus orgulhoso a apresentar o feito.

- Óh! Eu que fiz, sozinho!

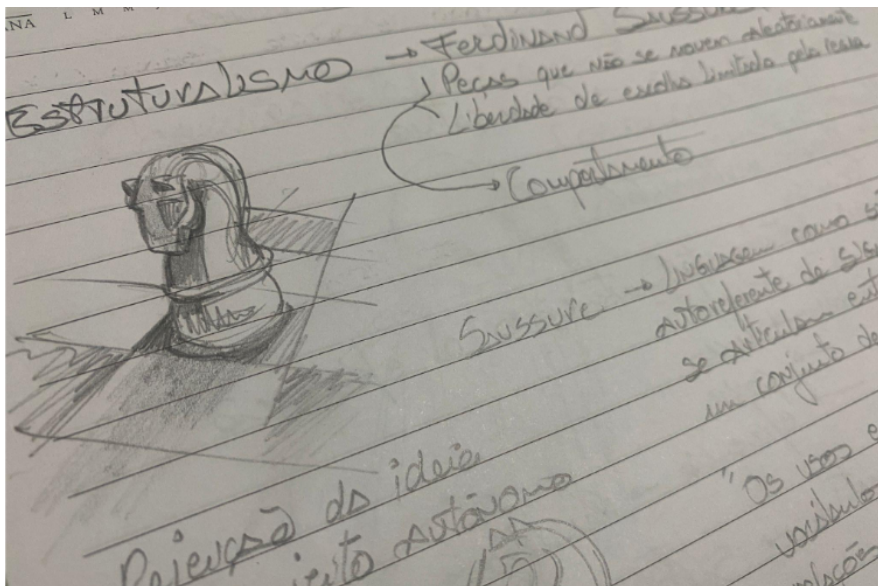
Na pintura que fiz, segundo ela, havia um complexo jardim florido, com direito a borboletas, elfos, gnomos e, entre outros seres indecifráveis, eles, papai e mamãe de mãos dadas. Ela, estarecida e, ao mesmo tempo, comovida com tal inocência, convenceu meu pai a não punir-me. Ele passou a me trazer folhas de papel, para que minha arte fosse restrita a este suporte e não mais nas paredes da casa.

Foi a partir deste momento de complacência dos meus pais que me dediquei à evolução artística que me trouxe até aqui. Em uma época onde a educação dos filhos era tratada com severidade (dada as inúmeras surras que levei), poderia ter tido um bloqueio para o campo artístico, visto que fiz uma intervenção não autorizada em um espaço da casa tido como "sagrado" (a sala de estar), local onde se recepcionava todos os visitantes da família. Minha mãe chegou a dizer:

- Você só é o artista que é, porque seu pai não te bateu!

Costumava desenhar tudo que via. Meus cadernos eram todos desenhados com o que eu chamava de "letra-imagem". registrava o que era dito pelos professores do meu jeito, em gráficos, diagramas e outras garatujas que só eu entendia. Cheguei a ser repreendido por professores que entendiam que aquilo era pura divagação ou distração, mas para mim não era, tratava-se da forma que criei para que aquilo fizesse sentido.

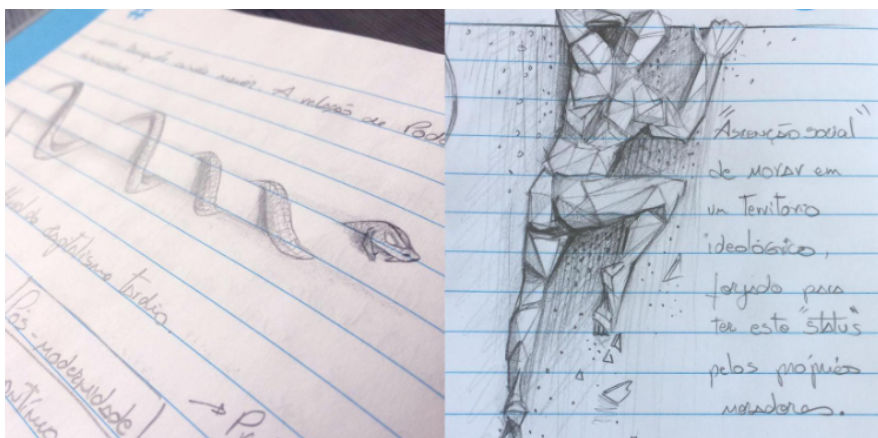
**Figura 1** - Detalhe da página de um caderno com a minha "letra-



imagem".

**Fonte:** arquivo pessoal (2024)

**Figura 2** - Outras duas páginas de cadernos exemplificam a "letra-



imagem"

**Fonte:** arquivo pessoal (2024)

Inspiração e encantamento vinha de tudo que via, ouvia, sentia, como por exemplo, na minha coleção de selos, nas figurinhas dos chicletes, nos programas da TV Cultura, nas cores e nos efeitos dos cliques da MTV, as capas de discos das lojas de vinil, as capas de revistas das bancas de jornal, da arte urbana, etc. Lembro que eram como galerias de arte para mim. Me ensinaram a desenvolver habilidades artísticas e construíram em mim um senso estético próprio.

Quando tinha 7 anos de idade, vendia artesanato de gesso que aprendi a pintar. Tinha minha barraquinha improvisada no estacionamento de um grande Supermercado perto da minha casa – Vendia peças de papai noel no natal, coelhinhos na época da páscoa, estava sempre dando um jeito de fazer um dinheirinho para pagar materiais de pintura e outros caprichos de criança. Cheguei a vender capas de trabalhos na escola, pois caprichava nas ilustrações dos trabalhos, os alunos disputavam a minha participação nos grupos.

Lembro do meu pai, empolgado, me levando para conhecer o seu trabalho na Propasa (uma grande Indústria gráfica de cadernos nos anos 80) onde fez carreira como respeitado impressor. Me fazia caminhar em galpões, entre enormes bobinas de papel, máquinas barulhentas, pessoas sujas como mecânicos (mas para mim eram como artistas que de forma mágica reproduziam imagens coloridas em grande escala). Percebi nele, além de orgulho e amor pelo que fazia, a compreensão que tinha de quem eu era e quem viria a ser. Ele sabia que aquilo tudo era muito importante para mim. E era mesmo!

Para um morador da periferia de São Paulo nos anos 90 havia uma escolha a se fazer todos os dias em razão do trânsito que naquela época já era caótico. Ou se enfrentava uma jornada de trânsito para chegar em casa o mais rápido possível, ou

esperava cerca de duas horas para se deslocar pelo mesmo trajeto pela metade do tempo. Decidia sempre trocar o horário do rush para aprender. Passava esse tempo admirando arte na estação Vergueiro do metrô - local onde funciona o Centro Cultural São Paulo. Me inscrevi em oficinas, workshops, frequentei exposições... Foi um período muito fértil. Na biblioteca conheci artistas como Norman Rockwell, Frank Frazetta, Boris Vallejo, Frank Miller, entre outros. Trazia comigo lápis e papel para rabiscar esboços e adquirir diferentes tipos de traços, era obcecado em adquirir a habilidade de desenhar conforme o traço de vários artistas diferentes.

Buscava refletir sobre o ponto de vista da criação dos artistas que estudava, tentava imaginar, por exemplo, como Frank Miller desenharia algo, e assim o fazia, depois imaginava como um outro artista o faria, e assim criei a minha própria sistemática de aprendizado. Pois acredito que boa parte do que sei, foi de forma autodidata. Me encantava com as pessoas, com as tribos urbanas, com as modernas e imensas edificações, o grafite, o som, com as escolhas, com o estilo de ser, entendi a vida pela minha temporalidade e espaço que ocupava na sociedade.

Minha mãe sempre foi muito religiosa, nos criou sob os preceitos da religião protestante Batista. Todos os domingos estávamos nós na igreja. Gostava disso, me envolvia com a programação, participava de acampamentos, dos grupos de adolescentes e logo me destaquei por ser alegre e comunicativo. E foi exatamente dentro da igreja que surgiu minha primeira oportunidade profissional. Frequentava uma Igreja da denominação Batista Regular que ficava próxima da minha casa. Uma igreja fundada por missionários norte americanos da Baptist Mid-Missions financiada por associações de igrejas americanas. Lembro-me bem do Allan Cuthbert, David Bennett e Jackson

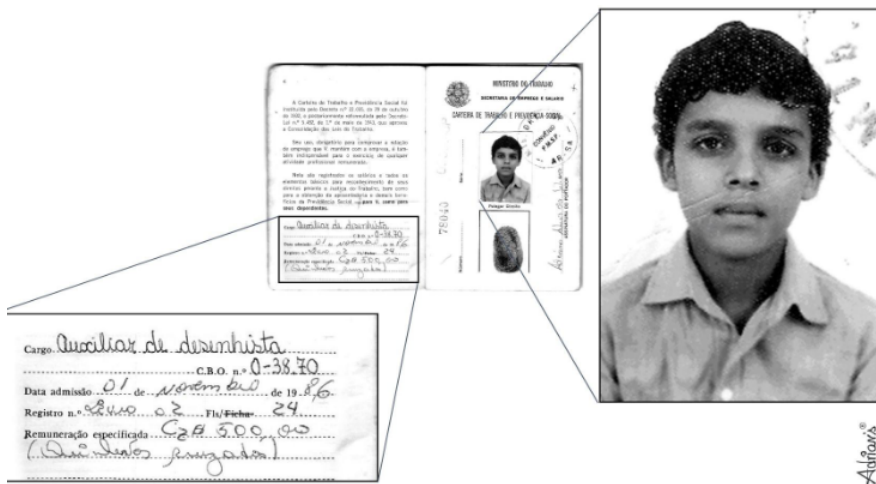
Bernice Moore. Pessoas que perceberam em mim um potencial e oportunizaram a minha carreira profissional.

Foi quando aos 12 anos fui convidado por Jackson para trabalhar na Imprensa Batista Regular do Brasil (IBR), uma editora de livros que ficava na zona sul de São Paulo, mais precisamente na rua Kansas, número 770 no Brooklin. A IBR traduzia a literatura do inglês para o português e era responsável por todo trabalho artístico de diagramação e ilustração das obras. Peguei a época em que o trabalho artístico era feito de forma muito artesanal. Não haviam computadores, a diagramação era feita através de colagens (paste-up), os títulos eram desenhados a mão ou feitos com Letraset<sup>6</sup>, e a separação de cores do material era feita com tinta nanquim em papel vegetal. Gradualmente a editora foi aperfeiçoando o departamento artístico e em pouco tempo estávamos trabalhando em computadores de tela colorida (os antigos Macintosh da Apple). Tive acesso à tecnologia muito cedo, pois os missionários traziam novidades constantes.

---

<sup>6</sup> Letra-set é a marca mais famosa de uma cartela de decalque com caracteres do alfabeto, números e símbolos. Antes da arte digital, as cartelas de letras eram usadas para criar os títulos de materiais impressos como capas de livros, jornais, cartazes, etc.

**Figura 3** - Página da minha carteira de trabalho com a data de 01/11/1986.



**Fonte:** produzido pelo autor (2024)

Desenvolvi uma paixão especial pela imagem e o seu caráter comunicativo, reconhecimento e respeito o seu poder enunciativo, em que a construção de discursos e subjetividades por meio das imagens fazem parte do meu cotidiano até os dias de hoje. E quando digo subjetividades enunciativas, ancoro-me nos conceitos de Foucault (1996), onde a discussão das práticas de subjetivação discursiva é dada a partir de enunciados que reafirmam a constituição dos saberes que fundam as identidades.

## A primeira pichação<sup>7</sup> a gente nunca esquece

Aos 11 anos de idade, queria de qualquer jeito fazer parte do movimento da arte urbana que eclodiu por toda parte e passei a perceber a cidade com outros olhos. Foi quando vendi minha coleção de selos e decidi comprar minha primeira lata de spray. Passava horas rascunhando e elaborando o que poderia ser feito com ela. E eis que em um determinado dia tive uma ideia, pedi aos meus pais autorização para passear com o "Falcão", um cão da raça Pastor Alemão da família. Argumentei que sua ferocidade, bem como, a sujeira que fazia no quintal era falta de um simples passeio noturno. Já se passavam das 19 horas, mas obtive permissão. Eles entenderam que na companhia do cão estaria seguro. Mal sabiam eles as intenções do meu passeio. De posse da minha primeira lata de spray, olhei para o Falcão, para os dois lados da via e de frente a um muro branco escrevi o pseudônimo "Dog". Confesso, a sensação é indescritível! O barulho da lata, o cheiro da tinta... E assim, todas as noites, lá estava eu e o Falcão em novas pichações pelas redondezas. O apelido pegou. O negócio foi ficando cada vez mais intenso. Andava sempre acompanhado da minha lata. Não dependia mais da presença do meu cão para espalhar minha assinatura pelos quatro cantos da cidade. Tudo estava tranquilo, afinal ninguém sabia quem era "Dog", exceto os colegas da escola e outros integrantes do campo dos quais passei a adquirir respeito. Afinal, eu era um ilustrador, um pichador, era o "Dog".

---

<sup>7</sup> No Brasil, costumam associar a pichação a escrita, as assinaturas e os rabiscos ilegíveis, já as imagens figurativas ou ilustrações mais elaboradas são consideradas graffiti. A pichação criminalizada já o figurativismo tem sido cada vez mais aceito. Esta é uma peculiaridade exclusiva do Brasil, em outros países considera-se tudo "graffiti". Neste trabalho, considero o graffiti e a pichação dentro do mesmo bojo, uma vez que não cabe a mim, atribuir-lhes julgamentos estéticos.

Estes eram meus momentos de glória. Com base no que conceitua Bourdieu (2004) eram as situações que me traziam troféus dentro do campo. Estava gozando da tranquilidade das minhas intervenções quando em um determinado dia, um dos meus colegas liga para a minha residência, a procura do “Dog”. Minha mãe atendeu e questionou:

- Quem? E logo descobriu, o Dog era eu (uma surra e muito bla, bla, bla...). Isso não me impediu de prosseguir agindo, buscava a qualquer custo, mais respeito dentro do campo. Andava de skate pela cidade pintando minha assinatura por onde estivesse. Passei a fazer isso acompanhado por outros colegas. Era a nossa diversão, nosso principal passatempo, a nossa forma de apropriação e pertencimento aos espaços da cidade e mutuamente ao grupo.

Em 1990, em uma destas intervenções, estávamos nós felizes por encontrar um muro perfeito de um luxuoso condomínio, quando avistei a aproximação de uma viatura policial. Logo gritei!

- Corre cambada! Sujou!

Corri por três quarteirões sem olhar para trás, quando me dei por conta, todos haviam se separado. Tive sorte de escapar, o mesmo não aconteceu com um de nossos colegas, que depois de uma semana ausente no colégio, descobrimos, ele fora pego. Além das agressões físicas, os policiais pintaram seus dentes com tinta spray. Como os solventes da tinta são abrasivos, ele passou a semana frequentando o dentista para limpar seus dentes. Estava explicada sua ausência na escola. Isso, em vez de intimidá-lo, tornou-o mais ousado e respeitado dentro do campo. O tímido Evandro, agora era conhecido por “Vandeco Boca Negra”. Sua fama se espalhou e era assim que se detinha respeito dentro do campo.





**Figura 4** - Reprodução digital da minha tag (assinatura de pichação) utilizada no período

**Fonte:** produzido pelo autor

Dos colegas deste período não tenho mais contato, o que ficaram foram as inesquecíveis aventuras e experiências que compartilhamos. Os anos se passaram, mas ainda é possível lembrar a sensação de poder e liberdade ao se pintar na rua. Tenho profundo respeito e admiração pelo graffiti. Meu olhar estético sobre a arte ganhou uma expansão significativa.

Tornei-me um ilustrador profissional no mercado da publicidade e de alguma forma o graffiti sempre se manteve presente. Trabalhei em diversas agências de Publicidade em São Paulo, quando em 1994 mudei-me para Palmas. Já no Tocantins, trabalhei em editorias de jornais e agências de comunicação até abrir a minha própria empresa em 2005 (Adrian's Assessoria e Marketing) onde atuo até os dias de hoje.

Tenho um pé dentro da música. Aprendi tocar violão sozinho e em 1996 formei com amigos uma banda de rock chamada Infecto-Feto. Era Backing vocal e percussionista. Chegamos a ganhar 3 grandes festivais no Tocantins e passar em uma seletiva nacional promovida pela marca Skol para tocar em abertura ao show do Titãs em Brasília para mais de 10 mil pessoas. A Infecto-Feto acabou em 2001. Com alguns remanescentes formamos uma outra banda chamada Consonantia. Nesta, atuava como vocalista e guitarra base. Com ela gravamos 7 músicas em estúdio. Todas composições minhas. Atualmente apenas componho e toco violão por prazer.

**Figura 5** - Capa do álbum “Fuga da Realidade” e banda



Consonantia no palco.

**Fonte:** arquivo pessoal (2024)

A capa do disco da banda eu fiz a arte em 3D com o uso do software 3D Studio Max e Photoshop. Na imagem do lado direito temos: eu no violão elétrico, o Fred (in memoriam) no baixo e Diogo Souza na guitarra. As minhas composições da banda Consonantia podem ser ouvidas no endereço: [www.adrians.com.br/músicas](http://www.adrians.com.br/músicas).

Em 2015 criei uma marca de camisetas, a “Adrian’s Camisetas e Tal...” Lancei 4 coleções sendo respectivamente: O folclore brasileiro, etnias indígenas, o Tocantins e freestyle.

Foram confeccionadas 3.500 camisetas em 22 desenhos diferentes. A ideia era enaltecer e divulgar a cultura brasileira. O plano era comercializar on-line e obter o investimento aplicado em um período de 2 anos, coisa que aconteceu em apenas 3 meses.

## O CAMPO ACADÊMICO

No ano de 2006 entrei para o curso Bacharelado em Comunicação Social pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA). Durante o curso adquiri determinado destaque, tanto por ser artista, quanto por ter experiência em diversas agências de publicidade. Diante disto, recebi o convite para entrar no campo acadêmico como docente. Formei em 2009, logo fiz uma Pós-graduação MBA em Comunicação Empresarial e Marketing. Era o requisito que exigiam para que eu viesse a dar o pontapé inicial a minha carreira docente. Iniciei como professor especialista nos cursos Marketing e Publicidade da Faculdade Objetivo. De 2013 a 2016 lecionei no curso de Comunicação Social/Publicidade e Propaganda no CEULP/ULBRA, a faculdade da qual me formei. De 2015 a 2022; lecionei no Centro Universitário UniCatólica do Tocantins; até os dias atuais leciono no ensino superior, médio em colégios da rede privada, além de pós-graduações e palestras esporádicas. Lecionar abriu-me os olhos para a profunda ciência de se estudar a história da arte e a sua estética ocidentalizada, bem como, encontrar brechas para a conscientização social alheia.

Tornei-me pesquisador de técnicas artísticas, da Imagem e suas subjetividades. Com 37 anos de experiência em ilustração, graffiti, publicidade e propaganda. Atuo no mercado como: professor, designer gráfico, videomaker, ilustrador e muralista (arte urbana do graffiti).

Estudioso da imagem e de técnicas artísticas, procuro relações com a ciência para embasar o conceito dos meus trabalhos. Autores como: Jacques Almont, Alfred Gell, Didi-Huberman, Roland Barthes, Gilles Deleuze e Guatarri, entre outros, são tomados como fio condutor em linhas de pensamento que constroem narrativas. O resultado dos trabalhos e experiências visam ser usados como ferramenta didática, em aulas por meio de metodologias ativas, visitas dirigidas, oficinas, entre outras possibilidades interdisciplinares.

Fui tomando gosto pela docência, fiz mestrado em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), no ano de 2020 durante a pandemia estudei on-line na Universidade de Harvard e possuo certificado Leaders of Learning, na tradução, algo como “Líderes da Aprendizagem”, atualmente estou Doutorando em Ciências, Tecnologias e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro.

**Figura 6** - A esquerda em uma palestra para o curso de Medicina do ITPAC/PALMAS. A direita, ministrando uma formação para docentes da Universidade Católica de Palmas.



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Embora tenha experiência na publicidade, esse campo tem sido abafado em mim, já não tenho mais a mesma paixão pela publicidade, é na docência e na arte que me completo. Quando digo isso, confesso ter uma certa indignação e/ou frustração com a arte dentro da publicidade. Ela é efêmera, dura enquanto a campanha é paga para estar no ar. Dito em outras palavras, qualquer ilustração criada para uma capa de revista, por mais elaborada que seja, fica em circulação apenas até vir o seu próximo número. São trabalhos comerciais que raramente se eternizam como obras de arte. É fora da publicidade que encontro a liberdade conceitual para transmitir a essência do meu trabalho. Sigo minha intuição em processos criativos que se interconectam e se retroalimentam. Procuo usar essa força motriz em projetos educativos que causem impacto social, como a inclusão, por exemplo.

## **ADERÊNCIA AOS ESTUDOS DA TESE**

Desde o momento que mudei de São Paulo para residir em Palmas Tocantins (em 1994), comecei a observar os povos indígenas que vivem no estado. Passei a respeitar as alteridades e admirar os povos ameríndios, em função disso, surgiu em mim a preocupação com a disseminação de discursos generalizantes, engajando-me contra o preconceito para com estes povos. Isso me fez refletir sobre os discursos que são proferidos sobre estes povos, não apenas no âmbito local nas próprias cidades que estão próximas destas comunidades, mas também no âmbito nacional, e porque não dizer mundial.

No mestrado, as disciplinas que tive a oportunidade de cursar no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociedade - PPGCom da Universidade Federal do Tocantins (UFT) foram imprescindíveis e me trouxeram um rico embasamento teórico que me permitiram abrir os olhos para as

oportunidades de se discutir esta temática, colaborando assim com a cientificidade em favor das causas indígenas. Todas as disciplinas foram essenciais para a formação de um olhar crítico e reflexivo sobre a temática. Em todas as aulas, fazia registro de anotações que julgava importantes por meio da minha “letra imagem”. Cheguei a preencher dois cadernos inteiros interligando conceitos em busca de um propósito claro a inclusão interétnica.

Como resultado, publiquei um capítulo de livro, quatro artigos em revistas e periódicos, bem como, dois vídeos documentários e algumas palestras e oficinas sobre a temática da interculturalidade interétnica.

Já no doutoramento, tive a oportunidade de me aproximar do conceito de inclusão para todos, aprofundando saberes sobre a inclusão da pessoa com deficiência. Passei então a abranger minhas pesquisas para a inclusão em educação, rendendo um artigo enviado para compor o capítulo de uma outra publicação.

Atualmente, minha pesquisa tem como foco: a arte, a tecnologia e a educação, em uma abordagem que visa sobretudo, o processo de inclusão, o que passei a chamar de “Imersodisrupção Artística (IDA)”. Um estudo experimental que visa discutir a relação entre tecnologia, educação e arte em uma abordagem interdisciplinar independente das estruturas educacionais, as metodologias e as formas de avaliação tradicionais ao considerar a arte como vetor desse processo. Para tanto, trago o conceito de IDA, subdividido em três eixos que se integram e se retroalimentam, são eles: imersão tecnológica, disrupção educacional e a arte. Longe de querer afirmar verdades incontestes, muito menos esgotar a complexidade do tema, trago apenas o substrato da ideia por

meio de um estudo experimental A/R/Tográfico para discutir aproximações e distanciamentos teóricos.

A busca pela sistematização e proposição de uma abordagem educacional advém da ideia de que é urgente que a educação deva ser pensada para o seu tempo, considerando que, conforme é posto na epistemologia da complexidade de Edgar Morin (2014), a interface entre Ciência e Arte permite analisar e refletir sobre diferentes dimensões educativas possíveis, bem como, a construção de novas propostas que considerem a importância da Arte no processo de aprendizagem. Para o autor, a arte permite que os alunos se envolvam em processos de pensamento complexos, como a análise crítica, a interpretação simbólica e a reflexão sobre questões sociais e culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre minha trajetória e as experiências compartilhadas ao longo deste memorial acadêmico, posso afirmar que minha jornada foi marcada por uma busca constante por conhecimento, expressão artística e inclusão social. Desde minha infância, nas periferias de São Paulo, tive que enfrentar desafios e superar preconceitos para perseguir meus sonhos.

A descoberta da arte como forma de expressão e a paixão pela imagem foram elementos essenciais que moldaram minha identidade e me impulsionaram a seguir caminhos artísticos. Desde as primeiras pichações nas ruas da cidade até as experiências como ilustrador, designer gráfico e muralista, a arte sempre esteve presente em minha vida, seja como uma forma de protesto, comunicação ou busca por liberdade.

Ao longo do tempo, minha jornada se expandiu para além do campo da arte urbana, adentrando também na publicidade e na docência. Nesses espaços, pude explorar

diferentes possibilidades de expressão e compartilhar meu conhecimento com outras pessoas. A docência, em especial, tornou-se uma paixão e uma forma de transmitir não apenas conhecimentos técnicos, mas também valores de inclusão, respeito e valorização das diferenças.

Com o passar dos anos, meu interesse pela inclusão social foi se intensificando, especialmente ao observar as realidades e os desafios enfrentados pelos povos indígenas. Isso despertou em mim a vontade de combater os discursos generalizantes e contribuir para uma maior conscientização e valorização dessas comunidades. Por meio de pesquisas, publicações e projetos, busco ampliar a discussão sobre a interculturalidade interétnica e a importância do respeito às diversidades.

Nesse sentido, meu doutoramento tem se voltado para a arte, a tecnologia e a educação, explorando a ideia de "Imersodisrupção Artística (IDA)" como uma abordagem experimental para promover a inclusão. Por meio da imersão tecnológica, da disrupção educacional e da arte, busco questionar as estruturas tradicionais de ensino e propor novas formas de aprendizagem que considerem a importância da arte no processo educacional.

Essa jornada tem sido enriquecedora e desafiadora, repleta de descobertas e aprendizados constantes. Ao olhar para trás, reconheço que cada experiência, cada obstáculo superado e cada conquista alcançada contribuíram para minha formação como pessoa, artista e educador. Acredito que, por meio do diálogo entre a ciência, a arte e a educação, podemos criar espaços de transformação e possibilitar uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Portanto, concluo este memorial acadêmico reafirmando meu compromisso em continuar buscando conhecimento, promovendo a arte como ferramenta de transformação social e



lutando por uma educação mais inclusiva e humanizada. Que minha trajetória possa inspirar outros a perseguir seus sonhos, superar desafios e contribuir para um mundo melhor através da arte e do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; **O poder simbólico**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. e Sergio Miceli. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FAUSTO NETO, Antonio (2002). **A pesquisa vista “de dentro de casa”**. In: Tensões e objetos. Porto Alegre: Sulina.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Editora Sulina, 2023.

\_\_\_\_\_. **Dataficação da vida**. Civitas: Revista De Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 193-202, 2021.

MARTINS, M. C. F. D. Rita Irwin: : a a/r/tografia e a potência de encontros educativos como práticas artísticas. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 13, n. 2, p. 17–28, 23 dez. 2022.

MORIN, Edgar, et al. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2014.



## ELA ACREDITOU QUE PODERIA MUDAR O MUNDO, ENTÃO TORNOU-SE PROFESSORA

---

Leiliane Domingues da Silva

*Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (Manoel de Barros).*

### INTRODUÇÃO

Este Memorial Descritivo tem como objetivo restrito apresentar a minha atuação profissional que se faz imbricada com a minha formação acadêmica. Dessa forma, acredito que este memorial é um instrumento confessional de minhas possibilidades de concretizar o meu desejo de cumprir mais uma etapa intelectual de minha vida.

Logo, inicio ressaltando sobre a escolha de minha profissão, o galgar de minha atuação profissional, o meu despertar para a pesquisa, assim como, a minha paixão pela vertente da Inclusão e Tecnologia, cujo meu caminhar acadêmico me impulsiona a este Curso de Doutorado em Ciências, Tecnologia e Inclusão, na incessante busca pelo saber e no desejo de poder fazer uma real

diferença na profissão que escolhi ter como missão: a Educação!

## **APRESENTAÇÃO PESSOAL**

Sou Leiliane Domingues da Silva, Doutoranda em Ciências, Tecnologias e Inclusão (UFF), Mestre em Diversidade e Inclusão (UFF), pós-graduada em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem (UFRJ), em Psicopedagogia (UCAM), em Docência do Ensino Superior (UNESA) e graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (UNESA). Profissionalmente, já exerci as funções de Auxiliar de Ensino, Auxiliar de Secretaria Escolar, Professora, Psicopedagoga Clínica e Institucional. Entretanto, desempenho atualmente, a função de Coordenadora Pedagógica, tutora e Professora Orientadora de TCC/Monografia.

Sou pesquisadora e atuo nos seguintes temas: Educação, Inclusão e Tecnologia.

## **FORMAÇÃO ACADÊMICA & EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

### **A escolha da profissão:**

Foi a partir do “brincar de escolinha” como brincadeira preferida de minha infância, e o fato de querer ser sempre a “Ajudante do Dia” durante a época escolar, é que desde a tenra idade, eu já tinha em meu coração, a resposta de “-Professora!”, para àquela famosa pergunta a que todos nós, em algum momento de nossas vidas, já fomos questionados: “-O que você quer ser quando crescer?”.

Assim, em 2003, ao cursar aos 14 anos de idade, o último ano do Ensino Fundamental, é que consegui o meu primeiro ofício como “Auxiliar de Turma” do 1º ano (Alfabetização) em uma Instituição de Ensino.

Dessa forma, a vivência dessa experiência prática, só ascendeu em mim, à certeza de querer abraçar a “Educação” como profissão.

Portanto, no ano seguinte, ao ingressar no Ensino Médio, iniciei concomitantemente o Curso de Formação de Professores (Curso Normal).

E, o fato de poder também estudar disciplinas de cunho pedagógico, fez com que a escola se tornasse perante aos meus olhos, um local ainda mais prazeroso e realmente significativo!

Em 2005, galguei profissionalmente para a função de “Auxiliar de Secretária” e passei a ter um contato maior e mais direto com todos os partícipes da comunidade escolar, onde fui aprendendo a ser mais proativa, a ter um olhar mais atento, a ouvir mais, a ter tato para lidar com as inúmeras questões do cotidiano escolar e a ser mais acolhedora a fim de oportunizar voz e vez a todos.

Escola é... o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de ilha cercada de gente por todos os lados. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela! Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz (Freire, 1996, p.84).

Logo, este “encantamento” pela área da educação, só me impulsionou a querer prosseguir e a buscar pela graduação em Pedagogia.

### **Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia:**

Em 2007, ingressei na graduação do Curso de Pedagogia na Universidade Estácio de Sá. E, após ter recebido em São Paulo, o prêmio de “Incentivadora da Educação<sup>8</sup>” por ter desenvolvido um projeto de competência de leitura e escrita com os alunos da escola em que eu atuava; galguei para o cargo profissional de “Coordenadora Pedagógica”, ao qual permaneço até a presente data.

Ressalto ainda, que a graduação além de ter sido um período de sólida, ampla e intensa aprendizagem, também foi o de minha inserção no mundo da pesquisa através da realização do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), onde a escolha de uma parca temática<sup>9</sup> e com escassas fontes bibliográficas à época; se constituiu de um grande desafio, e ao mesmo tempo, de um verdadeiro deslumbre, pois afinal, “[...] gosto daquilo que me desafia. O fácil nunca me interessou. Já o obviamente impossível sempre me atraiu e muito” (LISPECTOR, 1980, p.32).

---

<sup>8</sup> O prêmio foi concedido pelo Instituto EcoFuturo, tendo apoio de grande empresas como Itaú, Companhia Siderúrgica Nacional, entre outros.

<sup>9</sup> Educação Escolar Infantil Indígena.

Nisto posto, devido ao TCC ter sido a minha melhor experiência de toda a graduação, creio que nasceu daí, o prazer pela pesquisa e o despertar pelo meu desejo de prosseguir para os níveis de pós-graduação.

### **Pós-graduação em Docência no Ensino Superior:**

Em 2011, ingressei na “Pós-graduação em Docência no Ensino Superior” por querer aprender mais sobre Andragogia. Neste mesmo ano, além da Coordenação Pedagógica, assumi concomitantemente o cargo de Professora do 1º ano (Alfabetização) do Ensino Fundamental.

Dessa forma, em 2013, ao concluir esta especialização, resolvi ingressar na Psicopedagogia, pois o fato de ter alfabetizado despertou-me a busca em querer aprender estratégias que facilitassem o processo de ensino-aprendizagem para alunos com dificuldades.

### **Pós-graduação em Psicopedagogia:**

Ainda em 2013, ingressei na “Pós-graduação em Psicopedagogia” pela Universidade Cândido Mendes. Neste período, juntamente com a função de Coordenadora, passei também a lecionar como “Professora nas turmas dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental”.

Já em 2014, por atuar também na função de “Psicopedagoga Clínica”, o tema “Inclusão” começou a ressoar em mim, e eu pude observar a importância em não nos fixarmos em métodos/modelos pré-estabelecidos e estarmos sempre dispostos a pensar em estratégias de ensino que permitam o aprendizado, pois cada um de nós aprende de uma maneira diferente.

Portanto, eis aí, a importância em sermos profissionais reflexivos e críticos quanto às nossas próprias práticas, assim como também flexíveis, criativos, e, sobretudo, eternos aprendentes!

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p. 32).

Assim, ao concluir esta especialização, tomei conhecimento de um novo e diferente mestrado, em “Diversidade e Inclusão”, cuja temática contemplava todo o meu caminhar. Logo, devido a essa paixão quase que à primeira vista, veio o anseio em querer ampliar/aprofundar os meus conhecimentos neste Curso.

### **Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão:**

No mesmo ano de 2014, ingressei no “Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão” pela Universidade Federal Fluminense.

Mais do que um curso, este foi um “divisor de águas” em minha vida, pois fez com que eu me tornasse não somente uma profissional mais qualificada, como também, um ser humano melhor, pois passei a contemplar o diverso, e a olhar para o outro para além de um diagnóstico ou limitação, acreditando nas potencialidades que cada um pode vir a atingir.



Dessa forma, como Psicopedagoga Clínica e partindo de minhas observações sobre o grande interesse que meus pacientes com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) demonstravam pelo uso das tecnologias, é que busquei investigar se essa interação com as mídias digitais poderia efetivamente auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem desses sujeitos.

Logo, a partir da criação de um jogo pedagógico sobre emoções (desenvolvido durante o Mestrado) mediado via *tablet*, foi possível constatar através da pesquisa de campo na Associação Pestalozzi de Niterói, que as crianças e jovens com TEA - partícipes do estudo, tiveram uma efetiva aprendizagem através do meio digital (uma vez que houve a assimilação da aprendizagem de representações faciais das emoções), além de terem apresentado uma maior autonomia e concentração na manipulação do aparelho do *tablet*, assim como, uma visível diminuição da ansiedade e consequente redução de comportamentos estereotipados.

Nesse intento, mediante aos resultados bastantes animadores obtidos, a pesquisa desenvolvida concluiu que o uso de jogos pedagógicos permeados pela linguagem digital favorece não somente a inserção de pessoas com TEA no universo social, como também potencializa o processo de ensino-aprendizagem.

### **Pós-graduação em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem:**

A pesquisa realizada ao longo do Mestrado cumpriu a contento o seu objetivo. Todavia, confesso que fui tomada pela inquietação em tentar compreender o porquê de crianças e adolescentes com TEA adquirirem uma aprendizagem mais eficaz quando estão frente ao mundo digital e quais são os processos neurofisiológicos disparados que permitem que essa aprendizagem ocorra. Dessa forma, foi no mesmo intento de Baruch (1955), sobre “milhões viram a maçã cair, mas só Newton perguntou por quê”, é

que busquei um campo mais específico de investigação para desenvolver essa análise, e ingressei na “Pós-graduação em Neurociências Aplicadas a Aprendizagem” pela UFRJ.

Assim, através deste campo de atuação, consegui dar continuidade a pesquisa inicial do Mestrado, ampliando-a e aprofundando-a, e encontrando a compreensão para a questão norteadora que me levou a esta inserção neurocientífica. Todavia, também pude constatar que é possível sim, diminuir as limitações e ativar as possibilidades de aprendizagem através do uso da tecnologia, uma vez que estes recursos podem servir como ponte para a comunicação, o aprimoramento social e a aprendizagem em crianças com TEA.

A Neurociência do século XXI terá de desvendar os mandamentos fisiológicos que governam a operação do cérebro humano e descobrir novos tratamentos, como as interfaces cérebro-máquina, capazes de reabilitar ou mesmo curar pacientes devastados por doenças neurológicas (Nicoletti, 2011, p.57).

A tecnologia significa “para o deficiente físico um caderno eletrônico; para o deficiente auditivo, a ponte entre o concreto e o abstrato; para o deficiente visual, o integrador de conhecimento; para o autista, o mediador da interação com a realidade; e, para o deficiente intelectual, um objeto desafiador de suas capacidades intelectuais” (Valente, 1999, p.19).

Dessa forma, por estar embasada nos estudos da Neurociência Cognitiva e por compreender que a tecnologia é o instrumento que possibilita dá voz e vez a todos; é que pleiteei uma vaga neste Curso de Doutorado em Ciências, Tecnologia e Inclusão.

### **Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão:**

Ao ingressar neste Doutorado, mudei meu viés de pesquisa frente ao impacto da Covid-19, cujo vírus forçou a humanidade a se distanciar fisicamente, fazendo com que a permanência de crianças e adolescentes nas escolas fosse permeada pelas telas dos celulares e computadores.

Todavia, a abertura das janelas virtuais não foi suficiente para uma resignificação da escola e das consequentes práticas dos professores neste período pós-pandêmico, visto que a mesma retornou ao seu molde original, com suas paredes frias, seus horários rígidos e com seus saberes fragmentados em conteúdos estanques, transmitidos e explicados aos alunos - meros receptores passivos.

Instaurar um espaço de encontro criador e transformador da inércia escolar repetidora do mesmo. Quem sabe, tal encontro entre uma criança e uma professora ou entre uma criança e outra criança ou, ainda, entre uma professora e outra professora possa abrir a escola ao que ela ainda não é, permita pensar naquilo que, a princípio, não se pode ou não se deve pensar na escola, e fazer dela espaço de experiência, acontecimentos inesperados e imprevisíveis, mundo do devir e não apenas da história; tempo de

aión, e não somente chrónos (KOHAN, 2007, p. 98).

E, é nesse intento que busco cartografar escolas públicas do Rio de Janeiro classificadas como inovadoras pelo MEC e acompanhar essas práticas multiletradas, que irrompem com esse modelo hegemônico tradicional do ensino bancário.

## REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Memórias Inventadas: A Segunda Infância**. São Paulo: Planeta, 2006.

BARUCH, B. **Uma filosofia para o nosso tempo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1955.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância - Ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 176p.

LISPECTOR, C, in: **Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NICOLELIS, M. **Para muito além do nosso eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VALENTE, J. A. **O computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

## O QUE FUI, O QUE SOU, QUEM SEREI? Respostas que são postas pela Deriva da Vida

---

KELLY PEREIRA DA SILVA

*"Viver é a arte da constante reinvenção, onde cada capítulo da vida escrito é um reflexo da nossa capacidade de transformação e superação frente aos caminhos percorridos"*

De onde eu falo? Falo de um lugar ainda transitório, em construção e em constante transformação. Na deriva da vida, nada é por acaso, tudo é história e estou exatamente onde devo estar. Mas vamos lá, vamos falar sobre esse meu lugar de fala que muito fala sobre o caminho que percorri. Mas de onde eu falo? Falo de muito lugares. Falo do lugar de uma mulher trabalhadora, gestora e gerida, educadora e educanda, mãe e filha, esposa e do espaço do meu EU. A luz dos meus 39 anos, vejo-me na deriva da vida, construindo novos espaços de fala a cada encontro e reencontro do meu ser com o mundo. Então vamos para o lugar de quem eu sou.

Sou uma mulher parda, de 39 anos mãe da Clarisse, companheira de Vinícius, filha de Helena e Ildefonso, neta de Maria, Manoel, Marlene e Pereira, sobrinha de Vilmar, Rosângela, Luís Cláudio, Sandra e Ronan, irmã de Hellen e Luiz Felipe, tia de

Sophia, prima de Suellen, Arthur, Nathália, Lívia, Isabella e Miguel. A lista nominal da minha árvore familiar termina aqui? Não, mas registro as pessoas com as quais construí grandes laços e que em algum momento contribuíram para a formação de quem eu sou e com o lugar que estou.

Nesse lugar que estou, também cabem grandes amigos verdadeiros mentores, pessoas que atravessaram a minha vida deixando parte delas e levando parte de mim. Uns ficaram, outros passaram, cada um derivando e no viver construímos a nossa história. Como não falar de Janine, Cláudia e Luiz? Como essas pessoas contribuíram com o meu viver...

Nascida no dia 01 de junho de 1984, no município de Angra dos Reis, região sul-fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Cidade do interior, banhada pelo mar da Baía da Ilha Grande, protegida pelas florestas da Mata Atlântica, morada de Oxóssi e dos povos originários. Cidade de grandes belezas naturais, belas lendas e rica história contada ao longo dos seus 521 anos. Cidade de Reis, batizada assim por sua descoberta no dia de Santos Reis Magos, adoçou a vida de muitos senhores o com o sangue dos negros e o açúcar durante o grande ciclo econômico da cana-de-açúcar, desfrutou de grande apogeu durante o ciclo do café e entrou em decadência econômica com a abolição da escravatura forçando o povo pobre a sobreviver dos recursos naturais disponíveis principalmente do mar e de pequenas roças. Nesses inter ciclos econômicos, na luta pela sobrevivência, no entorno das inúmeras igrejas e crenças católicas, surge um povo com uma cultura peculiar, o povo caiçara. Povo sofrido, aguerrido, lutador, que ao longo do tempo se afastou de suas terras e territórios em busca de educação, acesso a saúde e garantia de direitos. Foram muitas as dificuldades relatadas pelos meus avós sobre as batalhas diárias para garantir educação aos filhos e socorro médico enquanto moradores da ilha da Gipóia eles foram. Muitas também

foram as histórias de pesca no mar, da construção dos barcos de pesca, dos forrós, das festas da igreja, dos sapatos molhados para atravessar o rio cheio em dias de maré alta e chuva no caminho da escola, do balanço de corda a beira mar, das brincadeiras na costeira. Cresci comendo peixe que meu vô “Maneu”, como eu o chamava, trazia da pescaria, farinha de mandioca vinda da roça da Ilha Grande que a tia Tereza fazia. Nessa vida de “barjeco”, termo para denominar os moradores tradicionais das ilhas de Angra, neta de barjeco que sou tendo o mar como território, as matas como roçado digo que como neta de caiçara, caiçara sou.

Mil novecentos e oitenta e quatro, ano do meu nascimento, ano que escolhi para chegar à Terra e que me enche de orgulho por seus fatos. Nesse ano, germinava no Brasil a semente da democracia e as ruas se enchiam de pessoas para os comícios das Diretas Já, movimento civil contra a Ditadura Militar. No campo dos esportes, Ayrton Senna estreou na Fórmula 1 e disputou sua primeira corrida no Brasil. Muitas memórias afetivas foram construídas nos domingos de manhã em família até aquele fatídico dia 01/05/1994. Por que não falar da inauguração do Sambódromo na cidade do Rio de Janeiro? Amo o samba! Como não amar? Essa música brasileira que por meio de suas letras conta histórias de luta de muito povos, do povo negro, povo preto de raiz africana, dos povos originários, do povo cigano e valoriza a cultura brasileira. Cabe destacar também o lançamento do primeiro computador pessoal, produzido pela Macintosh, e lançamentos de filmes icônicos que muito me agradam como “Os Caça-Fantasmas”; “Indiana Jones”; “Gremlins” e “O Exterminador do Futuro nos cinemas.

Vamos lá! Sigo com a apresentação da deriva das palavras que surgem em minha mente para contextualizar para o leitor e para mim meu atual lugar de fala. Para esse parágrafo, escolho falar sobre o meu contexto familiar econômico e educacional. Começo

falando sobre a matriarca da família, minha avó materna, Maria. Hoje a flor dos seus 73 anos, não lê e não escreve nada além do seu nome completo com muita dificuldade. Mulher forte, trabalhadeira, criou seus quatro filhos com o suor do seu trabalho desenvolvido nas fábricas de sardinha e nas casas das famílias de turistas que conheceu no tempo que morou na ilha da Gipóia. Dona de uma técnica de limpeza incomparável, sustentou sua família junto com o meu avô Maneu pescador e que também pouco estudou. Certa de que seus filhos deveriam ter oportunidades de aprendizagem diferentes, guiou seus filhos até onde foi possível no caminho da escola. Nenhum dos quatro filhos concluiu o segundo grau. Na ilha da Gipóia onde moravam, a escola só oferecia o primeiro grau. O segundo grau só era oferecido nas unidades escolares do continente. Frente a tantas dificuldades enfrentadas pela minha família caçara em seu território, decidiram mudar-se para o continente. Juntaram suas economias ao dinheiro obtido com a venda da casa na ilha e compraram um terreninho em um morro de Angra, muitas famílias residentes nos morros de Angra, são caçaras que deixaram seus territórios na busca por uma vida melhor. Nesse terreninho, meus avós construíram sua morada e depois a minha por onde vivi por 25 anos. Só um instante, preciso voltar no tempo e contar sobre o encontro do meu pai e da minha mãe.

Antes da minha família materna abandonar seu território, meu pai Idelfonso, nascido no município de Rio Claro, interior do Rio de Janeiro deixa sua cidade natal para ingressar em uma escola de formação profissional no antigo Estaleiro Verolme. Com dezessete anos, com apenas a 4ª série primária cursada, forma-se mecânico montador e segue sua atividade profissional nesse estaleiro até 1990. Nesse mesmo estaleiro conhece um dos meus tios-avôs que o apresenta aos forrós da Ilha da Gipóia. Foram muitas as incursões, natações e navegações em canoas após o trabalho em busca das festas e encontros tradicionais do povo



caçara da ilha da Gipóia. Nessas idas e vindas, meu pai conhece minha mãe que aos dezesseis anos, casa-se. Em menos de dois anos após o casamento, no ano de 1984 chego eu para completar a família. Minha mãe, após casar-se interrompe seus estudos na 7ª série e só retoma em 1991 após o nascimento da minha primeira irmã, Hellen. Nessa época, com o fechamento do Estaleiro Verolme em 1990, meu pai junto com milhares de funcionários tornou-se desempregado.

Como forma de subsistência, meu pai assumiu a venda de alimentos em uma cantina escolar. Nessa época, com a vida econômica familiar comprometida, cursei meu último ano da educação primária em uma escola particular. A partir da terceira série do antigo primeiro grau, ingressei em uma instituição pública e segui até a conclusão da oitava série. Foram tempos bem difíceis. Toda a família estava envolvida de domingo a domingo com a produção de salgados para abastecimento da cantina. A mim, aos sete anos de idade cabia ajudar com os cuidados da casa e da minha irmã menor. Estudar para mim, nunca foi uma tarefa difícil. Orgulhava-me de tirar boas notas e gostava de ser destaque da turma. Também aos sete anos, conheci um projeto de iniciação esportiva ofertado pela prefeitura municipal de Angra dos Reis para crianças e jovens da cidade. A época, eu não tinha dimensão da importância dessa vivência esportiva para minha vida, formação integral e conquista da minha formação profissional.

Sim, eu já fui atleta! Quem não sabe sobre essa fase da minha vida, certamente pergunta-se como consigo praticar crossfit com destreza. Pronto, segredo revelado. Tenho memória muscular! Atleta de um projeto social de iniciação esportiva financiado com recursos públicos, sou prova viva da potência que é o esporte para transformar vidas. Muitos jovens e crianças tiveram suas vidas transformadas pela prática esportiva nas escolinhas de futebol, de ginástica, de baquete, de canoagem, de natação e diversas

modalidades. Eu fui uma dessas crianças. Aos sete anos comecei a praticar ginástica olímpica e segui até os dezessete anos praticando. Por meio desse esporte aprendi a traçar objetivos, a ter disciplina, seguir planos, a não desistir frente as dificuldades, buscar melhorar o desempenho a cada dia, desenvolvi o senso de responsabilidade e muitas habilidades socioemocionais. Fiz muitas amizades e conheci um anjo da guarda, ou melhor um anjo da guia, minha técnica professora e amiga, Janine. Reservarei um parágrafo para narrar essa história. Aguardem! Por hora, afirmo que por meio do esporte cresci, descobri caminhos, tracei metas, resolvi nunca desistir, viajei o Brasil, conheci o outro lado do mundo, disputei um campeonato mundial e fui muito feliz.

Quantas idas e vindas entre a escola e as aulas de ginástica. Quantas e quantas vezes precisei correr entre o portão da escola e ponto de ônibus. Perder o ônibus significava perder a aula da ginástica. Meu tempo para chegar em casa após a aula, almoçar e chegar no treino era cronometrado. Um desvio no tempo, pronto, aula perdida. Encontro nessas memórias, talvez a explicação para a boa gestão do tempo que faço na minha rotina hoje. Foi através das aulas de ginástica que conheci Janine. Primeiro, coordenadora da escolinha pública de ginástica, depois técnica da equipe de competição da ginástica e depois anjo da guia e para sempre amiga. Nos diferentes espaços-tempo que derivamos juntas fui apresentada por ela a várias oportunidades de aprendizado. Foi ela quem me proporcionou a primeira oportunidade docente. Ainda jovem pude dividir um pouco do meu saber como praticante de ginástica com crianças iniciantes no esporte após alguns encontros formativos. Foi por meio dela que alcancei minha primeira atividade financeira. Se hoje tenho a oportunidade de fazer uma renda extra com recreação infantil, foi porque aos 12 anos de idade, aprendi com ela a arte de recrear. E a bolsa atleta? E os materiais para estudo? Quantas oportunidades ela me proporcionou. Com ela aprendi que generosidade é um grande

dom. Com ela aprendi que oportunizar caminho ao outro é o melhor que podemos fazer por aqueles que chegam até nós.

Quando todos os caminhos para meu futuro pareciam perdidos, Janine me estendeu a mão e mostrou que ainda havia esperança. Isso, tudo quando eu tinha quatorze anos. Após concluir a oitava série do primeiro grau, mergulhei em uma profunda angústia por ter consciência de que o futuro mais próximo que eu teria seria trabalhar em um comércio local. Meu mundo caiu parte um. Uma vaga na universidade parecia algo inatingível. Em Angra, em 1999, só tínhamos um curso público superior, o curso de Pedagogia da UFF. Faculdades privadas? As mais próximas ficavam em Volta Redonda, Barra Mansa, Santa Cruz e Campo Grande. Não bastava ter o dinheiro para custear os cursos privados, era necessário também enfrentar diariamente uma viagem de mais de duas horas para ir e mais duas horas para voltar em ônibus sem vagas para todos os estudantes organizados pelo grêmio estudantil existente a época. Muitos estudantes faziam o trajeto em pé por falta de vagas nas poltronas. Sem falar nas histórias de viagens interrompidas por falhas mecânicas e acidentes. Realmente, era um futuro muito distante para mim. Mas nem tudo estava perdido. Eu tinha um anjo da guia em minha vida.

Janine, com mais um ato de generosidade e carinho conseguiu negociar uma bolsa atleta na escola particular onde seus filhos estudavam. Por meio dessa bolsa, mesmo parcial tive a oportunidade de cursar o segundo grau em uma escola particular. Meu objetivo de conquistar uma vaga em uma universidade pública ganhou força. Foram três anos de estudos e batalhas para garantir o pagamento da mensalidade com bolsa de 50%. Foram muitas animações de festa e eventos, muito bolos e até um primeiro emprego com dezesseis anos em um resort para custear os estudos. Três anos se passaram, ENEM, vestibulares e resultados. Não consegui nenhuma vaga. Meu mundo caiu, parte 2. Conclui a

terceira série do ensino médio, não passei no vestibular e o fantasma do trabalho no comércio voltava a me assustar.

Quando tudo parecia sem sentido, sem caminho, meu anjo da guia entra em cena outra vez. Na busca por oferecer aos filhos novas oportunidades em outro município, Janine muda-se e me convida para morar com ela em Petrópolis onde eu poderia fazer um bom curso pré-vestibular e tentar no ano seguinte uma nova vaga. Não pensei duas vezes. Conversei com minha mãe que de pronto me apoiou, mas meu pai não. Quando disse a ele que teria a oportunidade de estudar em outra cidade, as palavras a mim dirigidas foi que se eu sáísse que era para não mais voltar, Pronto! Meu mundo caiu parte 3. Mesmo com muita tristeza e dor causadas pelas palavras de meu pai segui firme na busca pela minha vaga na universidade e aceitei o convite de Janine.

Foram oito meses que mudaram minha vida outra vez. Aos dezessete anos, saí de casa na busca do meu objetivo, cursar uma universidade pública. Mas o que fazer? Qual curso concorrer? Essa decisão eu já tinha tomado aos 13 anos ainda cursando a oitava série. Apesar da vivência como atleta, gostava da área da saúde, como medicina era algo inatingível a meu ver, optei pelo curso de ciências biológicas. Ser médica, sim gostaria. Mas eu sabia que não dispunha do tempo necessário para estudar e conquistar uma vaga nesse tão concorrido vestibular. Aos dezessete anos eu precisava auxiliar Janine com as aulas em uma escolinha de ginástica, eram dessas aulas que eu obtinha o dinheiro para pagar meu curso pré-vestibular, auxiliava com as tarefas da casa que me abrigava e proporcionava a continuidade dos meus estudos e estudava. Minha mãe e meus avós maternos Maria e Manoel, fizeram o que puderam para me apoiar e garantir os recursos para as viagens entre Angra e Petrópolis. Um ano se passou, fiz novos vestibulares e não passei. Meu mundo caiu parte 4.

Voltei para Angra em dezembro de 2002 mergulhada em extremo sentimento de derrota. Trabalhei o verão como recreadora em um grande resort, me inscrevi na lista de espera para vagas remanescentes do vestibular da UFF, mas sem esperanças deixei de acompanhar as chamadas. Não é sem motivo que chamo Janine nesse texto de meu anjo da guia. Em uma noite qualquer, já em 2003 toca o telefone da minha casa, atendo e Janine me atribui parabéns. Parabéns? Pelo quê? Perguntei! Muito feliz ela anunciou que eu estava na lista de reclassificados convocados para cursar ciências biológicas na Universidade Federal Fluminense. Essa foi por pouco! Se não fosse por Janine, eu teria perdido a tão buscada vaga na universidade pública.

Juntei meus documentos, fiz minha inscrição e descobri que meu curso seria em tempo integral. Junto com a felicidade, surge um novo desafio. Como permanecer em um curso de tempo integral, sem dinheiro, com uma situação econômica familiar difícil, sem lugar para morar. Sim, eu não tinha lugar para morar em Niterói, nem em cidades próximas. Foram busca e buscas por opções, mas nada poderia ser pago com o parco orçamento familiar que eu tinha, fora o descrédito do meu pai por todo o caminho buscado por mim. Mas como Deus não abandono os filhos teus, consegui abrigo. Ufa! Foram muitas caminhadas a pé da Praça da Cruz Vermelha até as Barcas S.A todos os dias. Dinheiro contado para a passagem, para o lanche do almoço, para a volta para casa no final de semana e nada a mais. Ops! Ainda tinha que sobrar algum dinheiro para as cópias dos capítulos dos livros. Nessa vida de estudante, contando as moedas para conseguir chegar à universidade até o final de cada semana, vislumbrei grande alívio quando conquistei minha primeira bolsa de monitoria. Não me recordo ao certo, mas o valor era cerca de duzentos e cinquenta reais dobrando meu orçamento mensal. Com o dinheiro da primeira parcela conquistei meu primeiro e único livro adquirido ao longo de toda a minha graduação, "Eckert -

Fisiologia Animal Mecanismos e Adaptações”. Nossa! Essa foi uma grande conquista. Congressos, simpósios, eventos formativos? Não, quase não fizeram parte da minha vida acadêmica. Por quê? Porque os poucos recursos que tinha eram para cobrir os gastos básicos com deslocamento, alimentação e xerox, muita xerox. Eu já agradecia por conseguir estudar em tempo integral e não precisar trabalhar. Foi difícil, mas conquistei meu diploma universitário na tão buscada universidade pública

Por meio da atividade de monitoria, ingressei no departamento de biologia e comecei a desenvolver minhas atividades acadêmicas complementares sob a orientação da professora Dra Cláudia Marcia. Pessoa de inestimável conhecimento, generosidade com a qual muito aprendi e desenvolvi grande amizade. Sempre que nos encontramos, trocamos conhecimento e compartilho minhas conquistas profissionais. Sob a orientação de Cláudia, desenvolvi atividades de extensão, monitoria, estágio docente, fiz minha monografia e minha dissertação de mestrado. Elaboramos aulas, analisamos criticamente o trabalho docente de professores universitários, fizemos teatro de fantoches, estudamos Paulo Freire e Vygotski e aplicamos planejamento estratégico na escola. Foram anos de muito aprendizado e trocas. Gratidão a vida pela oportunidade de aprender com a Cláudia Marcia Borges Barreto.

Em 2007, concluí o curso de licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal Fluminense. Cursei licenciatura! Mesmo tendo a certeza de que professora eu não queria ser, professora fui ser. Por quê? Porque professor não fica desempregado, ganha mal, mas não fica desempregado. Essa certeza eu sempre carreguei comigo. Partindo desse pensamento escolhi cursar licenciatura primeiro. De fato, eu queria uma formação na área da saúde, trabalhar com análises clínicas, seguir os passos da minha tia Rosângela. Para quem hoje escrevo em

memória. Mas não foi possível. Precisava concluir minha graduação e trabalhar. Com minha tia Rosângela e meu tio Vilmar, aprendi que os concursos eram ótimas oportunidades. Ainda na universidade, nos anos finais, prestei concurso para a Secretaria de Estado de Educação sendo aprovada em primeiro lugar para o município de Angra dos Reis. Sim, eu tive o prazer de ser a primeira colocada em um concurso público e assim conquistando meu tão sonhado serviço estável e bem longe dos balcões do comércio.

Aprovada, empregada, docente voltei a morar no município de Angra dos Reis. Objetivo alcançado, comecei a ensinar ciências em uma escola da rede estadual de ensino para turmas do Ensino Fundamental e biologia para turmas do Ensino Médio. Porém, seguir com a vida acadêmica tornou-se mais difícil. Com o pouco salário de professora, o grande deslocamento necessário para chegar aos cursos de pós-graduação ofertados a época em outros municípios prossegui apenas com a graduação por sete anos. Vamos conversar sobre minha experiência docente.

Comecei a carreira docente com vinte e três anos na rede pública do estado do Rio de Janeiro. Recém-formada, transbordando conhecimento, expectativas e esperança assumi as primeiras turmas de alunos. Lembro-me o primeiro contato com a equipe pedagógica da escola, profissionais de longa carreira no serviço público e do primeiro embate entre a teoria e a prática. Durante os estágios docentes feitos na graduação, aprendi que o projeto político pedagógico deve ser a carta magna da escola. A partir dele toda a equipe docente propõe suas práticas de ensino para que os estudantes alcancem os objetivos de aprendizagem propostos. Aprendi também que os planos de ensino deveriam ser elaborados bem como os planos de aula partindo da realidade de cada unidade escolar e de seus estudantes. Bem, logo no primeiro dia de trabalho, solicitei a equipe pedagógica o projeto político pedagógico e o plano de ensino das disciplinas para que pudesse

elaborar meus planos de aula. A partir da resposta, descobri que o PPP estava desatualizado e que cada professor elaborava seu próprio plano de ensino consultando o sumário dos livros didáticos usados a época e os documentos curriculares e normativos da Secretaria de Estado de Educação. Foram sete anos de prática docente, aprendendo, ensinando despertando curiosidades e promovendo a educação em ciências na sala de aula. Na prática docente, aprendi que a gestão escolar era um campo promissor e de grandes oportunidades para melhorar o ensino e a qualidade do espaço escolar público.

No ano de 2014, a Secretaria de Estado de Educação adotou o processo seletivo interno como forma de ingresso de novos servidores na função de diretor de escola e outras funções. Certa de que na função docente, com as características da gestão escolar a qual estava subordinada pouco conseguiria melhorar a qualidade da educação ofertada por aquela unidade escolar aos seus alunos. Me inscrevi no processo seletivo, fui aprovada e assumi a direção do CE Brigadeiro Nóbrega em janeiro de 2015.

Como gestora escolar de uma unidade de difícil acesso, localizada na Ilha Grande, distante 1h e 30 min de navegação do continente consegui pôr em prática todo o desenho de gestão escolar democrática idealizado por mim. Me constituí gestora na prática de aprender fazendo. Foram muitas as dificuldades, mas muitas foram as realizações. Por meio do uso das ferramentas do planejamento estratégico, realizando encontros pedagógicos contínuos, desenvolvendo a gestão escolar de forma democrática e participativa, aproximando a comunidade as ações e processos da escola e despertando o protagonismo juvenil conseguimos em 2018 consolidar a identidade pedagógica da nossa unidade com Escola do Campo. Mas porque Escola do Campo? Por que Educação do Campo?



Escola de Educação do Campo, sim! Localizada em uma área rural conforme o Plano Diretor do Município de Angra dos Reis, localizada em um território tradicional caiçara. Cultura tradicional pouco valorizada pelo seu povo e frequentemente menosprezada pelas culturas majoritárias. Compreendendo o grande papel da escola no processo de valorização de uma cultura, traçamos como meta de trabalho o alinhamento do planejamento curricular da escola com a cultura local e com olhar para a sustentabilidade. Foi um período de grande aprendizado para toda a equipe escolar no que tange aos direitos e marcos legais sobre Educação do Campo e a tradicionalidade da cultura caiçara. Foi um período de reconhecimento da diversidade de povos e culturas existentes na comunidade Ilha Grande por parte da instituição escolar do território. Foi um período de reconhecimento e valorização do modo de vida caiçara, de sua ancestralidade, organização social, seu relacionamento econômico e cultural com o território, incluso o mar, conhecido e chamado pelos ilhéus da Ilha grande de 'maritório' ou território do mar. Foi um período de formação, reconhecimento e luta pela consolidação da identidade pedagógica da escola dentro das diretrizes da Educação do Campo.

As comunidades Tradicionais Caiçaras da Ilha Grande, assim como Indígenas, Quilombolas e as diversas comunidades tradicionais existentes no território brasileiro, possuem por meio Decreto Lei Federal N°6.040 de 2007, direitos fundamentais que protegem e garantem a permanência em seu território, vivência de sua cultura e modos de vida. Fundamentado na Constituição Brasileira de 1988, assim como no documento redigido na Convenção Internacional do Trabalho OIT 169, o Decreto nº 6040 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos Tradicionais (PNPTC), em seu artigo 3º, parágrafo 1º, define povos e comunidades tradicionais como:

“grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas

próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

Por meio da compreensão desses marcos legais e do movimento dialógico feito com a Secretaria de Estado de Educação, a comunidade escolar conquistou a chancela de Educação do Campo e iniciou o movimento de consolidação do fazer pedagógico. Como diretora da unidade escolar a época, senti grande satisfação profissional pela conquista. Primeiro, pelo reconhecimento e construção da identidade pedagógica feita pela própria comunidade escolar, Segundo, pelos benefícios financeiros e pedagógicos obtidos pela chancela. De todas as conquistas e vivências profissionais que obtive estando a frente da gestão do CE Brigadeiro Nóbrega, a que eu mais me orgulho foi a consolidação da identidade pedagógica da escola como Escola de Educação do Campo. A escola é da comunidade e seu trabalho é para comunidade. Qualquer ação ou pensamento distante disso, não terá significado para o meu fazer enquanto profissional da educação pública e popular. Salve Freire!

Sigo derivando pelas minhas memórias e compartilhando com você leitor alguns passos dados por mim e que me trouxeram até meu espaço tempo de fala. Digo a você, caro leitor que fui muito feliz a frente de uma gestão de uma unidade escolar pública. Não foi fácil, foram sete anos aprendendo fazendo, errando e aprendendo, aprendendo a aprender. Mas acabou, fiz novas escolhas e seguir por outros caminhos. Para dissertar sobre essa mudança profissional, precisarei voltar ao ano de 2017. Ano que conquistei meu lugar de mãe e de onde disfruto desse lugar de fala. Lugar de fala de mãe trabalhadora como o de muitas e muitas mulheres como eu sou.

No ano de 2017, em janeiro chegou a minha vida a pequena Clarisse. O que antes era dividido por dois, passa a ser dividido por três, atenção, tempo, recurso. Clarisse chegou também para multiplicar vida, alegria, sorrisos e trazer-me o lugar de mãe. Desse lugar, precisei aprender a conciliar meu lugar de gestora de escola pública, mãe de um pequeno bebê e todos os outros espaços/tempo que temos da vida. Logo, a logística exigida diariamente para executar com êxito meu trabalho começou a promover reflexões em mim. Para melhor compreensão dessas memórias, falarei brevemente sobre essa logística no próximo parágrafo.

O CE Brigadeiro Nóbrega, localizado em uma plataforma continental, distante cerca de 1h e 30 min do solo continental do município de Angra dos Reis ofertava turmas nos turnos da manhã e da noite requerendo presença do diretor escolar e demais membros da equipe para funcionamento. Após as 18h não existia transporte para deslocamento dos profissionais da escola para o continente. Todos precisavam pernoitar na escola. Com a chegada da Clarisse, essa dinâmica tornou-se cada vez mais pesada. Os ir e vir do mar diariamente, acrescidos da impossibilidade de estar em casa com a minha pequena me levaram a desenvolver um pensamento e planejamento na busca por outras oportunidades profissionais. Foram quatro anos nessa dinâmica. Deixa a pequena na creche, navega, trabalha, lembra a vó, o tio, a prima quem pudesse auxiliar no dia e na hora sobre o horário de buscar a pequena na creche, trabalha outra vez, fecha a escola, dorme no trabalho, acorda no trabalho, lembra o apoio de levar todos os insumos e a pequena para a creche, trabalha, navega, busca a pequena na creche, saudade, saudade, saudade, corre, tem que arrumar tudo porque amanhã a rotina recomeça, dorme.

Tudo começou a ficar mais difícil quando a minha pequena Clarisse começou a verbalizar por meio de poucas palavras o que

sentia em relação a minha rotina de trabalho e de seu pai. A época, após o quinto dia de licença paternidade, o pai precisou voltar ao domicílio de trabalho localizado em Niterói. Por longos quatro anos Clarisse tinha a presença do pai apenas aos finais de semana. Aos domingos, quando chegava a hora da despedida do pai, Clarisse contava nos dedinhos quantos dias deveriam passar até o próximo final de semana. Tempos difíceis para os corações de mãe e de pai. Apesar de ser apaixonada pelo meu trabalho e da minha equipe a frente do CE Brigadeiro Nóbrega, apesar dos muitos resultados ainda esperados para o trabalho desenvolvido, era necessário derivar por novos caminhos e unir a família. Em 2020, com a ocorrência da pandemia e das ações de isolamento social, tivemos enquanto família a oportunidade de conviverem uma mesma casa por três meses. Esse período foi determinante para decidir e buscar mudança. Foi então que em 2020, me inscrevi em um processo seletivo para uma nova função a ser desempenhada em uma outra região geográfica do Estado do Rio de Janeiro e abrangência da Secretaria de Estado de Educação.

Em 2021, fruto do processo seletivo interno, assumi a função de agente de acompanhamento escolar pedagógico e deixei a gestão do CE Brigadeiro Nóbrega. Deixei o lugar de fala da gestora escolar e ocupei o lugar de agente de acompanhamento gestão. Nova função, novos aprendizados, novos desafios, família unida sob o mesmo teto. Com essa escolha consegui unir os espaços profissionais e familiar, reduzir a distância entre mim e a universidade.

Na função de agente de acompanhamento escolar, ganhei a oportunidade de contribuir com o desenvolvimento pedagógico das unidades as quais acompanhava. Viajei do Oiapoque ao Chuí acompanhando unidades escolares na abrangência da Regional da Baixadas Litorâneas. Acompanhei unidades em Búzios, Cabo Frio, Araruama e Niterói. Uma nova saga viajante tomou forma em

minha vida, agora não mais no mar, mas nas estradas. Outro período difícil, mas passei, aprendi e conquistei novas oportunidades. Consegui deixar um pouco de mim e trazer um pouco de cada unidade que acompanhei para mim. Compartilhei, estimei, orientei e conheci novas realidades. Relatarei brevemente um fato vivenciado nesse período no próximo parágrafo.

O ano era 2022, a escola foi o CE Maria Pereira das Neves e o desafio foi estimular a elaboração de uma proposta pedagógica para trabalhar a gentileza no ambiente escolar como forma de intervenção sobre o problema da violência crescente em nossas escolas após a retomada das aulas presenciais em 2021. O CE Maria Pereira das Neves, escola da comunidade do Morro do Preventório, bairro de Charitas do município de Niterói, com imensa preocupação em relação ao papel da escola para a vida dos seus estudantes uniu-se ao CE Brigadeiro Nóbrega para a realização de uma ação pedagógica em comum. O CE Maria Pereira das Neves apresentou-me o desejo de aplicar o teatro como ferramenta pedagógica para despertar a gentileza. Nessa hora, eu fui a pessoa certa com a vivência certa, na hora certa. Enquanto gestora do CE Brigadeiro Nóbrega, tive a oportunidade de apoiar a criação de uma oficina de teatro na escola. Sim, o CE Brigadeiro Nóbrega, oferecia aos seus alunos aprendizado por meio de oficinas de teatro. Fiz a ponte e as duas escolas desenvolveram uma bela ação gentil premiada pela Secretaria de Estado de Educação. Os alunos das duas escolas vivenciaram oficinas de teatro e fizeram um belo intercâmbio cultural. Alunos do Preventório cruzaram os sete mares da Baía da Ilha Grande e viveram um dia de intenso aprendizado e cultura junto aos alunos do CE Brigadeiro Nóbrega. Na semana seguinte, foi a vez dos alunos do CE Brigadeiro Nóbrega conhecerem o CE Maria Pereira das Neves em Charitas. Desses encontros surgiram amizades e memórias compartilhadas até hoje por seus estudantes e professores. O CE Maria Pereira das Neves e sua equipe ganharam novo fôlego para continuar sonhando com

uma escola pública com potencial para transformar vidas e construir projetos. Como agente de acompanhamento de gestão escolar pedagógica construí novas redes de trabalho, de pessoas e conquistei novas oportunidades. Em 2023, recebi um novo convite profissional e assumi uma coordenação regional de ensino. Atualmente tenho a oportunidade de acompanhar e propor ações para melhorar a qualidade do ensino de 95 escolas dos municípios de Arraial do Cabo, Cabo Frio, Búzios, Saquarema, Iguaba, São Pedro da Aldeia, Araruama, Rio Bonito, Maricá e Niterói.

Ops! Peraí, já estou quase no final dessa deriva pelo tempo pretérito das minhas memórias. Não posso deixar de relatar sobre como o doutorado chegou até mim. A oportunidade de doutoramento surge quando já morando em Niterói, conquisto a segurança de buscar editais para me candidatar. Como tudo na vida tem seu tempo e sua hora, em minha primeira busca, encontro o edital do PGCTIN disponível e com um período para escrita de um pré-projeto de pesquisa compatível com a estrutura da minha vida familiar e no trabalho. Encontro dentre os professores do Curso, o professor Luiz Andrade. O mesmo que nos encontros proporcionados pela vida, me ouviu aos 12 anos dizer que cursaria biologia na UFF. Naqueles 12 anos de uma menina que compreendia o tamanho do desafio que seria ingressar em uma universidade pública considerando seu contexto socioeconômico e familiar. O tempo passou, a tão buscada vaga na universidade pública chegou e como dito os 12 anos, biologia na UFF. Na UFF me graduei, tornei-me mestre e agora busco o doutoramento.

Hoje por todos os caminhos percorridos, por todas as dificuldades superadas, por todas as escolhas feitas, falo de muitos lugares. Lugares que me pertencem e que são frutos do meu acoplamento com o mundo, com o meu mundo e de mais ninguém. Falo hoje do lugar da mulher, do lugar da mãe, do lugar da companheira, do lugar da professora, do lugar da gestora

pública, do lugar do mestre, do lugar coordenadora de ensino, do lugar da trabalhadora, do lugar de que ensina, mas também do lugar que aprende, do lugar de filha e também da mãe, do lugar de quem orienta e de quem é orientada, de todos os lugares que são meus, que virão a ser e que não pertencem a mais ninguém.





## NÃO DEIXEI A VIDA ME LEVAR

---

Paulo Henrique Freire Bourdette Ferreira

*Mude seus pensamentos e você  
mudará o mundo.*

*Paulo Henrique Freire Bourdette Ferreira*

### Memorial

Me chamo Paulo Henrique Freire Bourdette Ferreira, sou um homem afro-brasileiro, tenho 47 anos, tenho como profissão a responsabilidade de lecionar na área da educação física, para crianças e jovens deficientes. Hoje iniciarei o relato de meu memorial explicativo, sobre minha vida; meus amores e minha profissão.

Sou nascido em Salvador, no dia 13 de julho de 1974, filho de pais pretos já falecidos, que moravam em Salvador (Bahia). Vim para o Rio de Janeiro, com 1 ano e meio, por esta idade, fui adotado por um casal branco, que já possuíam, em seu contexto, duas filhas biológicas, fui o temporão deste casal e

consequentemente desta família. Fui muito amado, pelos meus pais adotivos, infelizmente já falecidos - Foram e são para mim, minha base, meu norte e meu sul. Essas pessoas – meus pais- me propiciaram um número significativo de possibilidades, até porque eu me encontrava em condições bem peculiares – abrigado- a bem da verdade é que se não fosse por eles, meu fim certamente seria como a grande maioria de meninos que vivem nesse nosso grande Brasil, fadado, ao fracasso ou talvez participando da vida do crime das grandes cidades.

Ao longo do meu desenvolvimento infantil, ou seja, a fase que vai dos 2 aos 5 anos estudei em diversas creches e escolas de formação, meu pai era promotor do ministério da aeronáutica (sendo civil e não militar) – Ao longo de minha formação e das minhas irmãs percebi que este mero detalhe fez total sentido na luta por e pelos direitos humanos. Retornando, meu pai trabalhava o dia inteiro, já minha mãe possuía dois empregos, se dividindo em seu emprego de servidora pública municipal, no hospital Barata Ribeiro e na direção de um colégio e na área de serviço social, do hospital Barata Ribeiro. Eu praticamente ficava com minha mãe o dia inteiro, pois estudava numa escola, pela parte da manhã e na hora do almoço, era pego por ela, almoçávamos, logo em seguida ela adentrava no segundo emprego e eu na segunda escola. Foi uma fase muito prazerosa e feliz, tenho inúmeras saudades de estar com ela.

Por volta de 1985, fui estudar no colégio Batista Shepard, ele se localizava na rua José Hígino, era um colégio enorme, forte nos estudos e nas competições esportivas, foi lá que me dediquei de corpo e alma a participar de eventos esportivos, olimpíadas e jogos estudantis, Tal colégio possuía um excelente quadro de professores. Foi por conta dos mestres na área de educação física, que me tornei professor.... Foi lá também que senti o primeiro amor, sentimento que até então, só conhecia em viagens, quando

distante de meus fraternos pais. Estudei no Batista até 1991.... Daí fui alçar outros ares, a troposfera.

Desde pequeno sempre gostei de nadar, seja no mar ou piscina; da sensação de perda do próprio corpo dentro d'água e consequentemente de sua recuperação logo em seguida. Meu pai sempre foi um grande incentivador e investidor de minhas aventuras poliesportivas, em função disto, em 1992 fui competir pela ACM (Associação Crista de Moços), em Joao Monlevade, Minas Gerais, em função desta competição, pude conhecer pessoas de outras unidades da federação, ficando bastante amigo da delegação do Rio Grande do Sul.

Por conta das amizades, amores e o esporte, fui morar no Rio Grande do Sul, especificamente em Porto Alegre, lá acabei terminando o ensino fundamental – que em 1992 chamava-se científico. Em Porto Alegre obtive a minha primeira experiência profissional, trabalhando como ajudante de preparação física, no Sport Club Internacional. Retornei para o Rio de Janeiro no início de 1993, fiz um ano de cursinho preparatório para o vestibular, perdendo quase sempre as provas para as federais e estaduais, por conta de treinos. Mas adentrei em 1994 para Educação Física, na UNESA (Universidade Estácio de Sá). Alcançando assim outros ares, a estratosfera.

Meus anos dentro da Universidade, foram anos dourados, difíceis, mais prazerosos, pela conquista step by step. Não fiz grandes amizades quantitativamente falando, ainda hoje falo com duas colegas (Ana Rúbia e Wanja) que me foram amizades valiosas e duradouras. Foi ainda na Universidade, que intensifiquei meus primeiros estágios em docência, tanto em natação, como no desenvolvimento psicomotor e psicomotricidade. Participei de encontros nacionais, congressos e seminários da área. No que diz respeito aos trabalhos no campo da educação física, pude ser coordenador da Vila Olímpica da Mare, projeto este que visava a

formação de jovens atletas moradores de poli comunidades cercadas pelo tráfico e milícia para a representação do Brasil, nos jogos Para Olímpicos e Olímpicos. Trabalho que gostei bastante de realizar, principalmente por estar em contato com pessoas de outras classes sociais. Ainda em outra linha, mas dentro da educação física, fui professor auxiliar (estagiário), na escola de natação Estilo, trabalhando com iniciação aquática, para bebês, crianças, jovens e adultos, durante dois anos. Seguindo na linha de professor auxiliar, pude também trabalhar com futebol, fui supervisor do Estádio Futebol Clube, assim como das categorias de base.

Em 1997 consegui me formar e obter a licenciatura/bacharelado em Educação Física, grande orgulho senti, pois em minha formatura, estavam presentes todos os meus familiares. Fiquei desempregado seis meses, após ter me formado. Foi em 1998 que fui trabalhar na maior academia do Rio de Janeiro, chamada Estação do Corpo, fiquei nesta academia por 10 anos fiz grandes amizades, em função do salário ser significativamente bom, foi possível morar um tempo nos Estados Unidos da América, durante um mês e meio. Nos U.S.A foi possível estudar numa cidade chamada Seattle, mais especificamente no Colégio Americano de Medicina do Esporte (ACSM). De volta para o Brasil, continuei meus estudos e fui fazer uma pós-graduação em Ciência do Treinamento Desportivo, na extinta Universidade Gama Filho.

Em 2004 me desliguei do emprego na grande Academia Estação do Corpo e fui convidado para trabalhar na PETROBRAS S.A. Nesta empresa trabalhei de 2004 a 2015. Pude neste momento realizar diversos cursos, melhorando minha ambiência corporativa e me qualificando cada vez mais. Por conta dos jogos Pan-Americanos, que foram sediados no Brasil, em 2005 e 2006 realizei um MBA (Master Business Administration) no IBMEC (Instituto Brasileiro de Mercados e Capitais) em gestão de negócios, para entrar no ramos de gestão desportiva, não obtive efetividade

nenhuma pois o mercado, além de ser muito fechado era altamente corporativo.

Foi em 2005, que minha vida mudou de ponta cabeça... Minha segunda filha nasce, mas no nono mês ela é contaminada com meningite bacteriana. Fiquei 45 dias internado com ela no CTI pediátrico do hospital infantil clínica da criança, ao sairmos minha filha não era a mesma que veio ao mundo muito menos meu casamento.

Me divorciei, momento difícil, agora eu fazia parte das estatísticas dos casais que se casam cedo e sucumbem as primeiras dificuldades. Obtive muita ajuda de meus familiares. Tinha que traçar uma nova rota, pessoal, financeira, social e quem sabe amorosa. Continuei na Petrobras, mas já não tinha o mesmo animo, e tesão para estar ali – mil coisas aconteciam – Foi neste momento que separado, comecei a acompanhar as terapias de minha pequena (Duda). Desta forma um outro universo se desenhou a minha frente, daí mais uma vez fui para a Mesosfera.

Acompanhando o processo terapêutico de minha filha, observei que algo me chamava a atenção, queria participar e ao mesmo tempo, estar participando de tudo. Quando obtive certeza que não mais gostaria de estar integralmente na Petrobras, e sim em meio período, fiz a transição. Inicialmente alternei meus horários na empresa e logo em seguida fui fazer uma formação psicomotora de dois anos, chamada PPA: pratica psicomotora Accounturier. Esta prática me capacitava a trabalhar com bebês, crianças e jovens, me utilizando das práticas psicomotoras e tendo um arcabouço teórico - científico, De diversos autores que compunham os estudos na área do desenvolvimento infantil, tais como: Freud, Winnicot, Lapierre, Didier Anzieu e outros....

**Figura 1** – Minhas crias



**Fonte:** Arquivo Pessoal

Foi também neste período que fiz meu mestrado, na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), aproveitei meus conhecimentos e contatos da área de gestão desportiva e escrevi sobre: mídia televisiva, patrocínio e futebol. Com o mestrado encerrava um ciclo numa área que não se iniciou, mas que aprendi bastante.

Fui mantendo dois empregos, uma na Petrobras e outro atendendo crianças e jovens deficientes. Eu tinha consciência que em algum momento teria que optar, pois já estava fiando difícil conciliar as duas práticas. Em 2010, surge uma oportunidade de abrir uma sala em um clube, próximo da minha casa. Não pensei duas vezes, comprei os materiais e lá fui eu atender bebes, e jovens que nasciam ou tinham suas questões motoras ou subjetivas. Aos poucos minha agenda foi ficando cheia, e num belo dia, mais precisamente em 2015, fui chamado ao RH da empresa terceirizada

da Petrobras, para que eu me desligasse totalmente das minhas funções. Especificamente era o início da Lava – Jato.

Foi um difícil se acostumar ao novo modelo, pois antes eu e minhas filhas tínhamos benefícios, como plano de saúde, cartão alimentação, agora eu e os pais adentrávamos em um momento que nunca mais será esquecido: uma grande crise institucional se instalou e não foi uma marolinha. Tive que sobreviver e me desfazer de um pequeno capital que com bastante esforço, tinha conquistado nos 12 anos que trabalhei na Petrobras, aos poucos vi meus recursos irem pagar dívidas, pensão e etc....

Continuei trabalhando com os atendimentos, mas tive que reconfigurar as minhas opções, desta forma fui trabalhar em um bar de um amigo, chamado clube do samba, la operava o balcão e o caixa, foi um momento enriquecedor, pois conhecia pessoas dos diferentes naipes e quilates. Aos poucos fui conseguindo me inserir especificamente, na área pretendida – clínica de reabilitação infantil.

Em 2016, consegui realizar uma entrevista para uma Clínica que trabalhava com crianças e jovens em processo de asilamento, chamava- se: Obra Social Dona Meca, foi um trabalho bastante significativo, mas bastante doloroso. A equipe e eu, adentrávamos nas vidas de pessoas extremamente desfavorecidas economicamente e socialmente, e a partir daí traçávamos um plano terapêutico, para as crianças e jovens. Uma parte deste processo era financiado pelo estado e a outra parte por parcerias público – privadas. No tocante ao trabalho me sinto gratificado, mas no que diz respeito a máquina pública, foi possível perceber o descaso e a lentidão nos processos que envolviam; o bem-estar dos indivíduos.

Já em 2017, quando não mais me encontrava neste lugar (OSDM) Obra Social Dona Meca, participei de um processo seletivo para a clínica Interagindo, nesta lugar foi possível vivenciar os processos terapêuticos de uma forma multidisciplinar, trabalhando

e trocando ativamente com fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogas, musico terapeutas, e artistas circenses.... Também adentra neste escopo, petherapy – um conceito de terapia que utiliza animais, para facilitação social.

Dentre as práticas que mais tenho orgulho é de minha militância no campo da luta por melhores condições de vida, saúde, bem-estar social, políticas afirmativas, direitos humanos e etc.... Esta bandeira e reafirmada pelos partidos de esquerda no Brasil e no mundo. Minha primeira participação neste campo foi na DIRETAS JÁ, fui levado pela minha irmã mais nova, que se chama Eleonora Freire. Mais à frente estive numa relação com uma defensora pública que era muito engajada politicamente, tal pessoa me influenciou bastante nos estudos políticos e sociais, principalmente no que diz respeito ao aprofundamento das variáveis que dizem respeito a cor, raça e gênero.

Termino este memorial, com uma foto que bastante me representa nos últimos tempos: que significa a luta e resistência, com amor e responsabilidade, foto esta que foi tirada com alguns companheiros de profissão e de jornada.



Figura 2 – Amigos Professores de Atos e Passeatas



Fonte: Arquivo Pessoal



# ÍNDICE REMISSIVO

---

## A

Arte	3, 28, 30, 153, 156
Artística	135, 152, 154
Autismo	18, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 118, 163
Autista	57, 119

## C

CMPDI	10, 13, 14, 25, 26, 75, 115, 118
-------	----------------------------------

## D

Deficiência	27, 78
Ditadura Militar	171
Doutorado	32, 49, 59, 62, 79, 131, 157, 166

## E

Educação	3, 11, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 29, 30, 33, 34, 36, 59, 69, 70, 75, 78, 79, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 129, 132, 158, 159, 160, 161, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 190, 195, 196
Educação Especial	12, 34, 104, 105, 110, 111
Educação inclusiva	3, 33
Ensino	3, 4, 11, 12, 46, 59, 118, 158, 159, 161, 162, 181
Escola	1, 14, 17, 27, 30, 34, 50, 63, 65, 87, 89, 92, 93, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 159, 183, 184, 185
Especial	12, 34, 104, 105, 110, 111

## F

Filho	4, 197
Formação	46, 132, 159

## G

Graduação	4, 32, 33, 51, 59, 62, 75, 129, 133, 151, 160
-----------	---

## I

Inclusão 8, 13, 16, 25, 26, 27, 30, 32, 33, 34, 51, 57, 62, 75, 76, 78, 80, 106, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 131, 149, 157, 158, 162, 163, 166

## L

Libras 17, 18

## M

Memória 4  
Mestrado 13, 14, 16, 25, 26, 45, 75, 76, 80, 115, 118, 128, 129, 163, 164, 165

## P

Pais 73, 121  
Pedagogia 21, 105, 111, 112, 158, 160, 167, 176  
Pós-graduação 26, 69, 78, 148, 161, 162, 164, 165  
Professor 41, 109, 111

## T

Trabalho 36, 129, 161, 185, 196

## U

UFF 10, 16, 25, 26, 27, 41, 49, 50, 51, 53, 62, 77, 101, 104, 112, 113, 131, 149, 158, 176, 179, 191

## SOBRE OS ORGANIZADORES

---

### **Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior (Gilson Pôrto Jr.)**

Realizou estágios Pós-doutorais na Universidad de Cádiz (Espanha), na Universidade de Coimbra (Portugal), na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e na Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA) e professor adjunto na Universidade Federal do Tocantins (UFT), professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (doutorado/PGCTIN-UFT), Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (UFT), e no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: gilsonporto@mail.uft.edu.br

### **Sinomar Soares de Carvalho Silva**

Doutorando em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn) na Universidade Federal Fluminense. Possui mestrado em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins, Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas contemporâneos (UFT) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo também pela Universidade Federal do Tocantins (2009),(UFT). E-mail: sinomaruft@mail.uft.edu.br



# **TORNANDO-ME DOUTOR/A:** memórias de ensino e aprendizagem

Organizadores:  
**Gilson Pôrto Jr.**  
**Sinomar Soares de Carvalho Silva**



**Observatório**  
Edições

ISBN: 978-6-59818-205-2



9 786598 182052